

**UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA  
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
SUSTENTÁVEL**

**NERON ALIPIO CORTES BERGHAUSER**

**FELICIDADE NA RURALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DO BEM-ESTAR  
SUBJETIVO NA PERMANÊNCIA DO AGRICULTOR FAMILIAR AO CAMPO**

**TESE DE DOUTORADO**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PARANÁ - BRASIL  
2023**

**NERON ALIPIO CORTES BERGHAUSER**

**FELICIDADE NA RURALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DO BEM-ESTAR  
SUBJETIVO NA PERMANÊNCIA DO AGRICULTOR FAMILIAR AO CAMPO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento territorial, meio ambiente e sustentabilidade rural.

Orientadora: Profª Drª Sandra Maria Coltre

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PARANÁ - BRASIL  
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Cortes Berghauser, Neron Alipio  
FELICIDADE NA RURALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DO BEM-ESTAR  
SUBJETIVO NA PERMANÊNCIA DO AGRICULTOR FAMILIAR AO CAMPO /  
Neron Alipio Cortes Berghauser; orientadora Sandra Maria  
Coltre. -- Marechal Cândido Rondon, 2023.  
117 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) --  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências  
Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural  
Sustentável, 2023.

1. Agricultura Familiar. 2. Dimensões do FIB. 3.  
Felicidade. 4. Permanência. I. Coltre, Sandra Maria, orient.  
II. Título.



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon

Centro de Ciências Agrárias – CCA

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado

## **NERON ALÍPIO CORTES BERGHAUSER**

### **“FELICIDADE NA RURALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DO BEM-ESTAR SUBJETIVO NA PERMANÊNCIA DO AGRICULTOR FAMILIAR AO CAMPO”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, de forma remota/síncrona, com uso da tecnologia de videoconferência, por meio das diversas opções de software/aplicativos disponíveis para essa modalidade, conforme Ordem de Serviço nº 01/2023 – GRE, artigo 1º, em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de **DOCTOR** em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Desenvolvimento Territorial, Meio Ambiente e Sustentabilidade Rural, **APROVADO** pela seguinte banca examinadora:

Sandra Maria Coltre - Orientadora  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Adriana Maria De Grandi - Membro  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Wilson João Zonin - Membro  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Rosilene de Fátima Fontana - Membro  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Luciano da Costa Barzotto - Membro  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Marechal Cândido Rondon, PR, 06 de março de 2023.

Prof. Dr. Wilson João Zonin  
Coordenador Especial do PPGDRS  
Portaria nº 4178/2020 – GRE

## Dedicatória

A Deus, que esteve, está e sempre estará comigo, inspirando, apoiando e incentivando meus passos, como foram estes para a conclusão da tese.

A meus pais, Leonardo e Maria da Luz, (*in memoriam*), base fundamental em minha formação pessoal, profissional e espiritual.

A meus filhos Tatiana, Francieli e Guilherme, suas mães Maura e Eliane, meus netinhos Mariana e Noa (deverá nascer em junho), razões principais que me conduziram e incentivaram a esta conclusão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente Deus, por estar sempre em meu caminho semeando anjos que inspiram e incentivam as decisões e atitudes de minha vida.

Meus pais, Leonardo e Maria da Luz, (*in memoriam*), como os primeiros e principais exemplos que tentei e tento seguir até hoje. Agradeço e rogo que continuem abençoando meus caminhos.

A meus filhos Tatiana, Francieli e Guilherme, como também às suas mães Maura Costa e Eliane Aurélia, e meus netinhos Mariana e Noa (nascerá em junho). Vocês sempre foram as razões principais que me conduziram e incentivaram a perseguir este sonho, que muitas vezes pensei ter perdido.

Aos meus irmãos, Marinaldo (*in memoriam*), Lily, Hélio e Marcos (Kiko), bem como cunhadas, sobrinhos, sobrinhos-netos, pelo apoio e pela confiança que sempre depositaram em mim. Tios, primos e demais familiares, cada um de vocês contribuiu para este trabalho.

A todos os componentes e agregados das famílias das Vovós Iracy, Da Luz, Aurélia e Balbina, (são dezenas de nomes, e todos cabem em minhas lembranças) sou eternamente feliz e grato a Deus por tê-los, sempre, ao meu lado.

À professora e amiga Sandra Maria Coltre, minha eterna orientadora; sou agradecido e feliz por Deus ter te colocado (juntamente com o Paulo) em meu caminho, confiando em minha capacidade. Muito obrigado pela sua dedicação, abdicção e amizade ao longo de toda esta jornada. Sua atenção, apoio e disponibilidade foram fundamentais para eu chegar a este resultado. Repetidas vezes você abdicou de seu tempo livre para orientar e apoiar. Procuro levar isto como um exemplo para as minhas aulas e orientações.

Aos membros da banca examinadora, professores Adriana Maria De Grandi, Rosislene de Fátima Fontana, Luciano da Costa Barzotto, Wilson João Zonin e Valdecir José Zonin pelas excelentes contribuições para o melhoramento deste trabalho, foi um privilégio aprender com suas ideias e sugestões.

Aos abençoados casais Rafael e Marcia Arioli, Edson e Lourdes Junior, Sidnei e Elione Rodrigues, Estor e Marinês Gnoatto, Marcelo e Daniele Manenti, Giovano e Jucieli Mayer, e aos compadres Dirceu e Paula Melo e Everton e Ângela Justen que sempre me apoiaram e incentivaram, recebendo-me em suas casas para aquele momento de descontração tão necessário durante esta caminhada.

Um agradecimento especial aos meus irmãos adotivos, Carlos Laércio e esposa Leonice Wrasse, e Oldair e Lucy Leite, que sempre tiveram palavras certas e oportunas para que eu nunca me sentisse sozinho ou desamparado neste estressante caminho.

Aos professores do Departamento Acadêmico de Produção e Administração da UTFPR Medianeira, por todo o apoio e incentivo sempre dedicados, em especial para Bethânia, Marcio, Sérgio, Carine, Luciano, Peterson e Lidiana.

Ao todos os meus amigos de Furnas e seus familiares – em especial ao Zé Maria e Martinha Rego, Wilson (Bina) e Ana Sampaio, e Marco Aurélio e Cristina Ferreira – pela confiança e apoio de sempre. Uma parte desta conquista é de vocês e suas (minhas) queridas famílias.

Sou imensamente feliz e agradecido ao PPGDRS da UNIOESTE, *campus* Marechal Cândido Rondon, programa em que fui completamente acolhido por todo o seu corpo docente, em especial, agradeço às técnicas administrativas Lisete Maria Eckstein Fredo e Kelnir Kunkel. Sinto-me grato por poder participar deste programa que promove e dissemina a felicidade. Inspiradores especiais muito lembrados, Adilson, Dirceu, Alvori, Alteviri, Clério, Nelza, Nardel, Adriana, Valdecir e Wilson Zonin.

A todos os colegas das turmas 2018 (aluno especial) e 2019 do curso por me permitirem compartilhar tantos momentos de aprendizagem e crescimento pessoal e profissional, além daqueles de descontração que tanto contribuem para a nossa felicidade, em especial Nandri, Kleitson, Luiz, Clara, Flávia, Andreia, Edirce, Márcia, Juçara, Veridiany e tantos outros.

A todos os professores e técnicos administrativos da UTFPR *campus* Medianeira, representados na figura de seu diretor Cláudio Leones Bazzi pelo apoio de sempre e, em especial às queridas amigas Cristiane Canan e Aziza Genena pelo apoio incondicional.

Meu agradecimento e reconhecimento aos agricultores familiares da região de Medianeira, por aceitarem participar da pesquisa e contribuírem com seus saberes únicos e eternos. Que a importância do seu papel possa ser reconhecida pela sociedade provando que a agricultura familiar é fundamental na promoção da felicidade, por consequência, do desenvolvimento rural e sustentável.

A CAPES, entidade gestora de pós-graduação *stricto sensu* no país, agradeço pelos recursos e pelo apoio ao programa.

Amo a vida.  
Fascina-me o mistério de existir.

Quero viver a magia  
de cada instante,  
embriagar-me de alegria.

Que importa a nuvem no horizonte,  
chuva de amanhã?  
Hoje o sol inunda o meu dia.

ALEGRIA DE VIVER  
**Helena Kolody - 1987**

## LISTA DE SIGLAS

- APS - *American Psychological Association*
- BES - Bem-estar Subjetivo
- DRS - Desenvolvimento Rural Sustentável
- EUA - Estados Unidos da América
- FIB - Felicidade Interna Bruta
- GDP - *Gross Domestic Product*
- GNH - *Gross National Happiness*
- GNW - *Gross National Well-being*
- HDI - *Human Development Index*
- IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
- ODM - Objetivos do Milênio
- ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
- OECD - *Organization for Economic Cooperation and Development*
- ONU - Organização das Nações Humanas
- PIB - Produto Interno Bruto
- PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar
- PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PP - Psicologia Positiva
- PPG - Programa de Pós-Graduação
- PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- SWB - *Subjective Well-being*
- UFC - Universidade Federal do Ceará
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UnB - Universidade Nacional de Brasília
- Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
- USP - Universidade de São Paulo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Representação da evolução do conceito de felicidade.....	29
<b>Figura 2</b> - Representação sobre a Psicologia Positiva .....	31
<b>Figura 3</b> - Representação de marcos na mensuração da felicidade .....	39
<b>Figura 4</b> - Representação do modelo do FIB.....	53
<b>Figura 5</b> - Detalhe da localização da cidade de Medianeira no Estado do Paraná .....	56
<b>Figura 6</b> - Imagem da escala usada na aplicação da entrevista .....	59
<b>Figura 7</b> - Distribuição dos pesquisados quanto a Idade e Gênero .....	61
<b>Figura 8</b> - Distribuição dos pesquisados quanto ao Estado Civil e Escolaridade .....	61
<b>Figura 9</b> - Distribuição dos pesquisados quanto ao Tempo de Campo e Renda Familiar ....	62
<b>Figura 10</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por faixa etária.....	63
<b>Figura 11</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por gênero .....	64
<b>Figura 12</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por estado civil.....	65
<b>Figura 13</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por escolaridade .....	66
<b>Figura 14</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por tempo de campo	67
<b>Figura 15</b> – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por renda familiar.....	68
<b>Figura 16</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por faixa etária .....	69
<b>Figura 17</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por gênero .....	70
<b>Figura 18</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por estado civil .....	70
<b>Figura 19</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por escolaridade .....	71
<b>Figura 20</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por tempo de campo ..	72
<b>Figura 21</b> – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por renda familiar .....	73
<b>Figura 22</b> – Gráfico Felicidade x Permanência com seus comandos e opções para análises .....	79
<b>Figura 23</b> – Exemplo da tela demonstrando a relação felicidade x permanência segmentado por escolaridade para as 9 dimensões do FIB .....	79
<b>Figura 24</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por faixa etária ...	80
<b>Figura 25</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por gênero.....	81
<b>Figura 26</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por estado civil ...	82
<b>Figura 27</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por escolaridade.	82
<b>Figura 28</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por tempo de campo.....	83
<b>Figura 29</b> – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por renda familiar mensal.....	83
<b>Figura 30</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão bem-estar psicológico.....	84
<b>Figura 31</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão saúde .....	84
<b>Figura 32</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão educação ....	85
<b>Figura 33</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão culturas e tradições .....	85
<b>Figura 34</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão tempo de trabalho e descanso .....	86
<b>Figura 35</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão governo em geral .....	86
<b>Figura 36</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão relações na comunidade .....	87
<b>Figura 37</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão ecologia e meio-ambiente .....	87
<b>Figura 38</b> – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão padrão de vida .....	88

<b>Figura 39</b> – Relação felicidade x permanência, por dimensões do FIB, valores consolidados .....	89
<b>Figura 40</b> – Diferenças entre permanência e felicidade agrupadas por dimensões do FIB .	90
<b>Figura 41</b> – Dimensões que mais e que menos contribuem para a permanência no campo	92

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1</b> - Variáveis de Felicidade adaptadas do FIB usadas na pesquisa .....	58
<b>Quadro 2</b> – Dimensões de maior e de menor contribuição na felicidade e permanência no campo .....	91
<b>Tabela 1</b> – Distribuição das notas de grau de Felicidade agrupadas por dimensão e elementos do perfil dos pesquisados .....	74
<b>Tabela 2</b> – Distribuição das notas de grau de Permanência agrupadas por dimensão e elementos do perfil dos pesquisados .....	75
<b>Tabela 3</b> – Distribuição das médias das notas pela escala de grau de Felicidade ...	77
<b>Tabela 4</b> – Distribuição das notas pela escala de grau de Permanência.....	78

BERGHAUSER, Neron Alípio Cortes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Fevereiro de 2023; **Felicidade na Ruralidade: a contribuição do Bem-Estar Subjetivo na permanência do agricultor familiar ao campo**. Sandra Maria Coltre, Orientadora.

## RESUMO

Este estudo, do tipo descritivo, investigou como os fatores de felicidade que contribuem para a permanência do agricultor rural no campo. A felicidade, também expressa como bem-estar subjetivo, enquanto um sentimento genuinamente humano, resulta da percepção de uma série de condições externas e internas ao indivíduo e que podem contribuir muito para o crescimento enquanto ser social. Ela pode ser produzida pela experimentação de determinados estados mentais, tais como alegria, saúde, amor, serenidade, contentamento, segurança, saciedade ou até mesmo o prazer sexual. Felicidade também é concebida como o grau em que uma pessoa considera a totalidade de sua vida atual de maneira positiva e experimenta afetos de um tipo agradável. A pesquisa possui um corte transversal em 2022 sem considerar a evolução dos dados no tempo. A população pesquisada foi composta por 121 agricultores familiares da Região Oeste do Estado do Paraná. O instrumento de coleta foi uma entrevista estruturada, adaptada do FIB (indicador de Felicidade Interna Bruta), modelo proposto para a avaliação do grau de felicidade de um grupo social, que contém 9 dimensões: Bem-estar psicológico; Saúde; Educação; Cultura e tradições; Uso do tempo; Governo; Relações com a comunidade; Aspectos ecológicos e meio-ambiente; e Padrão de vida. Concebido como um meio alternativo para a avaliação do grau de desenvolvimento de uma nação, ao inserir elementos sociais e comportamentais, o FIB se propõe a ampliar o olhar sobre a qualidade de vida e o bem-estar de uma determinada população. Os resultados apontaram que há uma forte presença de aspectos pessoais ou individuais tanto na avaliação da felicidade quanto na permanência, comparando com as demais. Indicaram que ainda, há aspectos prioritários relacionados ao seu bem-estar na propriedade que precisam ser atendidos em detrimento daqueles de cunho geral. As dimensões de felicidade, saúde, educação e padrão de vida, receberam as maiores pontuações positivas enquanto as de viés coletivo como governo, relações com a comunidade e questões ecológicas de meio-ambiente foram as de menor pontuações positivas avaliadas.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar. Dimensões do FIB. Felicidade. Permanência.

BERGHAUSER, Neron Alípio Cortes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Fevereiro de 2023; **Happiness in Rurality: the contribution of Subjective Well-Being in the permanence of the family farmer in the field.** Sandra Maria Coltre, Orientadora.

### **ABSTRACT**

This descriptive study investigated as the happiness factors that contribute to the permanence of the farmer in the countryside. Happiness, also expressed as subjective well-being, as a genuinely human feeling, results from the perception of several external and internal conditions to the individual and can contribute greatly to growth as a social being. It can be produced by experimenting with certain mental states, such as joy, health, love, serenity, contentment, safety, satiety, or even sexual pleasure. Happiness is also conceived as the degree in which a person considers the totality of his current life positively and experiences affections of a pleasant type. The research has a crosscut in 2022 without considering the evolution of data over time. The population researched was composed of 121 family farmers from the western region of the state of Paraná. The collection instrument was a structured interview, adapted from FIB (gross internal happiness indicator), a model proposed for the assessment of the degree of happiness of a social group, which contains 9 dimensions: psychological well-being; Health; Education; Culture and traditions; Use of time; Government; Relations with the community; Ecological and environmental aspects; and standard of living. Conceived as an alternative means for assessing the degree of development of a nation, by inserting social and behavioral elements, FIB proposes to broaden the look at the quality of life and well-being of a particular population. The results pointed out that there is a strong presence of personal or individual aspects in both the assessment of happiness and permanence, compared to the others. They have indicated that there are also priority aspects related to their well-being on the property that need to be attended to those of a general nature. The dimensions of happiness, health, education, and standard of living received the highest positive scores while those of collective bias such as government, community relations, and environmental issues were those of the lowest positive scores evaluated.

**Keywords:** Family farming. GNH dimensions. Happiness. Staying.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FELICIDADE .....</b>	<b>22</b>
2.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA PARA A FELICIDADE .....	29
2.2 ESTUDOS ANTECEDENTES PARA A MENSURAÇÃO DA FELICIDADE .....	33
2.3 DESENVOLVIMENTO RURAL E SUSTENTÁVEL .....	39
2.3.1 A Permanência no Campo e o Desenvolvimento Rural.....	45
2.4 INDICADOR DE FELICIDADE INTERNA BRUTA - FIB.....	49
2.5 EXCERTOS SOBRE A FELICIDADE NO BRASIL.....	54
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>56</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>60</b>
4.1 DADOS QUANTO AO PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	60
4.2 RESULTADOS QUANTO ÀS MÉDIAS ATRIBUÍDAS PELOS PESQUISADOS .	62
4.2.1 Análise da Felicidade Relatada nas Dimensões do FIB .....	63
4.2.2 Análise da Permanência Declarada nas Dimensões do FIB .....	68
4.2.3 Análise das médias das notas atribuídas ao grau de Felicidade.....	73
4.2.4 Análise das médias das notas atribuídas ao grau de Permanência .....	75
4.3 RESULTADOS QUANTO À DISTRIBUIÇÃO DAS NOTAS NA ESCALA .....	76
4.3.1 Análise da distribuição das respostas para o grau de Felicidade.....	76
4.3.2 Análise da distribuição das respostas para o grau de Permanência .....	77
4.4 RESULTADOS QUANTO À RELAÇÃO FELICIDADE X PERMANÊNCIA.....	78
4.4.1 Relação felicidade x permanência pela ótica do perfil dos entrevistados.....	80
4.4.2 Relação felicidade x permanência pela ótica das dimensões do FIB .....	84
4.5 ANÁLISE CONSOLIDADA DA RELAÇÃO FELICIDADE X PERMANÊNCIA.....	88
4.6 VISÃO GERAL DOS FATORES DE FELICIDADE E PERMANÊNCIA .....	90
4.7 CONTRIBUIÇÃO DAS DIMENSÕES NA PERMANÊNCIA NO CAMPO.....	91

<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>114</b>
<b>FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS .....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento rural sustentável pode ser considerado um fenômeno resultante das interações entre os atores pertencentes a uma rede inserida em um território campesino. A intensidade e a abrangência com que estas interações acontecem, são fatores que permitem o surgimento de um sentimento coletivo, por meio do qual cada indivíduo, desempenha seu papel interferindo e sofrendo influência diariamente. Esta área do conhecimento tem se destacado no cenário acadêmico por voltar-se às práticas, interações sociais e uso de tecnologias no meio rural, primando pela solidariedade e sustentabilidade; surgem então, diversas áreas que demandam pesquisas mais aprofundadas. Assim, elenca-se o agricultor familiar, como um dos elementos-chave para promover o desenvolvimento sustentável do território ao qual pertence, principalmente quando nele permanece e dele obtém condições de subsistência.

Para que o desenvolvimento ocorra em um território de forma sustentável, entende-se que a permanência do agricultor é condição *sine qua non*. No entanto, no Brasil das últimas décadas, o crescimento do fenômeno do êxodo rural preocupa pelos efeitos negativos causados tanto no campo quanto nas áreas urbanas (ALVES, 2009, 2013). Boff (2016) exprime que as necessidades fundamentais das pessoas podem ser satisfeitas quando imersas em um espaço sustentável. Dentre aquelas relacionadas pelo autor, destaque é dado para a liberdade, enquanto foco principal a partir do qual emergem todas as demais necessidades. Segundo ele, o desenvolvimento sustentável pode ser alcançado, partindo da utilização racional e otimizada dos recursos e serviços oferecidos com e pelo próprio bioma em que o ser humano está inserido.

Neste sentido, entender os aspectos que promovem a permanência do agricultor familiar no campo, envolve fatores subjetivos e objetivos. Breitenbach e Troian (2020) descrevem que os aspectos subjetivos se relacionam a como este ator interpreta e avalia sua vida de forma geral; já os objetivos envolvem os resultados concretos de sua relação com as variáveis econômicas, sociais e pessoais que o levam a tomar a decisão de ficar ou abandonar o local em que vive, buscando novas alternativas de vida. Spanevello (2008) complementa que a opção em permanecer vivendo em seu espaço, está relacionada ao fato de as pessoas sentirem-se dentro

de sua área de conforto, com uma sensação de bem-estar que supera as dificuldades do cotidiano.

Ao procurar compreender a dinâmica relacionada à sensação de bem-estar, percebe-se que se trata de uma condição humana ligada a variáveis por vezes complexas, e que, recentemente, têm sido objeto de pesquisas mais aprofundadas. Isto demonstra que o assunto representa uma oportunidade que demanda discussões à luz da ciência. No caso da sensação de bem-estar, recentemente uma expressão tomou espaço entre pesquisadores que estudam as condições do ser humano e o que o conduz a tomar certas decisões que foi felicidade, entendida como um sentimento pessoal que resulta da percepção de uma série de condições externas e internas ao indivíduo e que podem contribuir muito para o crescimento enquanto ser social. Desta forma, este trabalho originou-se com o foco na sensação de bem-estar percebida por atores da agricultura familiar, e a sua relação com a decisão em permanecer no campo.

Na literatura especializada, Csikszentmihalyi (1997), Seligmann e Csikszentmihalyi (2000), McMahon (2009), Lyubomirsky (2013), Grenville-Cleave (2016), simetizam o sentido da expressão bem-estar subjetivo (*subjective well-being*) com felicidade (*happiness*), concordando que se trata de um complexo de emoções que influenciam positivamente as condições de vida; e que esta sensação pode ser mensurada seguindo métodos preestabelecidos pela ciência.

Na percepção destes autores, a condição procurada pelo ser humano desde sua origem, a obtenção de vida ideal, mesmo que ilusória, está intimamente relacionada com estados emocionais que levam o indivíduo, em sua avaliação pessoal frente a sua condição de vida, alcançar a sensação plena de felicidade. Apesar de ainda ser caracterizado como um fenômeno de difícil definição e avaliação, o bem-estar subjetivo, ou BES, passou, há alguns anos, a ser pesquisado com maior profundidade e abrangência, tornando-se assunto frequente no ambiente acadêmico. Atualmente, inúmeros estudos são realizados com propostas de mensuração do grau de BES, sendo possível, portanto, haver uma classificação de grupos sociais, populações, ou mesmo organizações consideradas mais felizes do que outras.

Estudos acerca do bem-estar subjetivo ou felicidade, passaram a ganhar mais destaque e contribuições científicas com a criação da chamada Psicologia Positiva na década de 1990, capitaneada por psicólogos como Martin E. P. Seligman, Mihaly Csikszentmihalyi, Ed Diener, Nancy Etcoff, Dan Gilbert e outros, que passaram a

questionar alguns preceitos da Psicologia tradicional. Para estes pesquisadores, essa ciência, até então, focava seus estudos exclusivamente na resolução de transtornos, traumas e frustrações do ser humano, mitigando suas principais causas, ou seja, o objetivo consistia em tentar diminuir a infelicidade das pessoas. Com a Psicologia Positiva, são propostas mudanças nos objetivos de trabalho; a ideia agora é procurar por meios que intensifiquem a sensação plena de bem-estar. Enquanto na Psicologia tradicional, o foco era a doença, com a Psicologia Positiva, passa-se a trabalhar a saúde e os aspectos que a determinam no ser humano, esteja ele na cidade ou no campo.

Diante do cenário exposto há o entendimento que a agricultura familiar seja uma fonte da qual se possa levantar informações que contribuirão para diversos estudos, cujos resultados têm potencial capacidade para a promoção do desenvolvimento dos espaços rurais. Duarte e Alves (2016) expressam a importância que a pesquisa em diversas áreas e o conhecimento científico representam para o desenvolvimento do setor rural. Conhecer, com profundidade, as dinâmicas que conduzem ao bem-estar dos atores presentes na agricultura familiar, pode ser um caminho para a diversificação de oportunidades que melhorem a geração de renda e a permanência mais sustentável do homem ao campo.

Nesta busca, Hutz (2014; 2016), Albuquerque *et al* (2004), Delsignore, Aguilar-Latore e Oliván-Blásquez (2021), descreviam a existência de uma série de propostas para se avaliar o grau de felicidade em grupos sociais, cada um partindo de distintos pressupostos teóricos, metodológicos, contextos sociais e comportamentais. Parte destas ferramentas contribuíram para criação de um instrumento de mensuração da felicidade que tem sido referência em muitos países, e que se pretende usar como base para a realização deste trabalho. Trata-se do sistema de avaliação do grau de felicidade de grupos sociais, conhecido por Indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB), ou GNH (*Gross National Happiness*); originalmente criado na década de 1970 e aplicado no reino do Butão (Ásia), para ser posteriormente disseminado pelo mundo, por iniciativa da ONU, a partir de 2011. Chen (2015), Van Den Berg (2009), e Balasubramanian e Cashin (2019) ilustram que o modelo adotado para a pesquisa do FIB baseia-se na existência de quatro pilares, nove domínios e 33 indicadores que se propõem a extrair e quantificar as sensações e opiniões dos pesquisados quanto à sua percepção acerca do bem-estar.

Além disso, estudos mais recentes sobre a avaliação da felicidade, demonstram que o fator monetário está longe de ser o componente mais importante na sua consolidação (BALDANZA e ABREU, 2013), (FERRAZ, TAVARES e ZILBERMAN, 2007), (SELIGMAN e CSIKSENTMIHALYI, 2000), (SHIKIDA, 2010) e (SELIGMAN, 2011). Em seu Paradoxo da Felicidade, Easterlin (1974) adverte para os riscos que uma simplificação da equação pode causar na compreensão deste fenômeno. A complexidade do tema aponta para um conjunto de variáveis que possibilitam o surgimento de uma sensação de bem-estar subjetivo; tais como, relacionamentos interpessoais, saúde, confiança, alimentação, reconhecimento, pertencimento, dentre outros. Trata-se, portanto, de um assunto pouco aprofundado por parte da ciência, visto que até pouco tempo a felicidade era considerada uma emoção de difícil avaliação e restrito a profissionais da Psicologia.

Neste sentido, entende-se que este estudo está relacionado com a linha de pesquisa do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável (Desenvolvimento Territorial, Meio Ambiente e Sustentabilidade Rural) por buscar conhecimentos que possam melhorar as condições de bem-estar do agricultor familiar à sua propriedade. Como contribuição, este trabalho se propõe a descrever, em seu cerne, uma concepção sobre como a felicidade, ou o bem-estar subjetivo, à luz da Psicologia Positiva, é vista pelo agricultor familiar e de que maneira este sentimento impacta a sua permanência no campo, tendo como base as nove dimensões propostas pelo FIB, configurando-se assim, o ineditismo da pesquisa.

Cumpram também, destacar que a busca pela felicidade tem ocupado o mote de discussões em instituições nacionais e internacionais; sendo que, no ano de 2011, a Assembleia Geral da ONU, aprovou a Resolução 65/309 que convida os estados membros a elaborarem medidas que melhor captem a importância desta busca para a promoção do desenvolvimento mundial (ONU, 2011). Ao reconhecer que o indicador de Produto Interno Bruto (PIB), pela sua especificidade, não foi criado e nem reflete de forma adequada a felicidade das pessoas e que a sua busca é um objetivo humano fundamental, a instituição admite que ela incorpora o espírito dos ODM, Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, posteriormente ampliados e denominados ODS, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Salienta-se que, quando a Resolução 65/309 da ONU foi criada, ainda vigiam os chamados Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (8 objetivos foram criados). Em 2015, após três anos de discussões entre

os países membros, foram criados os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (17 objetivos), dentro da chamada Agenda 2030 (IPEA, 2018).

Justifica-se, portanto, a realização desta pesquisa considerando-se que o assunto possui relevância sob ponto de vista da atualidade, que envolve aspectos em discussão nos espaços científico, econômico e político, em especial no Brasil. Os resultados gerados com a pesquisa poderão suprir organizações públicas e privadas com informações para a criação eficaz de políticas públicas e estratégias corporativas (na forma de associações ou cooperativas) que deem suporte para a manutenção do homem ao campo por mais tempo e com melhor qualidade de vida.

Frey e Stutzer (2012) e Dolan e White (2007) apresentam argumentos e caminhos para a formação de políticas públicas com base em constatações acerca da felicidade. Os primeiros argumentam que, ao conhecer os efeitos que a felicidade (ou a sua falta) causa em uma população, é possível construir um arcabouço de diretrizes de médio e longo prazo que impactam resultados não apenas nas áreas da saúde e bem-estar. Dolan e White (2007) defendem que, apesar de estar em grande parte dos discursos políticos por toda parte, a felicidade não é um objetivo fácil de ser alcançado, pela sua própria complexidade de constituição, mas pode ser um horizonte a ser alcançado, desde que seja uma escolha dos mandatários de uma nação. Neste sentido, salienta-se as palavras de Amartya Sen (1970, 1984 e 2010) quando postula a felicidade enquanto sintoma de liberdade e, esta, como premissa para o desenvolvimento.

Quanto às publicações científicas relacionadas com o tema proposto neste trabalho, algumas considerações são oportunas. Com relação ao assunto felicidade (*happiness*) ou bem-estar subjetivo (*subjective well-being*), pode-se afirmar que há uma infinidade de publicações em grande parte dos repositórios pesquisados (SciELO®, Scopus (Elsevier)®, Web of Science (Clarivate Analytics)®, e Google Scholar®), chegando à escala de milhares. Entretanto, ao inserir a variável permanência no campo, à pesquisa, o total de registros cai para algumas dezenas. Desta forma entende-se que a combinação de assuntos: felicidade + ruralidade + permanência na propriedade – apresenta uma oportunidade para o aprofundamento dos conhecimentos de forma original.

Neste contexto, o estudo buscou responder a seguinte questão: Como os fatores de felicidade contribuem para a permanência do agricultor familiar no campo? O objetivo geral foi: Identificar como os fatores de felicidade contribuem para a

permanência do agricultor rural no campo. Os objetivos específicos foram: a) discutir o estado da arte sobre conceito de felicidade ou bem-estar subjetivo e a permanência dos atores da agricultura familiar em suas propriedades; b) identificar o grau de felicidade e os fatores de felicidade que contribuem para a permanência do agricultor no campo considerando as dimensões propostas pelo instrumento de avaliação do FIB; c). Identificar quais os fatores de felicidade que contribuem para a permanência do agricultor rural no campo. O trabalho foi estruturado no formato de texto corrido.

## 2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FELICIDADE

De acordo com Da Cunha (2010) a etimologia da palavra Felicidade remete ao latim *felix, felicitis*, expressão associada com o sentido de fértil (do latim *fertilis*) ou também frutífero (do latim *fructifer*), com conotação para o ambiente agrícola. Inicialmente estes vocábulos relacionavam-se à produção da terra, procriação ou ainda com noção de nascimento. Segundo o dicionário Michaelis (2021), o substantivo Felicidade, significa um estado de espírito de quem se encontra alegre ou satisfeito; alegria, contentamento, fortúnio, júbilo. No sentido específico da palavra, Houaiss (2001; 2011) conceitua felicidade como: “1) qualidade ou estado de se sentir feliz, estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento, bem-estar; 2) boa fortuna, sorte; 3) bom êxito, acerto, sucesso”. Trata-se, entretanto de uma visão focada tão somente na descrição do sentido da palavra, não se atendo à explicação contextualizada de suas causas.

Pesquisando-se outras fontes, não há, praticamente significados diferentes que mereçam destaque, pelo menos que definam a expressão sobre o ponto de vista léxico. Entretanto, há a necessidade de se fazer um resgate sobre o significado que a Felicidade representou ao longo da evolução da humanidade, pelo menos verificando os registros deixados na história ocidental.

Para Cloninger (2004), confirmado por Pereira e Araújo (2018), ao expressar felicidade, o ser humano demonstra compreender de forma coerente e lúcida a própria vida. Para ser feliz, a pessoa precisa estar em equilíbrio com seus processos que regulam os aspectos emocionais, materiais, espirituais, intelectuais e sexuais da vida. O autor complementa afirmando que a felicidade pode ser produzida pela experimentação de determinados estados mentais, tais como alegria, saúde, amor,

serenidade, contentamento, segurança, saciedade ou mesmo o prazer sexual. Os métodos mais eficazes para isto concentram-se principalmente no desenvolvimento de emoções positivas e nos traços de caráter relacionados ao bem-estar pessoal, e uma estreita dependência destes elementos com o amor em sua forma mais abrangente, como descrita por Gikovate (1981).

Desde sua gênese, continua Cloninger (2004), a humanidade busca superar as dificuldades e limitações que o meio lhe apresenta; algo que lhe proporcione condições mais confortáveis e seguras, longe de suas preocupações cotidianas. Com isto, o ser humano procura satisfazer necessidades que o deixem feliz. Por toda a sua história, o homem tem deixado gravado em seus espaços de convivência, registros desta busca por condições que o levem à felicidade, na forma de imagens, mitos, contos e canções. Seguindo cada tradição cultural inerente a suas concepções espirituais, sociais, econômicas e pessoais, diferentes povos descreveram a felicidade e sua eterna busca considerando aspectos que passaram por transformações ao longo dos séculos. Entretanto, fica evidente as expressões destes povos sobre caminhos e estratégias para se encontrar a verdadeira felicidade, seguindo percepções e posições devidamente convenientes.

Na História, a preocupação em definir o que é a felicidade e de que forma se poderá alcançá-la plenamente, ocupa grande parte da vida de pensadores que encontram e propõem distintos caminhos.

Conforme descritivos históricos feitos por Mc Mahon (2009), White (2009) e Minois (2011) a cultura ocidental recebeu influência mitológica da idade de ouro, de origem pagã, e do paraíso terrestre, preconizado pela visão judaica e repassada aos cristãos. No primeiro caso, a proposta de uma idade de ouro remonta ao século III a.C. vivenciada em poemas épicos de Hesíodo, ao descrever que no início de tudo, a felicidade era compartilhada entre homens e deuses. Porém, estes, com ciúmes, forjaram contra os homens, substituindo a raça de ouro, inicialmente pela de bronze, depois pela raça de heróis, para finalmente encerrar com a raça de ferro, que seria a mais infeliz de todas, e, a raça atual dos homens sobre a terra. No caso do mito judaico da felicidade eterna no Éden, Adão e Eva, ao desobedecerem a ordens divinas de não comerem dos frutos do conhecimento, são enviados para viver em um mundo infeliz para sempre. Em ambos os casos, fica a mensagem que a felicidade foi tirada dos homens pela ação de deuses. Esta mesma posição é descrita de forma mais detalhada na análise de Minois (2011).

Para a civilização ocidental, a Grécia, enquanto berço da sociedade moderna, além da conhecida trilogia de filósofos, Sócrates, Platão e Aristóteles, possuiu pensadores que buscavam compreensão para o total sentido da vida. Conforme descrevem Ferraz *et al* (2007), Mc Mahon (2009), Minois (2011), Achor (2012), Epicuro (341-270 a.C.) entendia a felicidade como a ausência de preocupações, dores ou doenças, ou ainda o prazer como fonte geradora da felicidade, para o filósofo, o lema da felicidade consistia em evitar a dor e procurar o prazer.

Leão (2000), Soares (2002), e Mc Mahon (2009) concordam que o historiador Heródoto (484-425 a.C.) se utiliza dos diálogos imaginários entre o rei Creso e o sábio Sólon para descrever a felicidade como um sentimento obtido exclusivamente ao final da vida (HERÓDOTO, 2006). Também os exemplos de Telo (pai, marido e cidadão ateniense que morreu feliz em batalha) ou Cléobis e Bíton (filhos dedicados que se sacrificaram para atender os desejos de sua amada mãe) demonstram que a felicidade, na concepção do pensador grego, seria uma conquista alcançada após uma história de ações, decisões e posturas ao longo de toda a vida, ou ainda um desígnio dos deuses.

Minois (2011) ilustra a posição de Sócrates (470-399 a.C.) e seus discursos relatados por Platão (428-347 a.C.), seu discípulo, ao firmar que: “Feliz é o homem que olha dentro de si” e “(...) quanto mais virtuoso, maior será sua chance de ser feliz”, existe uma ligação entre sabedoria (razão e conhecimento) e a felicidade. Já para Platão, só se alcança a felicidade, objetivo de todo ser humano, com o pleno domínio dos sentimentos por meio da razão (PLATÃO, 1974). Em sua concepção, a felicidade seria resultado do equilíbrio entre bondade, conhecimento e saúde. Aristóteles (384-322 a.C.) compreende que somente viverá feliz, o homem que a si permite desenvolver suas capacidades racionais, sensitivas e morais, florescendo de fora a realizar a sua própria natureza (ARISTÓTELES, 1979). Acerca deste terceiro pensador da tríade Clássica, Diener (1984) descreve que ele considera a felicidade, o bem mais elevado e a maior motivação para a ação humana. Para ser feliz, a pessoa precisa de amigos; caso isto não ocorra, a sua vida seria dura pela dificuldade em desenvolver suas atividades, sozinho. As relações sociais, a princípio, permitem que as atividades sejam realizadas de forma mais prazerosa e contínua, e o objetivo principal do ser humano é ser feliz.

Aristóteles (1979), também comentado por Mc Mahon (2009), advoga que a expressão grega *eudemonia*, junção do prefixo *eu-* (bem) com o substantivo *daimon-*

(espírito), traduz o que é a felicidade, e que o termo possui também os sentidos de viver bem, prosperidade, boa fortuna, riqueza e florescimento.

Apesar das muitas contribuições acerca do tema felicidade, as propostas aqui resumidas dos três filósofos clássicos gregos dominaram boa parte da sociedade ocidental até que as influências judaico-cristãs se concretizassem nos primeiros séculos da era comum. Com isto, destacam-se pensadores, agora, com propostas tendo a fé em Deus, por pano de fundo.

Mc Mahon (2009) defende que, segundo Santo Agostinho, encontrar a felicidade seria o maior e mais importante problema do ser humano. Reinterpretando a teoria das ideias de Platão, o teólogo insere o papel da fé como fator fundamental para se alcançar a felicidade. Para o pensador, a verdadeira felicidade só vem por meio da completa sabedoria; e esta, por sua vez, vem, em essência, da plena crença em Deus, e complementa: "(...) a vida feliz consiste em nos alegamos em Vós, de Vós e por Vós; eis a vida feliz e não há outra – o homem feliz é aquele que tem Deus no coração." Em sua busca pela aproximação entre razão e fé, Santo Agostinho aponta a necessidade de se crer para compreender, e compreender para poder crer, demonstrando o papel da fé em Deus como condição essencial para se alcançar a felicidade (AGOSTINHO, 1980).

Uma análise sobre o período medieval é descrita por White (2009), Mc Mahon (2009) e Minois (2011), por meio do qual existe certo consenso acerca da percepção de que a felicidade somente seria experimentada no pós-vida celestial, na condição *sine qua non* de que a vida na terra teria sido marcada pelo sofrimento constante e obediência completa a Deus. Neste caso, a influência da fé católica e seus pensadores medievais, se dá pela crença de que a felicidade plena já havia ocorrido, durante a idade de ouro e do paraíso terrestre, entretanto ela somente viria a ser vivenciada no céu ou no novo milênio.

São Tomás de Aquino, por sua vez, opta por estudar Aristóteles e, dele obtém suas inspirações acerca da vida e da felicidade, incluindo a vontade como elemento direcionador para alcançá-la plenamente. Souza (2018) comenta que a felicidade, para o religioso, está intimamente ligada a um bem que é perfeito, no caso, Deus. Para alcançar este bem, se faz necessário o uso da razão, que, por sua vez, só pode ser obtida pela prática da vontade. Para ser feliz, conforme profetiza Santo Tomás de Aquino, é essencial que o homem obedeça, com fidelidade, às leis de Deus; só por

meio desta ação é que se chegará à verdadeira felicidade (TOMÁS DE AQUINO, 1973).

A proposta de que a felicidade pode ser alcançada por qualquer pessoa, conforme indicam Ferraz *et al* (2007), Mc Mahon (2009) e Minois (2011), independente das condições (inclusive religiosa), é defendida pelo Iluminismo que pretere a fé em detrimento da razão. Saindo da era das trevas, a América do Norte e a Europa do século XVIII passam por transformações que impactariam na forma de entender os direitos do homem, inclusive, de ser feliz. Neste sentido, Okawa (2006), Ferraz *et al* (2007), e Mc Mahon (2009) advogam que a própria declaração de Independência dos Estados Unidos da América, com forte influência iluminista, em 1776, descreve a vida, a liberdade e a felicidade como direitos inalienáveis de todo homem. Na mesma linha ideológica, a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, fruto da Revolução Francesa, em 1789, também expressa a conservação da Constituição e a felicidade geral como um caminho a ser seguido por todos os homens livres e iguais em direito (ARMITAGE, 2011).

O autor português Antônio Feliciano Castilho, (CASTILHO, 1849) reverencia a felicidade como uma condição inerente a todo o homem que pratica e vive a fraternidade. O escritor chega a afirmar que a felicidade plena só é sentida quando a pessoa vive em espaços agrícolas, pois a relação entre o bucólico, junto à prática da fraternidade e da solidariedade e o contato com a terra, são elementos que promovem a felicidade completa. Continua afirmando que o ambiente rural é frequentemente associado à natureza e à tranquilidade, fator que contribuir para a felicidade das pessoas, pois a exposição à natureza tem sido associada a um aumento na sensação de bem-estar e satisfação com a vida. Além disso, o ambiente rural é geralmente menos ruidoso e menos agitado do que os espaços ambiente urbanos, o que pode permitir que as pessoas desfrutem de momentos de paz e quietude.

Outra vantagem do ambiente rural é a forte sensação de comunidade que existe em muitas áreas. As pessoas que moram em áreas rurais muitas vezes conhecem seus vizinhos e costumam participar frequentemente de atividades sociais na comunidade, o que pode ser uma fonte de suporte social e felicidade. Além disso, as pessoas em áreas rurais tendem a ter uma forte conexão com a terra e a natureza, o que pode levar a um senso de propósito e significado na vida (CASTILHO, 1849).

Sahar (2007) e Franco (2011) explicam que a felicidade adquiriu destaque na sociedade moderna no período pós Segunda Guerra, quando os paradigmas de

análise econômica passaram a apresentar discrepâncias conceituais e práticas e, com a desenvolvimento vivenciado por algumas populações, mais especificamente dos vitoriosos daquele conflito. Descrevendo a Economia com uma disciplina voltada inicialmente para o financeiro, o autor afirma que, hoje, a felicidade compõe o complexo de temas que formam os pressupostos desta ciência.

Com o passar do tempo, a crescente preocupação com limitações ambientais, o advento da China e seu modelo de crescimento sob o signo do autoritarismo, e com o desencanto provocado com a crise de 2008, o interesse no trabalho de pesquisa sobre felicidade ganhou urgência, multiplicou o número de interessados e chegou aos chefes de estado (...) sem entrar no mérito das pesquisas de cada um, o fato é que os prêmios são indicações interessantes de que o *mainspring* da disciplina começava a demolir as muralhas que a mantinham afastada dos temas mais ligados à felicidade (FRANCO, 2011).

Outro fator motivador do destaque que a felicidade recebeu a partir da metade do século XX, refere-se ao chamado Paradoxo de Easterlin (1974), descrito também por Franco (2011) e Oishi e Kesebir (2015). Baseado em estudos econômicos, o professor Richard A. Easterlin relata que em determinadas situações, e superadas algumas condições básicas, a felicidade não tende a aumentar na mesma proporção com o crescimento da renda de uma nação. Para Di Tella e Mac Culloch (2010) e Oishi e Kesebir (2015) a ideia é que o crescimento econômico estaria associado a ganhos de felicidade em nações mais pobres, mas, uma vez que as necessidades básicas fossem atendidas (por exemplo, padrões de vida alcançando os das nações desenvolvidas na década de 1960), um maior crescimento econômico não produziria, necessariamente, ganhos na felicidade dos cidadãos.

Apesar se haver posicionamentos que buscam diferenciar felicidade do chamado bem-estar subjetivo, pesquisadores do assunto, tais como Seligman (2006, 2011), Diener e Seligman (2004), Diener e Biwas-Diener (2002) e Lyubomirski (2013), defendem que se trata do mesmo sentimento, apesar da segunda expressão ter sido adotada há poucas décadas. O primeiro pesquisador advoga que:

Se utiliza felicidade e bem-estar de maneira intercambiável como termos genéricos para descrever os propósitos de toda a iniciativa da Psicologia Positiva que abrange tanto os sentimentos positivos – como êxtase e satisfação – como as atividades positivas que precisam por completo de componentes emocionais – como a introspecção e o compromisso. Não devemos esquecer que felicidade e bem-estar às vezes se referem a sentimentos, mas outras vezes se referem a atividades nas quais nenhum sentimento é vivenciado (SELIGMAN, 2006, p. 345).

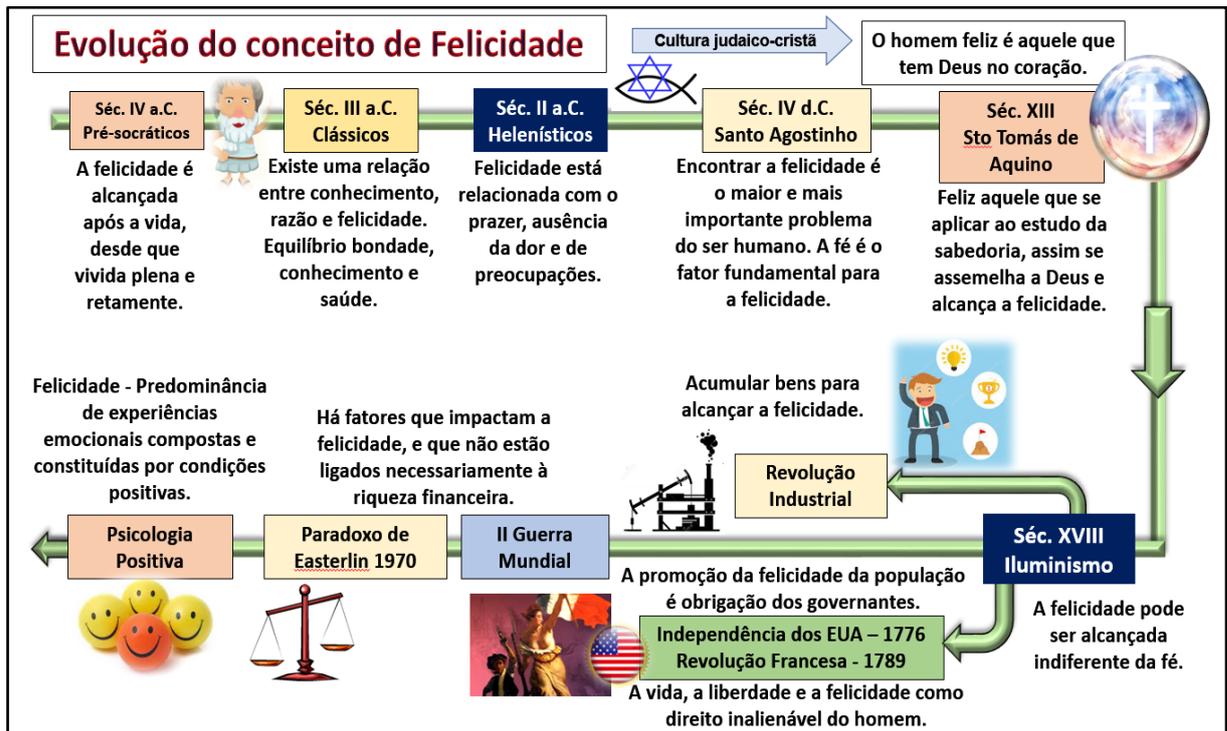
Com o crescimento das pesquisas, aumentam as propostas para encontrar uma forma efetiva de se conceituar a felicidade, para tornar seu sentido menos subjetivo. Algumas das maiores autoridades atuais sobre o assunto, os professores Ed Diener e Martin Seligman (2004), Mihaly Csikszentmihalyi (1997) e Sonja Lyubomirski (2013) apontam que estas percepções ou avaliações pessoais sobre suas próprias vidas, incluem a emoção positiva, engajamento, satisfação e significado.

Na eterna busca por um conceito mais preciso e claro sobre felicidade, destaca-se um time de psicólogos que tem se dedicado a compreender a dinâmica fisiológica, psicológica, social e espiritual que a promove e a mantém nas pessoas, mesmo em condições adversas. Brickman, Coates e Janoff-Bulman (1978), Silver e Worthman (1982), descrevem as controversas respostas de pessoas que passaram por situações traumáticas e inesperadas, mas mantiveram altos, seus níveis de felicidade, em detrimento de outros grupos que se esperava o contrário.

Diener (1984), inclusive, insere os autores citados, somados a outros (tais como Bradburn, 1969; Andrews e Withey, 1976; Wood, Wylie, e Sheafor, 1969; e Campbell, Converse e Rodgers, 1976) para embasar sua concepção de que, para que se conheça melhor a felicidade é fundamental que se consiga mensurá-la seguindo uma metodologia precisa e bem elaborada. O mesmo autor defende que a felicidade pode ser vista sob três aspectos: a) baseado em critérios externos, tais como virtude ou santidade; b) com foco nos fatores que levam as pessoas a perceber as suas vidas sob pontos de vista positivos; e c) sob o qual se entende uma supremacia do afeto positivo sobre o negativo. Este último, é o que mais se aproxima das modernas concepções sobre felicidade ou bem-estar subjetivo.

Na Figura 1 é possível verificar uma representação gráfica da evolução do conceito sobre felicidade ao longo do tempo com base no texto descrito anteriormente.

**Figura 1** - Representação da evolução do conceito de felicidade



Fonte: Autoria própria, 2022

Ainda de acordo com Diener (1984) ao se descobrir quais são os principais fatores que contribuem para aumentar a felicidade de uma pessoa e de que forma ocorre este fenômeno, estar-se-á encontrando uma forma para melhor defini-la. Posteriormente, Cloninger (2006) e Giacomoni (2004), confirmam estas afirmações em seus respectivos estudos.

## 2.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA PARA A FELICIDADE

O desenvolvimento conceitual e investigativo que dominou a Psicologia desde a sua criação, esteve fortemente focado nas emoções negativas e em seus efeitos no comportamento humano. Contreras e Esguerra (2006), Passareli e Silva (2007) e Maynard (2013) ilustram que o foco da preocupação dos psicólogos, por muito tempo, voltou-se para as fraquezas e doenças da mente, bem como em seus fatores causadores, e as variadas formas de tratamento. Graziano (2005) descreve que por um muito tempo, a Psicologia tinha três missões: a) promover a cura de doenças mentais; b) possibilitar uma vida mais produtiva e plena para pessoas comuns; e c) identificar e desenvolver jovens com talentos excepcionais em suas formações pessoais. No período que antecedeu a 2ª Guerra Mundial até algumas décadas

seguintes, a Psicologia amplia suas preocupações, e busca meios para tornar mais produtiva e gratificante a vida das pessoas, o que envolvia identificar e desenvolver seus talentos e a inteligência. Entretanto, somente ao final dos anos 1990 ocorre uma transformação que se tornaria um marco na história da Psicologia, na proposta de uma nova área de conhecimento denominada Psicologia Positiva.

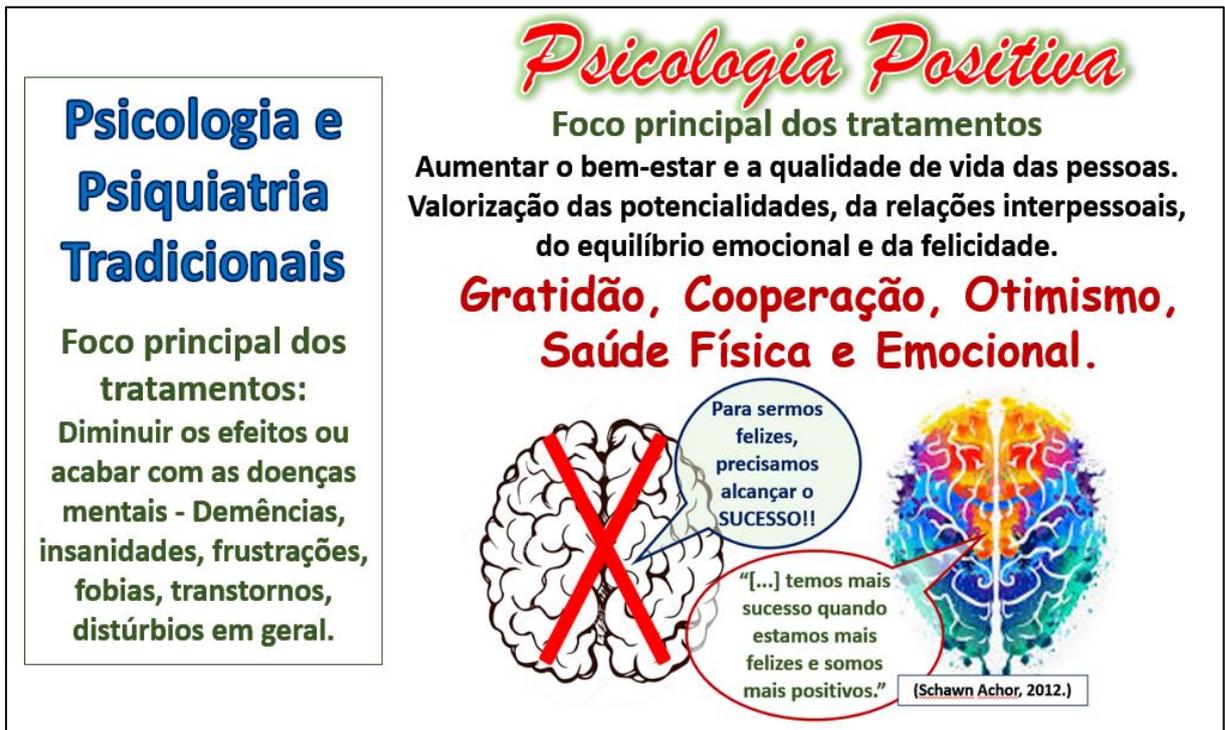
Conforme descrito por Seligman (2006) e confirmado por Scorsolini-Comin e Santos (2010,) diminuir os efeitos dos traumas e sequelas psicológicas dos veteranos norte-americanos da 2ª Guerra Mundial, tornou-se uma missão a mais para psicólogos e psiquiatras da época, que passaram a experimentar variadas formas de terapias, algumas delas com resultados muito positivos. Estes experimentos fizeram com que os conceitos tradicionais da Psicologia então vigente, passassem a ser questionados.

A ideia de um ramo de estudos da Psicologia focado exclusivamente para os fatores que promovem a saúde mental, pode ser considerada recente, comparando-se com a linha tradicional criada quase ao final do século XIX. Seligman e Csikszentmihalyi (2000) descrevem que há muito tempo havia um grupo de psicólogos pesquisadores desconfortáveis com a situação de uma ciência voltada quase totalmente para os problemas ou as doenças, e os tratamentos indicados para eliminá-los ou mitigá-los. Corroborando Achor (2012), quando descreve que há um grande engano conceitual, ao se aceitar que o auge da felicidade ocorre quando a pessoa obtém tudo aquilo que desejava ao longo de sua vida; ou então que, somente após alcançar o sucesso é que a pessoa atingirá a felicidade. Nesta mesma linha de raciocínio, Capra (2002) alude que a ilusão das pessoas em acumular bens materiais como forma de alcançar a felicidade é resultado da forte presença das mídias publicitárias em todas as suas configurações. Por esta visão, a felicidade seria uma recompensa somente obtida, após longo processo de muita dedicação, esforço e persistência, quiçá muito próximo ao final da própria vida. O autor defendia que o sentido é outro, afirmando que “[...] temos mais sucesso quando estamos mais felizes e somos mais positivos.” (ACHOR, 2012, p. 22). Seligman (2011), Mc Mahon (2009) e Csikszentmihalyi (2013) corroboram com esta ideia, pois, pelo fato de serem mais felizes, as pessoas tendem a alcançar, mais facilmente, o sucesso em suas vidas, além de sentirem as possíveis frustrações e perdas, com menor intensidade.

Seligman (2011) apontava que não fazia muito sentido, olhar apenas para as frustrações, traumas, ressentimentos e agonias da pessoa e, a partir de um diagnóstico, propor tratamentos diversos que amenizassem os sintomas. O caminho

poderia ser outro; e para tanto, seria necessária muita pesquisa. Diener e Seligman (2004) descreviam que inicialmente buscou-se encontrar os fatores que contribuiriam para a presença de emoções positivas, que elevassem a satisfação pessoal. Na Figura 2, pode-se acompanhar uma representação geral sobre a Psicologia Positiva.

**Figura 2** - Representação sobre a Psicologia Positiva



Fonte: Autoria própria, 2022

Conforme defendia Achor (2012), nos últimos anos do século XX, nos EUA, para cada pesquisa na área da Psicologia voltada a aspectos positivos, como a prosperidade e a felicidade, havia 17 estudos científicos cujos temas relacionavam-se a fatores negativos do comportamento humano, como os distúrbios de depressão, frustração, transtornos físicos e alimentares, desesperança e uso de drogas e álcool. O mesmo autor complementa a ideia afirmando que:

Não é saudável nem cientificamente responsável nos limitarmos a estudar a parte negativa da experiência humana. Em 1998, Martin Seligman, então presidente da *American Psychological Association*, anunciou que finalmente havia chegado a hora de revolucionar a abordagem tradicional da psicologia, concentrando-se mais no lado positivo da curva. Que tínhamos de estudar o que funciona, e não só o que emperrou. E assim nasceu a "psicologia positiva". Acontece que o nosso cérebro é literalmente configurado para apresentar o melhor desempenho não quando está negativo ou neutro, mas quando está positivo. (ACHOR, 2012, p. 19).

Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), todos psiquiatras, apontavam que, ao focar mais em tratamentos que promovam a saúde mental, a Psicologia Positiva passa a destacar-se nos ramos da Psicologia e da Psiquiatria, e desenvolvem-se pesquisas com maior profundidade sobre formas de promover as boas emoções nas pessoas. Os autores descrevem que se trata, até mesmo, de uma alternativa menos onerosa para os pacientes e mais produtiva para os profissionais; pois na prevenção reside uma das melhores estratégias de tratamento, lembrando dito popular de que prevenir é melhor do que remediar.

Um pressuposto importante para os pesquisadores da Psicologia Positiva está na análise da relação entre a felicidade e o otimismo. Em contraponto ao que o senso comum advoga, existe unicidade entre os especialistas que afirmam ser o otimismo que conduz ao sucesso, e não o oposto como se pensava anteriormente. Seligman (2006; 2011) constantemente relembra este aspecto, deixando claro que, por muito tempo, e até mesmo por existir historicamente, a ideia de a felicidade plena ser obtida somente ao final da vida ou mesmo no pós-vida, era comum se pensar que o sucesso gerava a felicidade. Esta perspectiva tem sido alterada ao longo das últimas décadas, quando se passou a identificar uma série de elementos intervenientes e condicionantes do bem-estar pleno.

Para Veenhoven (2004; 2006), Sahar (2007) e Scorsolini-Comin e Santos (2010), a Psicologia Positiva concebia a felicidade como uma predominância de experiências emocionais compostas e constituídas por condições positivas que podem (e devem) ser mapeadas por suas intensidades. Sahar (2007) ainda complementava que enquanto as pessoas acreditassem que suas necessidades materiais básicas precisavam ser satisfeitas para que levassem uma vida plena, era prático explicar a infelicidade. Entretanto, com as necessidades básicas de muitos atendidas, principalmente em nações com melhores condições financeiras, não se tem mais uma justificativa pronta para o descontentamento. Deste modo, mais pessoas buscam resolver o paradoxo da impressão de que o dinheiro em excesso parece trazer infelicidade, e recorrem, estão, à psicologia positiva em busca de ajuda.

Outro fator a destacar é que, conforme enfatizavam Hutz (2014; 2016) e Delsignore, Aguilar-Latore e Oliván-Blásquez (2021), com a criação da Psicologia Positiva, emergem propostas para se mensurar o grau de felicidade. Para tanto são criadas metodologias destinadas a avaliar quantitativamente o bem-estar. Apesar das

críticas direcionadas para esta proposição, atualmente são inúmeras as ferramentas para medição do grau de felicidade que podem ser aplicadas em distintos públicos.

Aydos *et al* (2017) sustentavam que mensurar a felicidade exige atenção especial, pois se trata de traduzir sentimento em números. Apesar das dificuldades e barreiras apontadas pelos autores, atualmente existem diversas propostas para se realizar estas avaliações. Di Tella, Mac Culloch e Oswald (2001) e Corbi e Menezes-Filho (2006) sugeriam que a felicidade consiste no grau com que alguém avalia a qualidade de sua satisfação na vida como um todo, ou seja, significa o quanto a pessoa gosta da vida que leva. E isto pode ser avaliado por meio de indicadores.

## 2.2 ESTUDOS ANTECEDENTES PARA A MENSURAÇÃO DA FELICIDADE

Antes de entrar na seara de mensuração da felicidade, vale um rápido descritivo sobre instrumentos estatísticos desenvolvidos para se medir o desempenho de uma determinada nação, ou o progresso que uma população apresenta comparada com outra sob a égide da Economia. Não obstante as diferentes vertentes do pensamento econômico, originalmente esta ciência incluía, em seu *core* temático, uma preocupação sobre o conceito de utilidade de um bem ou serviço.

Neste sentido, Franco (2011, p. 2) habilmente, se utilizava dos pensamentos de John Stuart Mill e Paul Samuelson explicando que a utilidade foi preterida por boa parte dos economistas, usando a expressão de Thomas Carlyle de ciência triste. O autor, assim expressa sua preocupação: “[...] tem-se aí, uma espécie de vício de origem que parece colocar os economistas sistematicamente em oposição ao senso comum e à própria felicidade”. Outro estudo crítico acerca da visão econômica sobre a felicidade, tangenciando a ideia do que vem a ser o utilitarismo foi proposto por Brunon-Ernst (2017) que revisitou os pensamentos de Jeremy Bentham, enquanto um dos precursores deste conceito. Corroborando com estas ideias, Capra (1995) descrevia também um pseudo conflito de conceitos na evolução da Economia, quando, por um lado, alguns teóricos defendiam uma posição newton-cartesiana, enquanto já à época, outros, preconizavam uma preocupação com o bem-estar.

Não obstante esta constatação, outros fatos ocorrem ao longo de um século e que provocam reflexões na esfera econômica, científica e política, acerca das leis da dinâmica dos negócios no mundo, mais especificamente sobre riqueza e bem-

estar. Franco (2011) postulava que a relação direta entre crescimento econômico e qualidade de vida, passa a ser questionada, citando o conhecido Paradoxo de Easterlin (1974), que considerava que a felicidade, tal como era concebida na prática, e com base em constatações de pesquisas de campo, não apresentava correlação direta e positiva com o progresso material. Franco (2011) alude que este foi um resultado polêmico, e de amplas implicações para o processo de desenvolvimento econômico, ou para a ênfase monotemática no crescimento do PIB como indicador supremo de sucesso econômico. Shikida, Rodrigues e Braun (2004), Rodrigues e Shikida (2005) e Shikida (2010) aludem a uma limitada correlação entre dinheiro e felicidade, principalmente a partir de certa posição hierárquica na escala financeira.

Cumprir lembrar que, historicamente, desde a sua concepção, na década de 1930, e durante muitos anos, o PIB, Produto Interno Bruto, vigorou como um indicador que representava a grandiosidade de uma nação pelo acúmulo de suas riquezas internas. Costanza *et al* (2009) salientavam que se tratou de uma ferramenta estatística para medir e comparar a produção de bens e serviços de uma nação e que foi adotado e aplicado pelas Nações Unidas a partir da década de 1940. Atendendo uma necessidade de conhecer melhor suas potencialidades econômicas frente à então Guerra Fria, o governo americano passa a utilizar esta ferramenta para acompanhar a dinâmica da economia nacional, baseado nas produções internas, e seu uso é disseminado por todo o globo.

De acordo com a OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2013) corroborado por Kubiszewski (2013), ao longo dos seus quase 70 anos de aplicação, o PIB geral e o PIB *per capita* passam a ser questionados enquanto sua efetividade para classificar o desempenho e o bem-estar de uma população, visto que até mesmo os conceitos de crescimento e desenvolvimento sofrem alterações substanciais. Apesar de sua ampla utilização como forma de representar o crescimento econômico, e, conseqüente condição *sine qua non* para o progresso econômico, Costanza *et al* (2004) destacavam que, quando o objetivo é estudar o bem-estar, o PIB é um instrumento impreciso e, que seu uso pode comprometer perigosamente os resultados da pesquisa. Os autores complementam o raciocínio ao afirmarem que:

De fato, um relatório divulgado recentemente pelo Banco Mundial diz que nada além de altas taxas de crescimento do PIB a longo prazo (especificamente, uma duplicação do PIB a cada década) pode resolver o

problema da pobreza no mundo (Comissão sobre Crescimento e Desenvolvimento 2008). É como medir o consumo de energia de um edifício e dizer que quanto mais eletricidade, melhor a qualidade de vida dos habitantes do edifício. Embora a eletricidade alimente algumas das comodidades da vida, uma conta de eletricidade mais alta, como muitas pessoas estão começando a descobrir, não equivale a uma vida melhor (COSTANZA *et al*, 2009, p. 7).

Apesar de se haver descrito uma série de definições sobre a felicidade, ainda pode-se considerar que seu conceito é complexo e tem sido abordado partindo de distintas visões, como é o caso da filosófica, sociológica e da artística. Entretanto, adotando-se uma perspectiva científica, é possível oferecer uma definição operacional de felicidade que, embora não compreenda toda a complexidade que outras visões, autores como Hutz (2014; 2016) e Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021), Costanza *et al* (2004), Beytía e Calvo (2011) e Beytía (2016), entre outros, consideram a possibilidade de sua mensuração.

Entende-se, que a felicidade é concebida como o grau em que uma pessoa contempla a totalidade de sua vida atual de maneira positiva e experimenta afetos de um tipo agradável e, desta forma a definição tem implicações importantes para a medição da felicidade. Seligman (2006; 2011) argumentava que, ao reconhecer que se trata de um fenômeno íntimo e interno a cada pessoa, parece mais apropriado que sua mensuração ocorra por meio de autorrelatos do que com avaliações de especialistas ou pares. E, se a felicidade tem graus, então as medições devem reconhecer diferentes níveis e não simplesmente classificar as pessoas como felizes ou infelizes. O autor ainda complementa que a mensuração da felicidade também deve estar embasada no presente, referir-se à vida em geral e incorporar pensamentos e sentimentos.

A proposta de que a felicidade pode ser medida em termos numéricos, entretanto, também é questionada. Rich (2001) apresentava argumentos de que este tipo de sentimento somente poderá ser mensurado utilizando-se métodos qualitativos, e que a rigidez e a objetividade das ferramentas estatísticas, comprometem os resultados de uma tentativa de escalonar o bem-estar de uma pessoa, ou mesmo de uma população.

Apesar dessas diferenças de opinião e respeitadas as advertências apresentadas pela Psicologia conservadora, Hutz (2014) mencionava haver, atualmente, um conjunto de técnicas estatísticas que se propõem a medir a felicidade,

com níveis respeitáveis de aceitação e devidamente validados por especialistas do meio científico. Quanto a este aspecto, o autor salienta que:

Medir o bem-estar subjetivo por meio de autorrelatos globais é uma maneira aceitável, válida e barata de obter dados. Não acreditamos que há necessariamente uma melhor maneira de medir o bem-estar subjetivo. Em vez disso, os pesquisadores podem aprender mais sobre os processos de felicidade por meio de metodologias diversas ao comparar e contrastar resultados. Analisar a convergência, bem como as discrepâncias nos resultados, pode ajudar a pintar um quadro mais amplo e profundo de bem-estar subjetivo. (Hutz, 2014, p.38).

Conforme recordam Albuquerque e Tróccoli (2004), uma das formas de mensuração da felicidade está ligada à aplicação do autorrelato; técnica psicométrica por meio da qual o indivíduo descreve a sua percepção acerca da satisfação com a sua vida, relatando a frequência de recentes emoções, ou sensações de prazer ou desprazer. Na opinião dos autores, a prática de medir felicidade por meio de autorrelatos, “têm se demonstrado adequadas com bons índices de consistência interna, moderada estabilidade e sensibilidade apropriada a mudanças de circunstâncias de vida” (ALBUQUERQUE e TRÓCCOLI, 2004, p.155); visão também compartilhada por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007).

Hutz (2014) explicava que o interesse em medir a felicidade é compartilhado por muitas autoridades, acadêmicos e profissionais comprometidos com a melhoria do bem-estar não monetário das pessoas. Organizações internacionais como a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômicos) e a ONU (Organização das Nações Unidas) apoiam oficialmente a implementação de meios para se medir a felicidade, ou o bem-estar subjetivo, neste caso, entendidos como sinônimos. A Resolução 65/309 da ONU publicada em julho de 2011 (65ª Assembleia Geral), sugere que os países membros prossigam na elaboração de medidas adicionais que melhor captem a importância da busca pela felicidade e que desenvolvam e compartilhem novos indicadores e outras informações acerca do tema, como fez o governo do Butão (Ásia) durante o transcorrer daquela reunião e subsequentes (ONU, 2011). Beytía e Calvo (2011) apontavam que Chile e outros países como Butão (na Ásia), França e Inglaterra seguiram essas recomendações e incorporaram medidas de felicidade em seus censos e pesquisas nacionais.

Com relação a uma proposta mais efetiva para se pensar em formas de medir a felicidade, destaca-se o relatório Stiglitz-Sen-Fitoussi (2009) elaborado para o

Comitê sobre a Medição do Desempenho Econômico e Progresso Social, ligado à OCDE. Idealizado a partir de indagações de autoridades mundiais capitaneadas pelo então presidente da França, Nicolas Sarkozy, em 2008, um grupo de pesquisadores foi convidado a refletir sobre limitações apresentadas pelo conceito de Produto Interno Bruto (PIB), em sua função de quantificar o desempenho econômico de uma população bem como problemas relacionados à sua mensuração. Como mencionado por Batista e Mollo (2021) e Bittencourt, Campelo e Gomes (2017) também se procurava, com este novo estudo, identificar que informações a mais, seriam imperativas para a criação de índices de maior relevância na análise do progresso social; verificar a conveniência em se trabalhar com modelos alternativos para mensuração dos indicadores e, ainda formas mais efetivas para se apresentar os dados estatísticos, tornando mais prático e fácil a interpretação e uso destas informações.

Para tal missão, foram apontados coordenadores do projeto, Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean Paul Fitoussi, três das maiores autoridades mundiais nas áreas da Economia, Sociologia, Filosofia e Política. Ao final de quase dois anos (fevereiro de 2008 a setembro de 2009) o conhecido relatório Stiglitz-Sen-Fitoussi (2009) causa grande impacto na sociedade científica e política mundial ao propor uma mudança de foco para análise, que reduz o viés de produção e parte para o conceito de bem-estar e felicidade na avaliação de indicadores de uma nação. Sob o fundo da sustentabilidade social integrada à ambiental, este documento serve de referência para boa parte das discussões internacionais, quando o objetivo é compreender o papel da felicidade para o desenvolvimento mundial, e conforme afirmavam Bittencourt, Campelo e Gomes (2017) e, também, Di Tella e MacCullogh (2010). Desta forma, é possível inferir que o bem-estar, ou a felicidade podem ser expressos na forma de indicadores válidos para serem utilizados e relacionados com o conceito de desenvolvimento e sustentabilidade.

Diante deste contexto histórico e político mundial, Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021), relatam sobre a criação do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH (HDI – *Human Development Index*), na década de 1990, como uma concepção alternativa de avaliação multidimensional do progresso de uma população:

O IDH baseou-se no Paradigma do Desenvolvimento Humano (Sen, 2003; Ul Haq, 2003), questionando se existe ou não uma relação direta

entre o aumento da renda de um país e a prosperidade das pessoas que o habitam. Sustenta que, de qualquer forma, a relação entre crescimento econômico e prosperidade deve ser forjada com base em políticas públicas que convertam a quantidade de crescimento econômico em crescimento de qualidade. Esse índice é baseado na medição de três aspectos: (a) saúde relacionada à expectativa de vida, (b) educação em relação ao nível mais alto de educação alcançado e (c) padrão de vida decente baseado em PIB per capita. A diferença fundamental entre as escolas de crescimento econômico e as de desenvolvimento humano é que a primeira se concentra exclusivamente no aumento da renda, enquanto a segunda incorpora dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas (Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez, 2021, p. 1053) – (tradução nossa).

Continuando a descrição, destaca-se as falas de Ribeiro e Santos (2019) e, Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021), de que, à época, o impacto do relatório Stiglitz-Sen-Fitoussi (2009), os questionamentos apresentados pelo paradoxo de Easterlin (1974) e as experiências (mesmo com as críticas recebidas) descritas com a medição do PIB direcionaram para a adoção pela ONU do IDH como um indicador multidimensional de desenvolvimento humano.

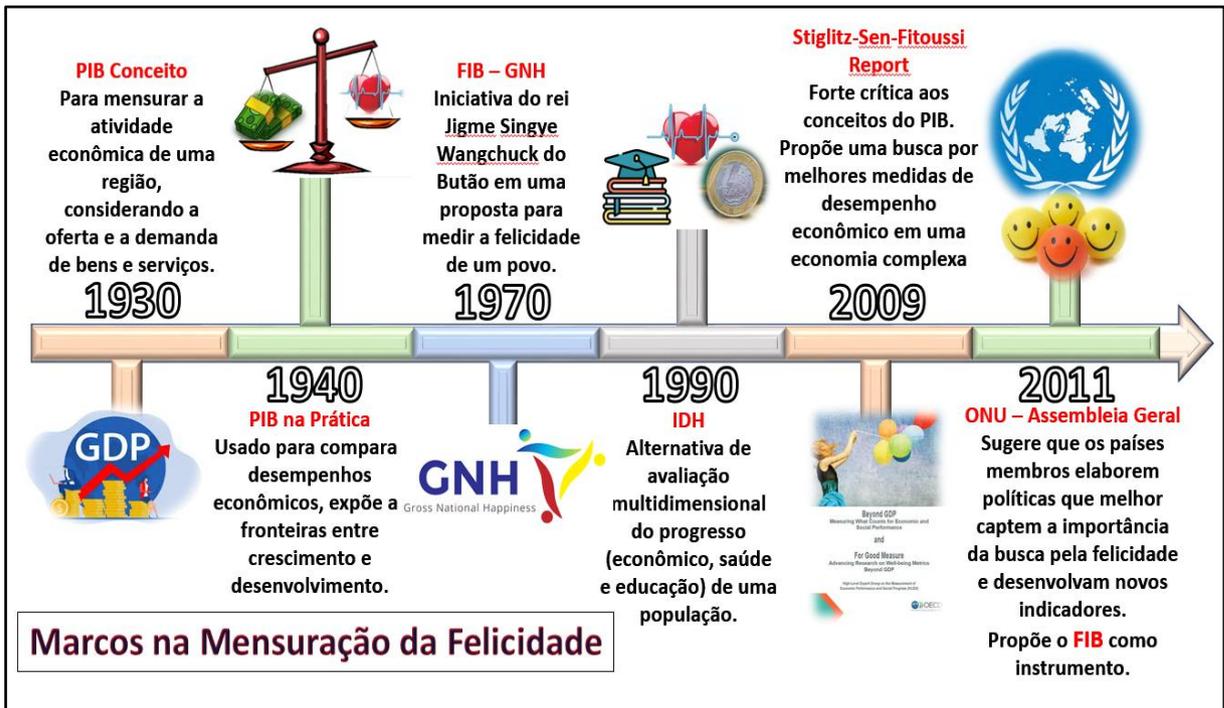
Da mesma forma que acontece com o PIB, Santagada (2007) comentava algumas limitações para se usar o IDH como um indicador ideal para conhecer e diagnosticar a realidade social e econômica de uma população.

O IDH, apresentado pela ONU, é um instrumento que veio para superar as análises economicistas baseadas somente no desempenho econômico; ele dá uma visão abrangente do avanço social da comunidade das nações. Só que devemos tomar alguns cuidados ao analisá-lo de forma separada das condições reais por que passa a maioria da população e das posições dos diversos atores e países na conjuntura internacional e o debate subjacente em sua concepção. Além do mais, uma simples mudança de metodologia, fato normal no Relatório do IDH, faz os países perderem posições no ranking geral do IDH, e um país com médio IDH, pode estar escondendo uma forte concentração de renda e riqueza, como é o caso do Brasil. (SANTAGADA, 2007).

Apesar das críticas apontadas para ambas as propostas de indicadores de desempenho, Nery (2014) e Sachs (2016) destacavam que ainda são utilizados, principalmente porque conseguem expressar parte da realidade do progresso de uma nação. Entretanto, ao longo do tempo, e considerando-se as críticas feitas quanto às

abordagens adotadas, surgiriam alternativas para se avaliar, de forma multidimensional, o bem-estar físico e mental de uma determinada população, mais bem descrito à frente neste trabalho. Na Figura 3, pode-se acompanhar os marcos relacionados com o conceito de medição da felicidade.

**Figura 3 -** Representação de marcos na mensuração da felicidade



Fonte: Autoria própria, 2022

### 2.3 DESENVOLVIMENTO RURAL E SUSTENTÁVEL

Para se compreender melhor o conceito de desenvolvimento rural sustentável, há, inicialmente, a necessidade de entender as expressões separadamente. Ellis e Bigs (2001), Veiga e Zatz (2008), Kühn (2015), Sachs (2002), e Sen (2010), defendem a ideia de desenvolvimento enquanto um fenômeno por meio do qual ocorre um progresso evolutivo a uma determinada população ou região e que tem sido diferenciado da expressão crescimento, em especial, quando esta, apresenta-se especificamente com foco financeiro ou econômico.

Nordhaus e Tobin (1982) e Henn (2019) já apontavam que, havia uma tendência de se definir crescimento como sinônimo de desenvolvimento. Este paradigma passou a ser questionado a partir dos anos 1950 tendo em vista a constatação de uma série de evidências em nações ditas em desenvolvimento e

subdesenvolvidas. Estudos de Stiglitz (2010; 2016), destacavam também as mazelas geradas pelas desigualdades que vigoram em grande parte das economias no mundo bem como a dinâmica do crescimento como eixo que garante as fortunas em posses de poucos, enquanto grande parte das populações sequer têm acesso ao mínimo de subsistência. O autor salienta que, a partir de políticas voltadas para a promoção do desenvolvimento, este cenário seria transformado e as desigualdades tenderiam a ser reduzidas.

O crescimento econômico, segundo Furtado (2004), corroborado por Veiga (2005a) tinha suas bases na manutenção de vantagens de poucos em detrimento de grande parte da população, que não é atendida sequer em suas necessidades básicas, já no desenvolvimento, foca-se mais para uma proposta social que apresenta maior abrangência e igualdade.

Estudos realizados por Inglehart et al (2008) sugerem que o bem-estar tem consequências sociais importantes, e exemplificam relatando que a queda destes níveis foi um dos principais indicadores do colapso dos antigos sistemas comunistas, no período da queda da União Soviética na última década do século XX. Essas descobertas também têm implicações importantes para cientistas sociais e formuladores de políticas, pois implicam que a felicidade humana não é fixa, mas pode ser influenciada por sistemas de crenças e políticas sociais.

O simples fato de governos disponibilizarem recursos voltados para investimentos, não é condição certa e suficiente que garanta um futuro melhor para grande parte da população (principalmente as classes mais baixas). Entretanto, quando há uma proposta social, que promove a inclusão e beneficia a melhoria efetiva na qualidade de vida da população, neste caso é possível afirmar que o crescimento se transfigura para desenvolvimento, em uma expressão que Furtado (2004) denomina metamorfose.

Furtado (1983), Souza (2012) comentavam que o desenvolvimento deve resultar do crescimento econômico, mas este, precisa vir acompanhado de melhorias na qualidade de vida, ou seja, deve, de alguma forma, melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social tais como as condições de moradia, educação, alimentação, saúde, desigualdade e pobreza. Boff (2016) advogava que o crescimento não é um fim em si mesmo, pois a acumulação por si só não apresenta sentido lógico, enquanto o desenvolvimento apresenta um conceito mais abrangente e que atende

diferentes dimensões que superam as de cunho material, incluindo a instituição da generosidade.

O desenvolvimento econômico, para Sen (2000) precisava ser embasado nas liberdades que o indivíduo conquista. Somente haverá desenvolvimento após eliminar-se as fontes que cerceiam as liberdades, tais como a destituição social, pobreza, tirania, intolerância, privação da liberdade, desemprego, e negligência dos serviços básicos públicos. Em uma proposta para melhor explicar a ideia de liberdade, o autor discorre que a sua expansão é, ao mesmo tempo, fim primordial (papel constitutivo) e principal meio (papel instrumental) para a promoção do desenvolvimento. Somente havendo uma ampla e geral liberdade é que o desenvolvimento se dará por completo, lembrando ainda, que o autor concebe este conceito sob uma ótica mais abrangente do que aquele costumaz antônimo de proibição ou privação, e complementa.

Há muito mais na relação instrumental do que este encadeamento constitutivo. A eficácia da liberdade como instrumento reside no fato de que diferentes tipos de liberdade apresentam inter-relação entre si e um tipo de liberdade pode contribuir imensamente para promover liberdades de outros tipos. Portanto os dois papéis estão ligados por relações empíricas, que associam um tipo de liberdade a outros (SEN, 2010, p. 57).

Veiga e Zatz (2008) ilustram que a expressão desenvolvimento sustentável foi aplicada publicamente pela primeira vez durante um evento sobre desenvolvimento e meio ambiente promovido pela ONU em 1979. Rapidamente o termo se destacou por representar uma expectativa alimentada por grande parte da comunidade científica que precisa encontrar caminhos para que o mundo continue se desenvolvendo, sem correr o risco de extinção. Veiga (2005b) e Costabeber e Caporal (2003) defendiam que o desenvolvimento sustentável pressupõe, necessariamente, uma transformação progressiva da economia e da sociedade; que isto precisa ocorrer *pari passu*, e, acima de tudo, que garanta igualdade de oportunidade para todos. Para tanto, os autores sustentam que, por se tratar de uma construção social, o conceito atribuído às necessidades humanas, precisa ser discutido constantemente, pois há visões distintas, que variam, muitas vezes conforme a conveniência do grupo social.

De acordo com os estudos de Plein (2012), o conceito de desenvolvimento apresenta sentidos que se complementam ao logo do tempo (final do século XIX até

hoje), e salienta que por mais discutido que tenha sido o tema, ainda ocorrem confusões com o termo crescimento, até mesmo entre dicionários de economia.

O estudo do desenvolvimento econômico, para Sachs (2002) não pode se abster de considerar uma forte relação com a sustentabilidade. E para tanto, é fundamental conceituar desenvolvimento sustentável incluindo, em suas análises, fatores como: político, social, territorial, ambiental e econômico. O autor defendia ainda que existe uma forte relação entre desenvolvimento econômico, social e ambiental, e, para seu efetivo sucesso, precisam ser de longo prazo. Estratégias de curto prazo, podem gerar um crescimento social benéfico, mas ambientalmente destrutivo, ou, de outra forma, pode ocorrer um crescimento ambiental benéfico, porém destrutivo socialmente. Profundamente preocupado com uma sustentabilidade viável, justa e correta, Boff (2016), direciona a sua crítica para as desigualdades provocadas por interpretações incompletas sobre o tema, que por vezes somente vê as questões ambientais, preterindo as mazelas econômicas e sociais resultantes destas distorções. Neste caso, para expor a falta de uma visão holística de grande parte da sociedade atual, o autor utiliza a expressão “visão compartimentada, mecanicista e patriarcal da realidade” como parte da cosmovisão moderna que perdeu o foco do total, beneficiando as partes (BOFF, 2016, p.79).

Sachs (2002) apontava que existem condições para garantir a sustentabilidade, o que ele denomina os oito critérios: Sociais, Culturais, Ecológicos, Ambientais, Territoriais, Econômicos, Políticos (âmbito nacional) e Políticos (âmbito internacional). Já Boff (2016, p.150) assevera que para se entender melhor o conceito de desenvolvimento sustentável, torna-se necessário satisfazer algumas condições fundamentais, a saber: “a subsistência, a proteção, o afeto (amar e ser amado), o entendimento (aceitar os outros e ser aceito), a criatividade, a participação, o lazer, a identidade pessoal e cultural e a liberdade.” Neste caso, o mesmo autor ainda reforça os dizeres do indiano Amartya Sen sobre riqueza e pobreza, tentando desconstruir a ideia de que a segunda, está associada apenas a insuficiência de renda, saúde ou educação, mas também a fatores que privam as capacitações que usurpam as oportunidades de desenvolvimento e autonomia das pessoas.

Por mais difícil que tenha se tornado, compreender e conceituar o desenvolvimento rural e sustentável, considerando as variadas ideologias que se utilizam deste conceito, surgem diversas propostas que têm contribuído sobremaneira com os resultados. Em uma delas, Zonin e Neukirchen (2020) organizaram um rol de

pensamentos e propostas sobre o assunto, demonstrando que a interdisciplinaridade permeia por completo a ideia de desenvolvimento rural e sustentável e principalmente demonstram que não se trata de utopia descabida, mas que são expressões claras de que é possível promover, em áreas rurais, uma transformação sustentável com respeito, ética e transparência, também conhecido como desenvolvimento.

No que tange à viabilidade plena da sustentabilidade, Boff (2016) chama atenção para a formação do capital social da população-alvo de um determinado espaço. Ao longo do tempo, esta população acumula experiências vivenciais, hábitos para uso racional de seus recursos, gerando coesão social, níveis de cooperação e de confiança que são fundamentais para a inclusão de todos e para a redução da pobreza.

O desenvolvimento rural atual, conforme destacam Ellis e Bigs (2001) ocorre por meio de processos que buscam mitigar a pobreza rural, usando estratégias sustentáveis de sobrevivência aliados a uma boa governança. Os autores também apontam que a proteção social e as abordagens setoriais são elementos chave para o desenvolvimento rural.

Em uma rápida, mas pontual conceituação sobre desenvolvimento, Gubert, Fabrini e da Silva (2020) afirmavam que se trata de uma procura pelo equilíbrio entre consumir e produzir, de forma responsável garantindo vida para as futuras gerações, e protegendo os recursos não renováveis. Além disto, está a reparação das desigualdades passadas, preenchendo o “abismo civilizatório” entre uma maioria carente e atrasada, e uns poucos ricos e modernizados que se mantêm no poder *ad eternum*.

Quanto a expressão rural, apesar de parecer de fácil entendimento, merece uma reflexão, pois como afirma Schneider e Escher (2011) balizados por Graziano da Silva (2001), as transformações sociais e culturais a partir da segunda metade do século XX, impactaram, também no campo, com o surgimento de um novo rural. Navarro (2001) e Navarro e Alves (2016) explicam que o conceito de ruralidade ganha novas percepções a partir da metade da década de 1980, quando passa a contar com uma nova adequação demográfica e econômica, representada pela redução significativa das diferenças entre o urbano e o rural.

Graziano da Silva (2001), e Graziano da Silva; Del Grossi, Campanhola (2002) descrevem que, neste processo, o rural abdica da alcunha de espaço ou lugar do atraso, e incrementa uma série de atividades que se somam à agricultura pura e

simples, e passa a oferecer alternativas ao agricultor e sua família, inclusive com a possibilidade de se tornar, novamente, uma oportunidade de vida para antigos migrantes que deixaram o campo em busca de melhores condições de vida.

A dicotomia rural-urbano recebe novas propostas de significação, quando, na visão de Schneider (1999) e de Graziano da Silva (2001), ocorre a modernização das atividades agrícolas, por meio da tecnologia, que passa a estar presente não somente na cidade, mas no campo. Com este fato, surgem outras propostas para se entender o urbano e o rural, distinguindo os termos, mas cientes de que por vezes o conceito de um pode se confundir ao do outro.

Neste sentido, Abramovay (1999), Favareto (2006), e Kieling e Silveira (2015), expressam haver um *continuum* entre os espaços do mundo rural e do urbano, reduzindo-se as fronteiras que antes os diferenciavam física, econômica, ecológica e socialmente. Isto faz com que, para compreender seus conceitos, exija-se muito mais esforço, pois nem um, nem outro, apresenta características que os diferenciem claramente.

Acompanhando a mesma proposta dos autores citados, Wanderley (2000, p.109), advoga que o meio rural “[...] não é mais um espaço isolado do meio urbano; ao contrário, cada vez mais ele se insere, de modo diferenciado, sem dúvida, na sociedade moderna e incorpora suas mais profundas influências”.

Schneider (1999), Wanderley (2001) e Alves e Vale (2013) propõem que boa parte da academia, parece ciente de que, ao longo das últimas décadas, o rural presenciou transformações em sua essência, tal qual evoluem praticamente todas as áreas da sociedade. Wanderley (2000; 2009) complementa que o mundo rural possui especificidades culturais, ecológicas e históricas que lhe atribuem uma realidade própria. Nesta realidade, incluem-se as próprias formas para a sua inserção na sociedade que, hoje já não apresenta fronteiras tão delimitadas para com o mundo urbano.

Mesmo na contramão de parte dos pesquisadores, que persistem em defender o crescimento econômico como indicador chave para diferenciar, de forma hierárquica, povos e nações, Sachs (2016), descreve, inicialmente a importância em se entender o conceito de desenvolvimento e complementa afirmando que há uma forte conexão entre o desenvolvimento sustentável e a felicidade. Estas relações são comprovadamente demonstradas, a partir do momento em que se criaram os diversos instrumentos de mensuração da felicidade.

### 2.3.1 A Permanência no Campo e o Desenvolvimento Rural

Em sua versão de 2009, o Relatório do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2009), adotou o tema, “Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e desenvolvimentos Humanos”, por meio do qual são feitos estudos acerca das migrações em suas diversas configurações e justificativas. O que chama atenção neste estudo é o apontamento de que a maioria dos deslocamentos de populações ocorre dentro do mesmo país, e em muitos casos para localidades próximas. O estudo comenta também sobre os impactos que o fenômeno do êxodo rural causa tanto ao mundo urbano quanto ao rural. A superlotação de um, em detrimento do esvaziamento de outro, traz consequências marcantes e sérias tanto a curto quanto a longo prazo.

Apesar da queda considerável dos índices de migração para as cidades, nas últimas décadas, apontadas por Abramovay e Camarano (1999), Balsadi (2001) e Alves, Souza e Marra (2011), o tema êxodo rural ainda toma espaço em discussões acadêmicas e políticas. Ao abandonar a propriedade rural, o agricultor familiar, deixa de ser fornecedor de alimentos, transformando-se em mais um consumidor, o que intensifica ainda mais os problemas de escassez e aumento dos preços dos produtos oriundos do campo.

Abramovay e Camarano (1999) descrevem que, a partir do final dos anos 1990, ocorre uma redução na intensidade das migrações do campo para as cidades brasileira. Ao sugerir uma nova forma de se definir o rural, Veiga (2004) esclarece sobre uma tendência da urbanização do campo e ruralização da cidade, com isto, as causas iniciais do êxodo rural, são mitigadas de forma a se falar em final do ciclo migratório. As transformações ocorridas na sociedade brasileira ao longo da sua história implicaram mudanças nos padrões familiares. Rabello, Oliveira e Feliciano (2014) e Aguiar (2017) complementam esta visão, comentando que famílias antes numerosas, se viam praticamente obrigadas a dispensar parte da sua prole, para as cidades por não ter condições de dividirem suas áreas por todos os herdeiros (mesmo que nesta época apenas os filhos homens recebiam esta benesse).

Comentam Stropasolas (2011a), Boessio e Doula (2016) e Aguiar e Stropasolas (2010) que, mesmo com toda a visão preocupante relacionada com a despovoação dos espaços rurais, ainda há alternativas diversas para estancar o processo e, inclusive, de reverter o fluxo. Atividades ligadas ao turismo rural, com

preservação do patrimônio cultural rural, agroindústrias de unidades familiares, agroecologia e produtos orgânicos, são destacadas pelo autor, como possíveis caminhos que contribuem para a maior permanência das famílias em suas propriedades.

Sob o ponto de vista internacional, também a questão do despovoamento rural, ao longo da história, é tema de preocupação. Abramovay, Camarano (1999) esclarecem que, na Europa e Estados Unidos, o esvaziamento dos espaços rurais, com maior intensidade pelos jovens, e ainda mais pelo sexo feminino, não é encarado como um efeito colateral natural do progresso, mesmo que ele ocorra dentro de limites aceitáveis. Para os autores, e apoiados por Cloke (2006), os governos destes países, oferecem diversas políticas públicas com o objetivo de mitigar os efeitos deste problema.

Cuervo (2015), Cook e Cuervo (2020), Coulter, Ham e Findlay (2016), Argent e Walmsley (2008), Moon (1995), Halfacree (2004) descrevem estudos internacionais em que, apesar de ser um fenômeno que vem diminuindo em intensidade; o êxodo rural impacta não somente em aspectos econômicos, mas sociais e culturais. Halfacree (2004, p.240) assim expressa esta situação:

Quando as pessoas são desenraizadas e transportadas de suas casas, seja por economia, política, guerra ou injustiça, elas levam suas histórias com elas. E são as histórias que podem transportá-los de volta, além das fronteiras de seu confinamento atual. Os sentimentos associados à migração geralmente são complicados, a decisão de migrar é geralmente difícil de tomar e o resultado geralmente envolve emoções mistas. A migração tende a expor a personalidade de uma pessoa, expressa suas lealdades e revela seus valores e apegos (muitas vezes antes ocultos). É uma afirmação da visão de mundo de um indivíduo e, portanto, é um evento extremamente cultural (tradução própria).

Em um amplo estudo acerca da migração, Moon (1995) identificou os, fatores de repulsa e atração, à permanência do agricultor em sua propriedade, bem como paradigmas institucionais, pessoais e culturais que influenciam essa tomada de decisão.

O pesquisador aponta que os fatores de repulsa, são aqueles que motivam o agricultor a sair do local em que reside; dentre eles, estão potenciais aspectos que podem comprometer ou contribuir para que o agricultor decida permanecer no local em que reside, listados a seguir: baixa renda regional; perda da ocupação profissional;

presença de elementos de opressão e discriminação; poucas possibilidades de desenvolvimento pessoal e familiar, ou ainda catástrofes em geral.

Como aspectos de atração, Moon (1995) descreve aquelas condições que incentivam o agricultor a decidir por um determinado local, em detrimento de outro; destes pode-se citar: oportunidades de carreira superiores; maior renda; chances de crescimento pessoal, como melhor educação, associação de grupo etc.; ambiente favorável, como clima, moradia, escolas e/ou outras instalações institucionais; proximidade à familiares e amigos; outras atrações como diferentes atividades sociais ou físicas.

Mesmo considerando-se a complexidade dos recursos presentes nos ambientes rurais, e que, para o pleno desempenho de seus resultados, é essencial a integração contínua, Carvalho, Prevót e Machado (2014), advogam sobre a superioridade da importância dos recursos humanos e organizacionais sobre os demais, como meio para garantir a excelência nas suas estratégias.

Spanevello (2008), Dotto (2011) e Kusniewski, Seganfredo e Borba (2019) descrevem que, além da decisão por permanecer na propriedade rural, ainda há a eminente preocupação com o processo sucessório, que, mereceria outro tratado, pois somente ficar ligado à propriedade não garante ao agricultor uma sobrevivência até o final de sua vida. Neste sentido, há, no Brasil, trabalhos de Abramovay e Camarano (1999), Alves, Souza e Marra (2011), Breitenbach e Corazza (2017), Vantropa (2009), Stropasolas (2011a), Troian, Oliveira e Dalcin (2011), Kummer e Colognese (2013), dentre outros. No cenário internacional, citam-se estudos de Moon (1995), Argent e Walmsley ((2008), Coulterm Ham e Findlay ((2016), Cook e Cuervo (2020), Halfacree (2004).

Em ambas as abordagens de estudos, há uma unânime preocupação em se identificar aspectos motivadores para o jovem manter-se na propriedade, entretanto, ainda desempenhando papel de coadjuvante em um processo sucessório que não lhe permite muita autonomia nas tomadas de decisão. Boessio e Doula (2017), Brumer (2014) e Buczenko e Rosa (2018) argumentam sobre o papel que as cooperativas representa neste sentido, como instituição com poder de fomentar a maior permanência no campo. Por outro lado, Abramovay e Camarano (1999), Alves, Souza e Marra (2011), Balsadi (2001), Stropasolas (2011b), Kühn (2015), Ellis e Biggs (2001) e outros, deixam claro a necessidade de se manter uma efetiva produção agrícola e diversificada para se garantir a promoção de um desenvolvimento rural e sustentável.

A modernidade tem sido marcada por grandes transformações que impactam em novas configurações das sociedades por todo o planeta. Ao mesmo tempo convive-se com inquietudes globais de ordem econômica, ambiental, de saúde pública, e social que afetam as mais variadas atividades humanas. Nery (2014) esclarece que, em meio a este cenário, as disfunções na distribuição de renda continuam ocorrendo em boa parte dos países, a ponto de se conceber a existência de uma Economia da Desigualdade. Este termo, cunhado por Piketty (2004), descreve um contexto em que pouco se faz de marcante para garantir um mínimo de dignidade (seja ela financeira, educacional ou de trabalho), e Sen (2010) utiliza estes conceitos para chamar a atenção sobre os efeitos desastrosos desta realidade, em especial para populações de poucas posses.

Piketty (2004) ainda argumenta que, no setor da agricultura este cenário não é diferente e os pequenos proprietários são inseridos na dinâmica dos grandes grupos que desconsideram por completo a realidade e incentivam a sua saída. Reféns de uma pressão econômica, cultural e tecnológica que prestigia e valoriza o urbano e relega o rural à semimarginalidade, o pequeno agricultor vê-se obrigado a aceitar propostas medíocres e abandona suas propriedades. Este fenômeno pode ser visto com naturalidade por alguns, que denominam de uma tendência mundial; entretanto, há que se atentar para um aspecto pouco aparente.

As transformações da estrutura familiar rural, conforme relatam Abramovay e Camarano (1999), Dos Anjos (1995), Alves e Marra (2009), Breitenbach e Corazza (2017) e Cook e Cuervo (2018), representam uma desconstrução das redes que se instituíram por gerações no território nacional. A urbanização, não apenas tende a inflar os problemas das grandes cidades, mas descaracteriza por completo o território e a identidade rural do país e os impactos não são somente econômicos, mas sociais e culturais de longo prazo e grande intensidade (ABRAMOVAY, 1998).

Quanto ao que apregoam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (IPEA, 2018), na Agenda 2030, é possível perceber que nos objetivos 1 (acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares), e 2 (acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável), há uma forte relação com as atividades agrícolas (SEGOV, 2018). Para que sejam garantidas as metas de melhoria dos indicadores dos ODS, de forma sustentável e contínua, se faz necessária a completa permanência do agricultor

familiar no campo, trabalhando e produzindo nas melhores condições de bem-estar para manter sua sustentabilidade.

## 2.4 INDICADOR DE FELICIDADE INTERNA BRUTA - FIB

A ideia de se medir a felicidade acompanha boa parte das esferas acadêmicas, que preconizam que só se consegue gerenciar uma variável, a partir do momento que a conhece a ponto de medi-la. Campbell (1976), Beytía e Calvo (2011), Hutz (2014, 2016), Seligman (2006, 2011), e Ribeiro e Santos (2019) descrevem a importância da mensuração do bem-estar subjetivo como um meio para conhecer melhor os fatores que permitem a sua promoção por meio de políticas públicas ou mesmo com estratégias empresariais. Para explicar o conceito de felicidade Ura (2015) utiliza a expressão - bem público - defendendo que, por se tratar de um objetivo buscado, intencional ou não intencionalmente, por todo ser humano, ela deveria ser mais bem conhecida e promovida, em especial, pelos poderes públicos. Lustosa e Melo (2010), complementam este raciocínio parafraseando: Se o planejamento governamental, e, portanto, as condições macroeconômicas do país, forem adversos à felicidade, esse planejamento fracassará enquanto meta coletiva.

Conforme relatam Ribeiro e Santos (2019), Balasubramanian e Cashin (2019), Beytía (2016; 2017), a proposta de um indicador que traduzisse a felicidade de uma população, bem como a própria expressão *Gross National Happiness* – GNH (adaptado para Felicidade Interna Bruta - FIB), surgiu, na década de 1970, por iniciativa de um monarca do reino do Butão. Trata-se de um pequeno país asiático localizado entre China e Índia, com população de maioria budista e eminentemente agrícola. Não satisfeito com a hegemonia do uso do indicador de produção nacional (PIB) como uma expressão do grau de progresso de um país, o rei daquele país iniciou um movimento para a criação de uma forma alternativa de avaliação do grau de bem-estar da população. Neste caso, haveria a necessidade de se considerar mais variáveis que não fossem apenas os de produção industrial e de serviços. Em um discurso proferido no Brasil em 2009, o monarca comenta: “[...] quaisquer que sejam as metas que tenhamos – e não importa o quanto essas metas mudem neste cambiante mundo – em última instância, sem paz, segurança e felicidade, nada temos.” (GNH Center Bhutan, 2020a, 2020b).

De acordo com Ura, Alkire e Zangmo (2015) e Ribeiro e Santos (2019) a princípio, a proposta da Felicidade Nacional Bruta baseava-se na existência de quatro pilares: a) boa governança; b) desenvolvimento socioeconômico sustentável; c) preservação cultural, e d) preservação ambiental - por meio deles, seria possível compreender o significado e validar a mensuração da felicidade.

Com relação à toda dinâmica voltada para a avaliação da FIB, vale um rápido comentário sobre o Butão, país usado, inicialmente, para a aplicação da proposta. Balasubramanian e Cashin (2019), Ribeiro e Santos (2019), e Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021) explicam que a população daquele país, com menos de 800 mil pessoas, é expressivamente de religião budista, com atividade agrícola de média tecnologia, de forte influência cultural das comunidades a que pertencem, e, governado por uma monarquia constitucional (a partir de 2008), com o poder legislativo executado por duas câmaras. Valentim et al (2014) e Ribeiro e Santos (2019) consideram importante ter estas informações, antes de entender as dimensões da FIB, que, em determinadas etapas, alude variáveis por vezes preteridas em sociedades com costumes mais modernizados.

Ura *et al* (2012) apontam que a metodologia adotada para o cálculo do FIB recebe forte influência de aspectos religiosos, culturais e sociais presentes na sociedade butanesa. Posteriormente, Correa (2017) e Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021) criticam esta postura, alegando que pode dificultar a adaptação da avaliação para outros países, em especial, nos ocidentais, visto as grandes diferenças do pensar entre povos. A defesa apresentada para que tais variáveis sejam fortemente consideradas nos tratamentos estatísticos, destaca-se no fato de que a cultura é vista como mais do que um simples recurso para estabelecer identidade, trata-se de um meio de mitigar algumas das consequências negativas resultantes da modernização no Butão por meio do enriquecimento espiritual do país (URA et al, 2012).

Valentim et al (2014) e Ura (2015) descrevem que, a partir de 2012, o GNH Centre (Centro Butanês para estudos sobre a Felicidade Interna Bruta), amplia para nove as chamadas dimensões da FIB, dando-lhe uma abordagem mais científica e focada nos resultados. A seguir lista-se estas nove dimensões:

- a) Bem-estar psicológico - avalia a felicidade e satisfação com a própria vida;
- b) Saúde - analisa padrões de comportamento, tais como os hábitos quanto a exercícios físicos, práticas de alimentação e o padrão de sono;

- c) Educação – refere-se aos conhecimentos ligados à literatura em geral, o comprometimento na educação de jovens e crianças bem como os valores transmitidos;
- d) Diversidade e resiliência cultural – compreende a participação em atividades culturais, bem como a oportunidade em desenvolver habilidades artísticas. Também é analisada nesta dimensão, a linha religiosa, discriminações quanto a raça e gênero;
- e) Uso do tempo – refere-se a como a população utiliza seu tempo entre o trabalho e o lazer. Trata-se de uma dimensão fundamental para a análise, visto que a própria cultura butanesa, de origem eminentemente budista, valoriza a contemplação como caminho para o bem-estar;
- f) Governança – avalia o desempenho do governo e suas instituições públicas, bem como da participação da imprensa, da estrutura judiciária, das eleições, e do comprometimento do cidadão nestes resultados;
- g) Vitalidade comunitária – refere-se à participação voluntária e espontânea em comunidade, visto que a comunidade é uma instituição de alta presença nos resultados de bem-estar. Nesta dimensão, são avaliados o acolhimento, a vitalidade das relações pessoais e coletivas, a segurança do lar e da própria comunidade;
- h) Diversidade e resiliência ecológica – dimensão relacionada fundamentalmente a questões de urbanização (energia elétrica, água, resíduos) e ao meio ambiente em geral, medindo a qualidade percebida dos recursos naturais e o acesso às áreas verdes e à preservação da fauna e flora da região;
- i) Padrões de vida – última dimensão do instrumento, propõe-se a verificar a satisfação da população quanto aos bens que possui, renda familiar obtida, padrão de moradia, segurança financeira, além de padrão de compras e gastos com lazer e o grau de endividamento.

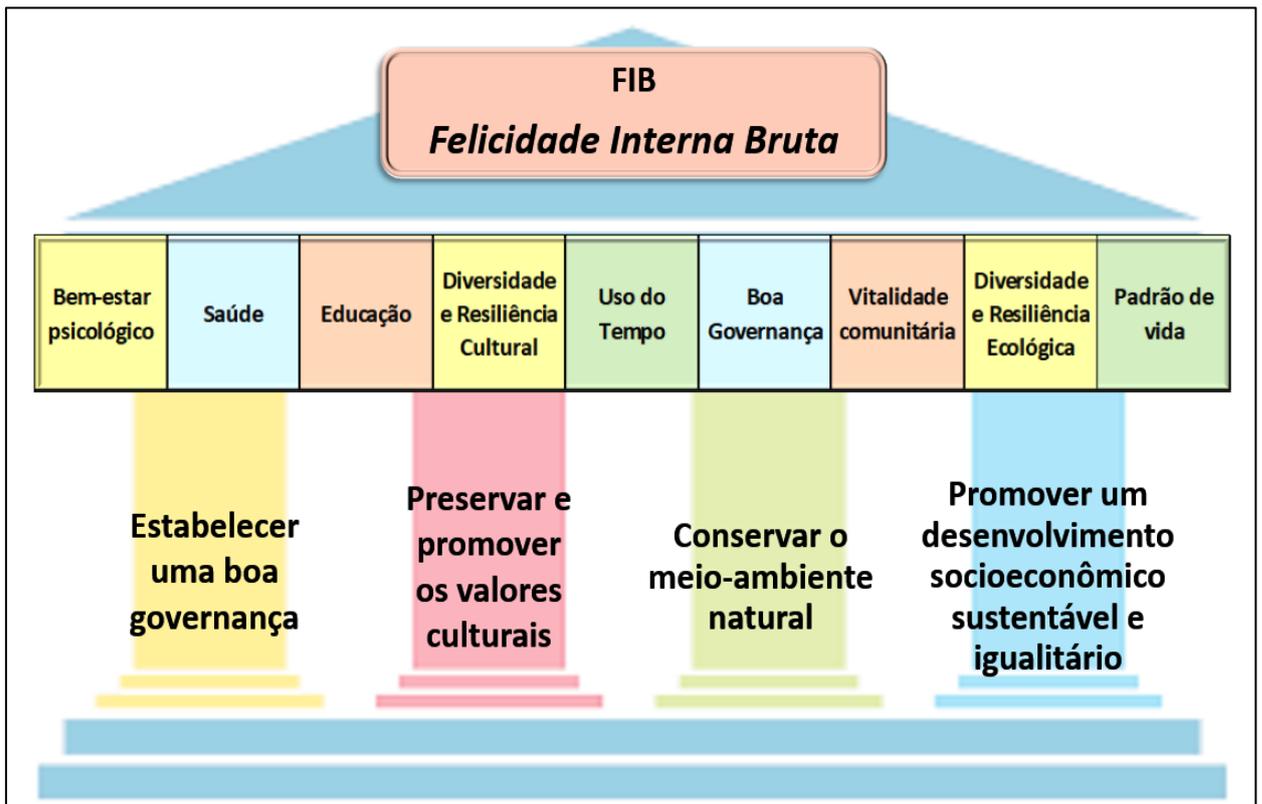
Conforme apresentam Zangmo, Wangdi e Phuntsho (2017) e Ribeiro e Santos (2019, p. 205), as 9 dimensões descritas, abrangem 33 indicadores, que, por sua vez estão relacionados a 124 variáveis. Com relação ao tratamento estatístico para o processamento dos dados da pesquisa, a cada indicador é atribuído um peso e para a seleção destes indicadores, selecionou-se alguns critérios:

(a) todos os indicadores devem refletir os valores normativos do FIB estabelecidos em documentos oficiais, que refletem o normativo na cultura e tradições do Butão; (b) possuir propriedades estatísticas e robustez; (c) ser capaz de refletir com precisão como a felicidade varia e se desenvolve em diferentes regiões ao longo do tempo e entre diferentes grupos; (d) sejam relevantes para a ação pública, ou seja, sejam capazes de explicar se as políticas governamentais influenciam o FIB; e (e) possa ser compreendido pelo cidadão comum. Sua natureza abrangente o torna um índice muito bom para avaliar o bem-estar da sociedade. Concluimos assim que o FIB mede a qualidade de um país de forma mais holística do que o PIB e considera que o desenvolvimento é benéfico para a sociedade humana quando o desenvolvimento material e espiritual ocorre lado a lado para complementar e fortalecer cada indivíduo. (RIBEIRO e SANTOS, 2019, p. 205, tradução nossa).

Para evitar a possibilidade de se acreditar que a proposta de um instrumento de medição da felicidade, fosse aceito e implementado facilmente, cabe aqui um esclarecimento histórico. Conforme relatam Ura *et al* (2012), Lustosa e Melo (2010) e GNH Centre Bhutan (2016), a primeira aplicação da pesquisa para levantamento da FIB no Butão ocorreu nos primeiros anos da década de 1970. Entretanto, a ideia adquiriu força e credibilidade na comunidade científica e política mundial, a partir de 2008, mais precisamente após a apresentação dos resultados práticos na Assembleia da ONU de julho de 2011 (ONU, 2011). Na Figura 4, pode-se ver a representação do modelo do FIB que vigora atualmente.

Delsignore, Aguilar-Latorre e Oliván-Blázquez (2021) esclarecem que, apesar de já ter implantado a avaliação do FIB em seu país, durante pelo menos duas décadas e meia, o monarca butanês promoveu poucas políticas para melhorar o bem-estar da população, fato também comentado por Corrêa (2017). A transformação passa a ser percebida, a partir do final dos anos 2010, quando ocorrem mudanças no sistema de governo (de monarquia absoluta para monarquia parlamentarista) e a felicidade é inserida na nova constituição nacional, figurando, agora, como objetivo primeiro e obrigação maior dos governantes. Para a obtenção desta meta, vale-se da máxima, “só se pode gerenciar aquilo que pode ser medido”, como meio para se implementar uma nova política econômica de felicidade e bem-estar, portanto, o FIB tornou-se uma política formal nacional.

**Figura 4** - Representação do modelo do FIB



Fonte: Autoria própria, 2022

Segundo os dizeres de Ramos (2021), por um bom tempo, muitos economistas do ocidente consideraram delicado trabalhar o conceito de GNH proposto no Butão, visto a forte conexão com elementos culturais e sociais, de alta subjetividade para avaliar. Esta situação permaneceu até, pelo menos, o ano de 2005, quando, por meio do economista norte-americano Med Jones, a proposta do indicador passa a ter um tratamento econométrico mais apurado e, acompanhado por uma pesquisa global, sendo então desenvolvida uma primeira estrutura de decisão de política pública integrada para medir o bem-estar e a felicidade e adota-se a sigla GNW/GNH (*Gross National Well-being* ou *Gross National Happiness*), no Brasil o termo se manteve como a proposta inicial - FIB. Esta mesma visão é corroborada por Corrêa (2017) e Rose (2017), que defendem que o novo modelo proposto permitiu a tradução da visão da felicidade em um sistema validado de medição que os economistas podem utilizar com grande confiabilidade. Na conclusão da proposta, Med Jones cita que a inspiração, se deu pela iniciativa do monarca do Butão, que, teve a coragem para questionar a supremacia de um indicador como o PIB, e propor um novo modelo. A partir de 2006, então, o indicador de FIB é adotado nos EUA,

tendo sido amplamente referenciado por funcionários governamentais de alto nível e pesquisadores na Europa, África e Ásia.

## 2.5 EXCERTOS SOBRE A FELICIDADE NO BRASIL

A produção científica brasileira voltada para o tema felicidade, apesar de ainda incipiente, tem apresentado resultados melhores na última década, com destaque para pesquisadores das áreas da Psicologia, Psiquiatria, Sociologia, Filosofia e Administração. Este fato, descrito tanto por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), Freire Filho (2010a), Campos e Fuentes-Rojas (2017) e Gomes, Andrade e Falavigna (2019) forneceram expectativas para uma maior compreensão do que vem a ser a felicidade sob uma ótica nacional que contribua para a melhoria do bem-estar das pessoas.

Conforme afirma Ferreira (2016, p.15), a preocupação com a felicidade acompanha o ser humano por toda a sua vida como um sentimento complexo, pois pode apresentar diversas nuances dentre as quais “[...] é concreto, material, inatingível, abstrato, espiritual, familiar, e que depende do que se procura e das necessidades que se atribui ao seu alcance”. Complementa, que o ponto de vista pessoal será a base para se julgar o estado mais ou menos feliz do ser humano.

Na opinião de Sewabricker (2012, 2017), mesmo influenciada pelos distintos espaços sociais e culturais, a felicidade resulta de um processo individual de reflexão relacionado com a forma de estar e de encarar o mundo; portanto, acaba se tornando, sempre, uma ideia incompleta sobre maneira pela qual se deve viver. Ames, Serafim e Martins (2022), ressaltam sobre o papel das virtudes positivas como elementos capazes de proporcionar a melhoria da felicidade.

Há uma concordância de opiniões entre Dela Coleta e Dela Coleta (2006), Valentim et al (2014) e Ferreira (2016) descrevendo estratégias para medir a felicidade de diferentes populações no contexto brasileiro utilizando metodologias adaptadas, mas que apontam para uma constatação: não é exatamente o que acontece com o ser humano que poderá deixá-lo plenamente feliz, mas a forma como ele interpreta esses acontecimentos.

Sob o ponto de vista das pesquisas sobre a felicidade, realizadas no Brasil, Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), salientam que apenas algumas universidades

nacionais possuíam projetos de pesquisa voltados ao tema, dentre elas, as pioneiras foram: UnB, USP, UFRGS, PUCRS, UFC e Unicamp. Entretanto, nos últimos anos grande parte das instituições de ensino superior passaram a oferecer disciplinas ou mesmo cursos sobre felicidade, como uma estratégia para melhorar o bem-estar de estudantes, funcionários e professores.

Como referência acerca de estudos sobre a felicidade no Brasil, Lustosa e Melo (2010) relatavam sobre a 5ª Conferência Internacional sobre a Felicidade Interna Bruta realizada em novembro de 2009 na cidade de Foz do Iguaçu. O evento foi como um marco na discussão sobre a felicidade no país, representando o início de pesquisas e da criação de organizações preocupadas com a disseminação da cultura da felicidade no país. Ainda sobre o evento, a pesquisadora Susan Andrews, descreve a importância da criação do FIB como uma nova visão sobre o desenvolvimento humano, com um foco mais humanista, usando os recursos da natureza de forma equilibrada e solidária, em um caminho para o bem-estar pleno de todos. A felicidade, para Andrews (2013), enquanto patrimônio da humanidade, estava ligada a fortes laços afetivos com amigos e familiares e a sensação de significado na vida, dois fatores essenciais que contribuem para o que o bem-estar se instale e se mantenha nas pessoas.

Destacam-se também no Brasil, as iniciativas com propostas para mensuração do grau de felicidade, capitaneadas pelo grupo de psicólogos pesquisadores da Associação Brasileira de Psicologia Positiva no Laboratório de Mensuração da UFRGS. Hutz (2014, 2016) relata a importância em se elaborar uma metodologia de avaliação da felicidade que possa ser adaptada às realidades socioeconômicas, culturais e até mesmo religiosas vigentes no Brasil e que, por vezes, não são atendidas nos instrumentos internacionais. O mesmo autor salienta que, alguns instrumentos são usados para medir a felicidade de funcionários de empresas, com altos graus de confiança, corroborando com as experiências citadas por Albuquerque e Tróccoli (2004) com policiais militares do Distrito Federal, Rodrigues (2007) em estudo sobre comerciantes paulistas, Scorsolini-Comin e Santos (2012) com casais, Valentim et al (2014) com estudantes universitários e Ferreira (2016) com gestores públicos do estado de Minas Gerais.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo teve uma abordagem do tipo descritiva, defendida por Richardson e Pfeiffer (2017), como aquela que busca estabelecer relações entre variáveis acerca de um fenômeno percebido, delinea aspectos de uma determinada população e analisa a distribuição de seus atributos. O corte foi transversal durante o ano de 2022, sem considerar a evolução dos dados no tempo.

Os dados da pesquisa foram coletados tanto de fontes primárias quanto secundárias. Os de fonte primária (percepções pessoais) foram obtidos por meio de entrevistas cujo formulário, formado por três partes, pode ser visto no Apêndice A, e que será explicado mais detalhadamente à frente; já os dados de fonte secundária foram levantados em bibliografia científica, em repositórios eletrônicos e publicações nacionais e internacionais.

A população pesquisada foi composta por 125 agricultores familiares que comercializam seus produtos na feira agrícola da cidade de Medianeira (PR), cuja localização pode ser vista na Figura 5.

**Figura 5** - Detalhe da localização da cidade de Medianeira no Estado do Paraná



Fonte: Autoria própria, 2022

A aplicação das entrevistas ocorreu entre os meses de setembro e dezembro do ano de 2022, tendo sido desenvolvida, inicialmente, no próprio local em que funciona a referida feira. Devido aos impactos gerados pela pandemia da Covid19, alterando comportamentos sociais, foram necessárias algumas estratégias para aplicar a pesquisa. Dentre estas, destacam-se, a participação em uma reunião de agricultores, intermediado pelo coordenador do grupo, para apresentação de políticas do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), programa ao qual também fazem parte; aplicação das entrevistas presencialmente, nas propriedades rurais e nas sedes das comunidades, e antes e após as feiras que ocorrem às quartas-feiras e sábados pela manhã; além de agendamento e uso de aplicativos de videochamada WhatsApp® e Google Meet®. Houve casos de serem entrevistados vários agricultores que residem em uma mesma área de propriedade rural, com laços de familiaridade, e que produzem conjuntamente.

Para a realização deste trabalho foram propostas e testadas duas hipóteses relacionadas com a percepção sobre o grau de felicidade autorrelatada e a contribuição que representa para a permanência do agricultor rural no campo, tomando por base o conjunto de indicadores preconizados pelo instrumento da FIB, adaptado para a agricultura familiar no desenvolvimento rural. As hipóteses foram as seguintes:

**H0** – Alto grau de felicidade **não contribui** para a permanência do agricultor familiar no campo.

**H1** – Alto grau de felicidade **contribui** para a permanência do agricultor familiar no campo.

Considerando os ensinamentos de Richardson e Pfeiffer (2017) que conceituam e exemplificam as variáveis envolvidas em uma pesquisa descritiva, tem-se que, para esta pesquisa, as variáveis relacionadas com esta tese são:

Variável Independente (a que afeta a outra variável) = Felicidade

Variável Dependente (a que é afetada pela variável independente) = Permanência no campo.

Variáveis Intervenientes (geram significado às outras variáveis) – idade, gênero, grau de escolaridade, tempo no campo e renda familiar.

Por meio do Quadro 1, é possível acompanhar com melhor detalhamento cada um dos elementos que compõem as variáveis para este estudo. Salienta-se que

as variáveis independentes, agrupadas em nove dimensões, foram obtidas da proposta de avaliação da felicidade, ou bem-estar subjetivo apontadas pelo *GNH Centre Bhutan*, corroboradas pela ONU em 2011, sugerindo aos governos que adaptassem e aplicassem este instrumento, como estratégia de melhor conhecer sobre as condições de bem-estar de seus povos.

**Quadro 1** - Variáveis de Felicidade adaptadas do FIB usadas na pesquisa

Fatores de Felicidade		Variáveis Independentes		
Bem-estar psicológico		Satisfação com a vida Emoções Positivas Emoções Negativas Espiritualidade		
Saúde		Saúde Mental Saúde Reportada Dias Saudáveis Disfunções		
Educação		Alfabetização Nível Educacional Conhecimento Valores		
Diversidade e Resiliência Cultural		Língua nativa Participação cultural Habilidades manuais Comportamento		
Uso do Tempo		Trabalho Sono		
Boa Governança		Desempenho do governo Direitos fundamentais Serviços públicos Participação Política		
Vitalidade comunitária		Doações (tempo e dinheiro) Relacionamento com a comunidade Relacionamento com a Família Sentimento de Segurança		
Diversidade e Resiliência Ecológica		Questões ecológicas Responsabilidade Ambiental Danos à vida selvagem Aspectos de urbanização		
Padrão de vida		Bens Moradia Renda Familiar per capita		
<b>Variável Dependente</b>		Permanência no campo		
<b>Variáveis Intervinentes</b>	<b>Grupos</b>	<b>Segmentos</b>		
	<b>Idade</b>	22-40 anos	41-60 anos	>60 anos
	<b>Gênero</b>	Feminino		Masculino
	<b>Estado Civil</b>	Casado		Solteiro
	<b>Grau de Escolaridade</b>	Ens. Fundam.	Ens. Médio	Ens. Superior
	<b>Tempo no campo</b>	5-30 anos	31-55 anos	≥ 55 anos
	<b>Renda familiar</b>	<R\$6.000,00		≥R\$6.000,00

Fonte: Adaptado de GNH, 2018

O instrumento para coleta de dados primários foi uma entrevista estruturada, como pode ser visto no Apêndice A, sendo dividido em três partes. A primeira parte foi composta por perguntas relacionadas com o perfil dos respondentes, tendo sido levantado, idade, gênero, estado civil, grau de escolaridade, quanto tempo reside no campo e a renda média mensal auferida pela família.

Na segunda parte do instrumento de entrevista, foram feitas duas perguntas. A primeira questão referia-se ao grau de felicidade autorrelatada pelo agricultor nos nove domínios relacionados com as 33 variáveis preconizadas pelo FIB. A segunda pergunta era sobre a contribuição que estes mesmos elementos representavam para a decisão pela permanência no campo. Em ambas as perguntas, optou-se por propor uma escala de 1 a 5, na qual: (1) Infeliz/Muito Pouco; (2) Pouco Feliz/Contribui Pouco; (3) Nem Feliz - Nem Infeliz/Indiferente; (4) Feliz/Contribui; e (5) Muito Feliz/Contribui Muito.

Para facilitar e agilizar a resposta do entrevistado, evitando também distorções nas intensidades perguntadas, elaborou-se um gabarito das escalas e dimensões em cartolina (Figura 6) para que o respondente tivesse acesso enquanto fosse entrevistado, e o usasse caso assim fosse decidido. No caso das aplicações pelos aplicativos de videochamada WhatsApp® e Google Meet®, esta imagem era projetada inicialmente, mas retirada em seguida.

**Figura 6** - Imagem da escala usada na aplicação da entrevista



Fonte: Autoria própria, 2022

Na terceira e última parte do instrumento, foram listadas as nove dimensões da Felicidade, propostas pelo FIB e solicitado ao agricultor que indicasse apenas um que mais contribui e um que menos contribui para a sua permanência no campo.

O pré-teste foi aplicado a um grupo de 10 estudantes de uma universidade na cidade de Medianeira e resultou em pequenas alterações de expressões para facilitar o entendimento dos entrevistados e distribuição das perguntas no instrumento. O tratamento estatístico dos dados, bem como a elaboração dos gráficos e tabelas, foi realizado por meio do MS Excel®, e analisados de forma descritiva.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a aplicação das 125 entrevistas, quatro delas foram descartadas, por motivos explicados em seguida, retornando, então 121 instrumentos, que representam 96,8% do total, valor este que valida o estudo.

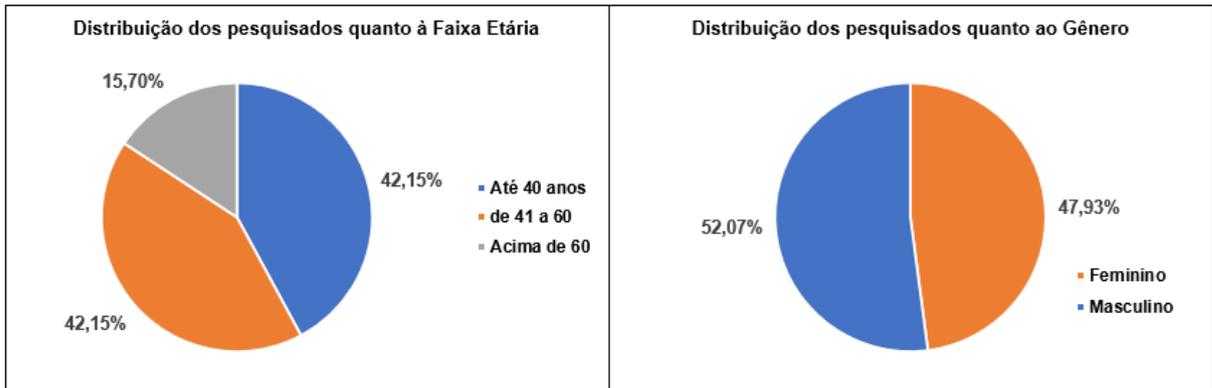
### **4.1 DADOS QUANTO AO PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

Para a descrição do perfil, foi considerado a idade, gênero, estado civil, grau de escolaridade, tempo que reside no campo, e a renda média mensal da família. Salienta-se que foram aplicadas 125 entrevistas, entretanto, quatro delas foram descartadas por estar relacionadas a grupos de mínima representatividade estatística que pouco ou nada contribuiria para as análises. Trata-se de dois respondentes que, no quesito “Estado Civil” se definiram como “Viúvo/Divorciado” e dois que responderam “Outro”. Analisando-se a representatividade destes dois grupos, comparados com os 32 solteiros e 89 casados, decidiu-se por descartar os formulários destes grupos, entendendo não haver comprometimento nos resultados obtidos. Sendo assim, considera-se o universo pesquisado formado por 121 indivíduos.

Na Figura 7 tem-se que, quanto à idade, existe coincidência de números entre os grupos com até 40 anos e os do intervalo entre 41 e 60 anos, na ordem de 41,25% para ambos os grupos. Já o grupo de pesquisados com acima de 61 anos representam 15,7%. Também quando ao gênero, percebe-se uma pequena diferença de números entre as 47,93% de mulheres e os 52,07% de homens que participaram dessa pesquisa. Entretanto, posteriormente elaborou-se uma análise mais detalhada para

caracterizar cada um dos grupos, de forma a compreender as especificidades de cada parte dos grupos.

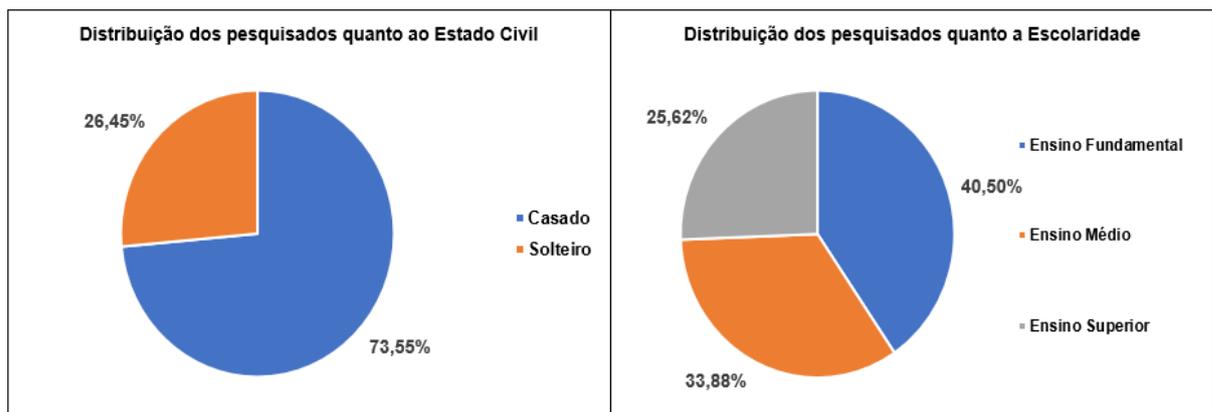
**Figura 7 - Distribuição dos pesquisados quanto a Idade e Gênero**



Fonte: Entrevista, 2022

Constatou-se que quase  $\frac{3}{4}$  dos agricultores (73,55%) estão casados e 26,45% são solteiros, normalmente residindo com seus pais (gráficos na Figura 8). Com relação ao nível escolar dos pesquisados, existe equilíbrio entre os que possuem Ensino Fundamental (completo e incompleto) com os de Ensino Médio (completo e incompleto), sendo que estes representam 33,88% e aqueles, 40,50%. Quanto ao grupo do Ensino Superior (completo e incompleto), representam 25,62%, valor que, posteriormente levantou-se, é ocupado pelo grupo que possui até 40 anos.

**Figura 8 - Distribuição dos pesquisados quanto ao Estado Civil e Escolaridade**

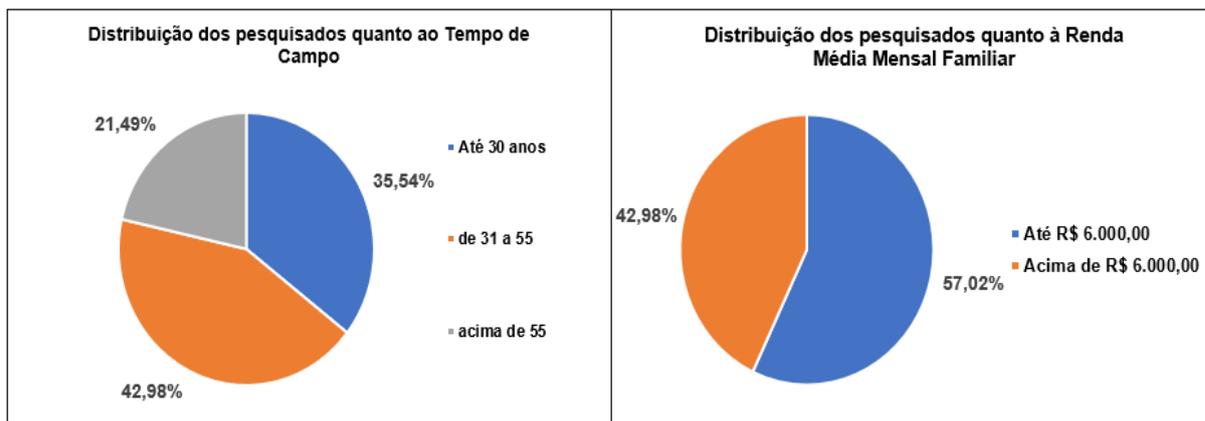


Fonte: Entrevista, 2022

Quanto ao tempo vivido no campo (gráfico na Figura 9), evidenciou-se que aqueles que possuem até 30 anos de campo, totalizaram 35,54%, na faixa entre 31 e 55 anos, estão 42,98% dos entrevistados, e os acima de 55 anos equivalem a 21,49%.

Com relação à renda média mensal auferida pela família, ficou constatado que 57,02% dos entrevistados arrecadam até R\$ 6.000,00 e 42,98% auferem acima deste valor, mensalmente, na propriedade.

**Figura 9** - Distribuição dos pesquisados quanto ao Tempo de Campo e Renda Familiar



Fonte: Entrevista, 2022

A partir do levantamento dos dados coletados na pesquisa, é possível descrever o perfil dos agricultores entrevistados, tendo sido elencados seis aspectos para a segmentação dos grupos. Constatou-se, portanto, que, há uma equivalência na distribuição entre homens e mulheres, sendo a maioria composta por casados, com idade entre 22 e 60 anos, com escolaridade até o Ensino Médio, apesar de haver pouco mais de uma quarta parte dos agricultores com Ensino Superior. A totalidade dos solteiros possui até 40 anos de idade, enquanto os casados concentram-se mais na faixa entre 41 e 60 anos. Considerando-se os resultados levantados para se identificar o perfil dos respondentes, constata-se que se trata de população com maturidade familiar e social, possuidores e uma opinião clara e própria a ponto de autorrelatarem suas percepções acerca da própria felicidade com convicção, como também evidenciado por Meddin e Vaux (1988), Levin (1994), Watson (2000) e Markussen et al (2018).

#### 4.2 RESULTADOS QUANTO ÀS MÉDIAS ATRIBUÍDAS PELOS PESQUISADOS

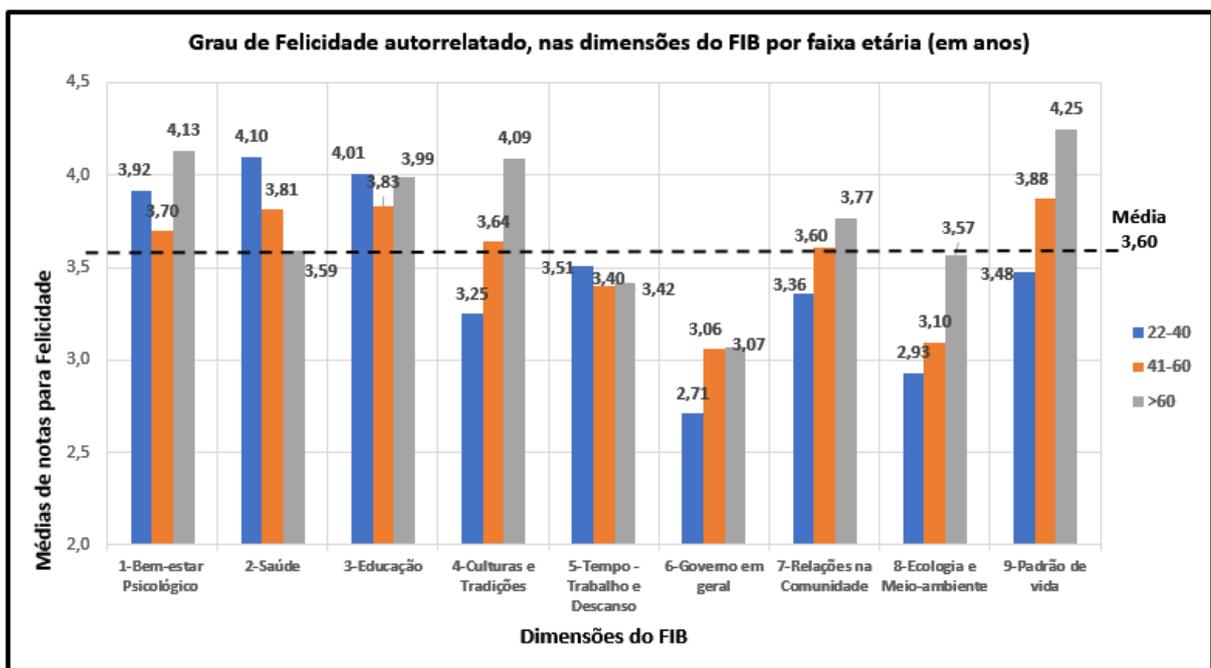
Com a aplicação da entrevista, em sua parte 2, foi possível levantar a percepção dos agricultores familiares quanto ao seu grau de felicidade para as 9 dimensões propostas pelo FIB. Os gráficos apresentados nas figuras seguintes

demonstram um resumo destas opiniões considerando-se a média simples das notas dadas para cada um dos 33 parâmetros estudados e posteriormente agrupados por dimensão. Na sequência, a mesma lógica é usada para descrever a percepção dos entrevistados quanto ao grau de permanência que cada um destes parâmetros representa.

#### 4.2.1 Análise da Felicidade Relatada nas Dimensões do FIB

Na Figura 10 verificou-se que, considerando-se faixa etária, a percepção dos agricultores sobre a felicidade apresenta destaque nas dimensões 1 (Bem-estar psicológico); 2 (Saúde), 3 (Educação) e 9 (Padrão de vida). Nas demais dimensões, a médias de notas ganham menor evidência.

**Figura 10** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por faixa etária



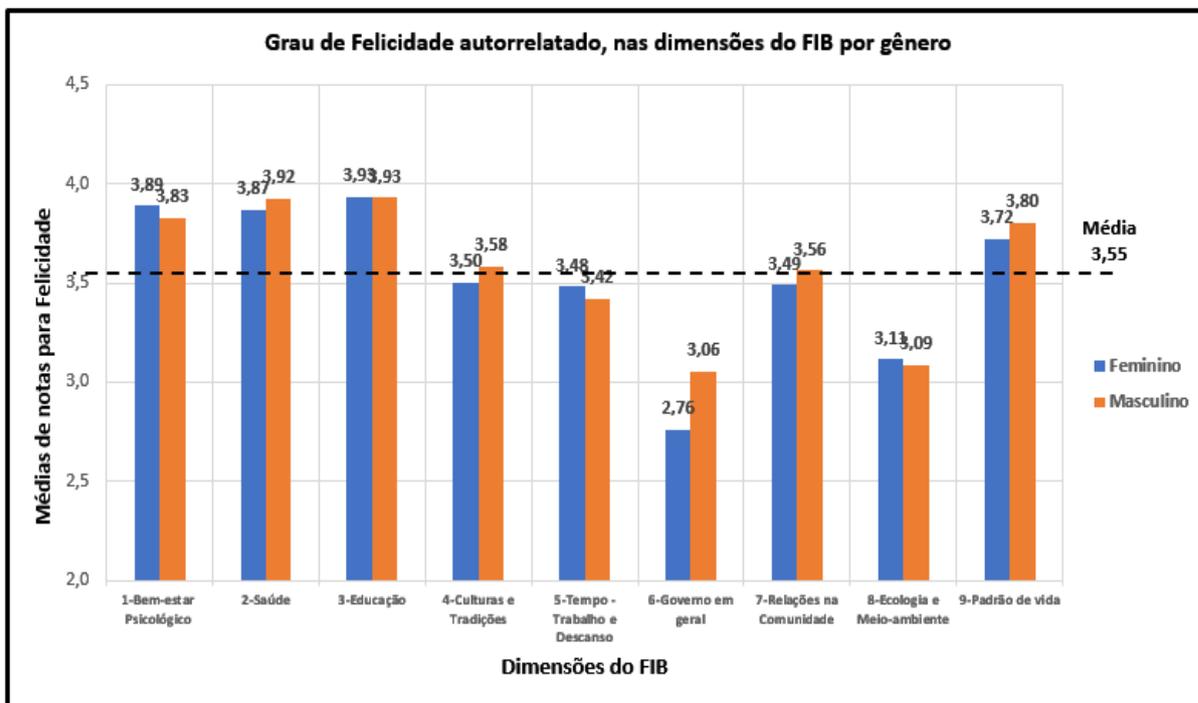
Fonte: Entrevista, 2022

Ainda conforme visto na Figura 10, verificou-se também as diferentes opiniões por faixa etária, tendo o grupo dos acima de 60 anos descrevendo maior felicidade que os demais na maioria das dimensões. Outro detalhe a ser comentado é que, apenas na dimensão 5 (Tempo de trabalho e descanso), as opiniões são parecidas entre os grupos etários. Apesar de haver diferenças entre as populações pesquisadas, em estudos conduzidos com diferentes grupos etários, Watson (2000), aponta

pequenas discrepâncias de percepção quanto à felicidade, não sendo, portanto, aspecto preocupante, posição também corroborada por Inglehart et al (2008).

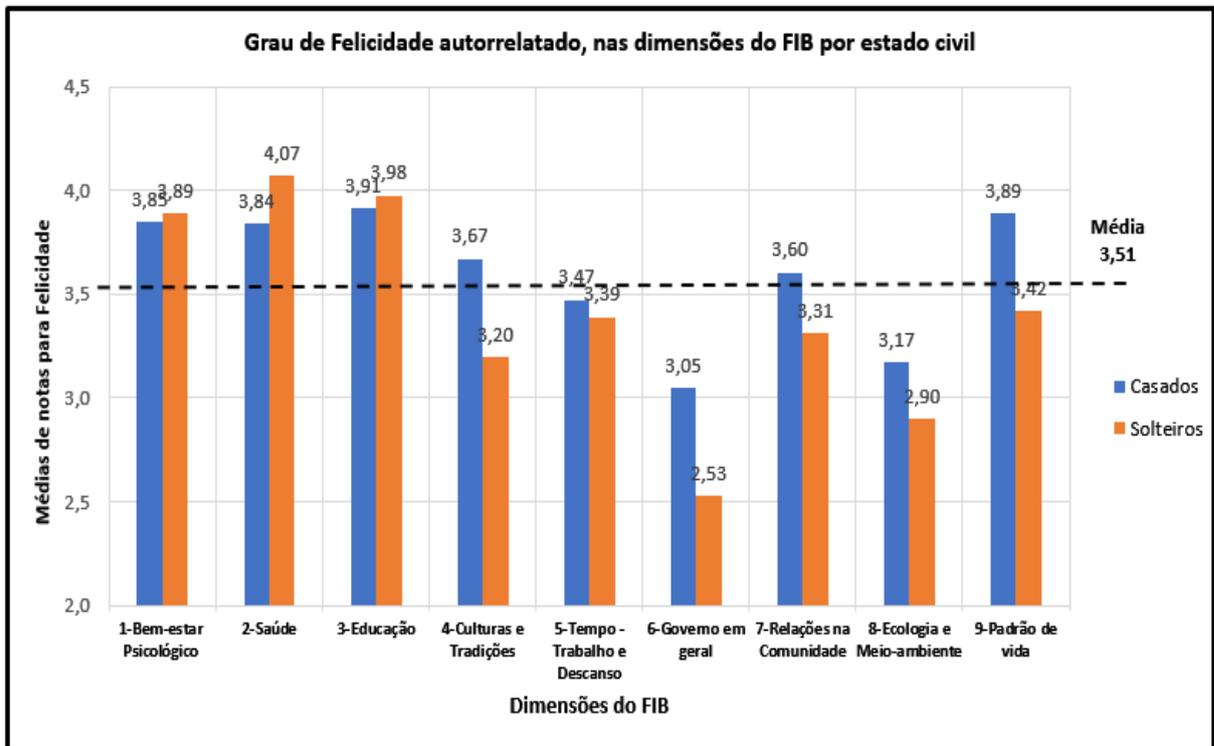
A Figura 11 que representa o pensamento dos entrevistados por gênero, resume uma opinião compartilhada por grande parte dos demais grupos com relação às dimensões 6 (Ações do governo em geral) e 8 (Questões de ecologia e ambiente); as médias obtidas são visivelmente menores comparadas com as demais. Tratando-se de dimensões intimamente relacionadas ao cotidiano da propriedade agrícola, chama atenção esta opinião dos pesquisados. Outro detalhe é que, diferentemente do percebido no grupo apresentado anteriormente, para a presente análise, as diferenças de notas em todas as dimensões, são bem menores, e, em muitos casos, há similaridade entre elas. Esta mesma constatação é relatada por Haring et al (1984), e, posteriormente por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), quando descrevem que há pouca discrepância de sentimento de felicidade entre os gêneros, lembrando que em ambos os estudos, as pesquisas foram realizadas apenas considerando os grupos masculino e feminino.

**Figura 11** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por gênero



Fonte: Entrevista, 2022

**Figura 12** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por estado civil



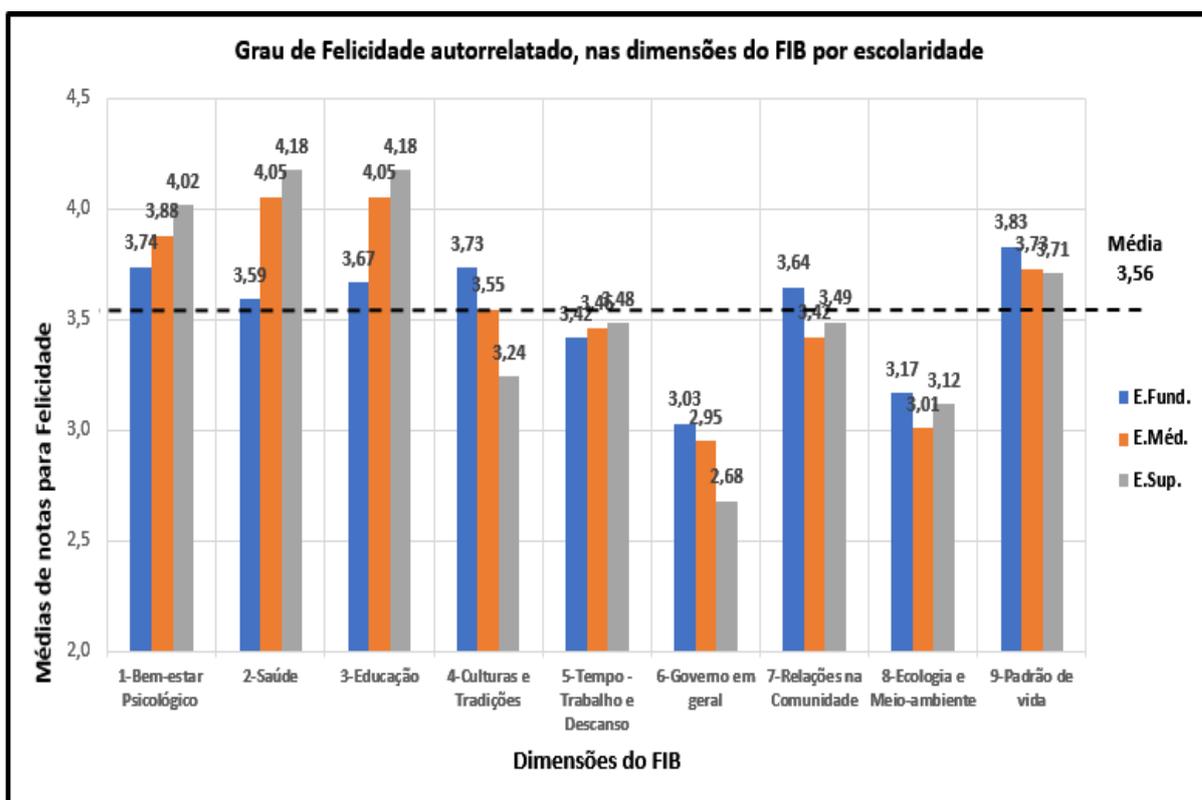
Fonte: Entrevista, 2022

Analisando-se a opinião dos agricultores familiares quanto a ao grau de felicidade, segmentado por estado civil, pela Figura 12 evidenciou-se que os casados (que são a maioria absoluta do universo pesquisado) se sentem mais felizes nas dimensões 4 (Culturas e Tradições), 7 (Relações com a comunidade) e 9 (Padrão de vida) diferenciando-se sobremaneira dos solteiros. Entretanto, nas dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde) e 3 (Educação), apesar das notas estarem acima na média calculada, são os solteiros que se declaram mais felizes. Destaca-se também que, na dimensão 6 (Governo) as notas ficaram muito abaixo da média das demais avaliações, fato que se repete ao longo das análises. Estudos descritos por Haring-Hidore et al (1985) e Watson (2000) apontam para uma semelhança entre estas constatações, sendo que o segundo autor, em sua pesquisa, afirma que, entre pessoas muito felizes, há uma maior presença do grupo de casados.

Na Figura 13 é possível acompanhar as médias das notas de felicidade atribuídas pelos entrevistados separados por nível de escolaridade. Constatou-se que, nas dimensões 5 (Tempo de trabalho descanso), 6 (Governo) e 8 (Questões ecológicas), as notas estão bem abaixo daquelas das demais dimensões e que, para as dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde) e 3 (Educação), o grupo que

possui Ensino Superior (completo ou incompleto) atribui notas mais altas que os demais, demonstrando uma condição de satisfação com estes três aspectos, destacando-se positivamente. Em um estudo descrito por Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017), indivíduos com maior nível de escolaridade tendem a relatar um leve grau de felicidade a mais do que os demais, entretanto estas diferenças também não são significativas.

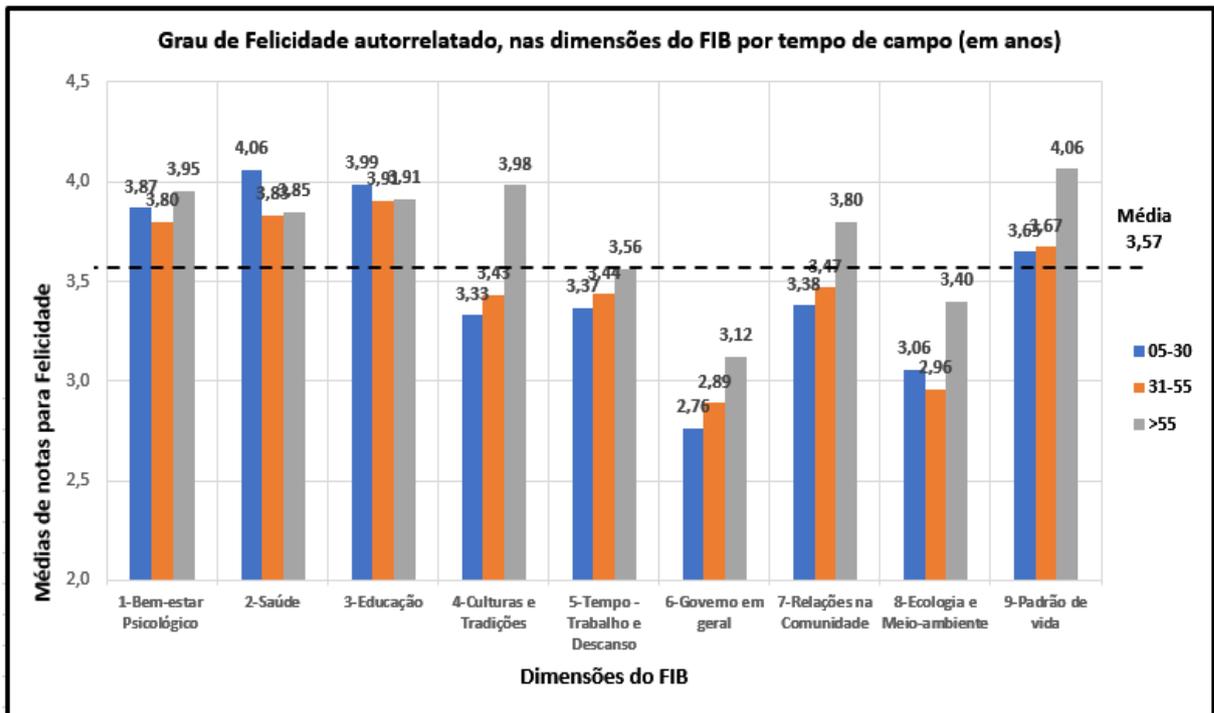
**Figura 13** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por escolaridade



Fonte: Entrevista, 2022

Ao serem divididos por tempo de campo (em anos), na Figura 14 evidencia-se que, nas dimensões 6 (Governo) e 8 (Ecologia e ambiente) há uma forte sensação de infelicidade; e outro destaque está pela sensível diferença de opinião entre os grupos, tendo, aqueles com maior tempo de campo (acima de 55 anos) atribuído notas notadamente mais altas que os demais grupos. Salienta-se que, neste caso, a maioria absoluta, vive no campo desde que nasceu, o que pode explicar tais diferenças de notas como também descrito por Zhou et al (2015) e Zhu et al (2019).

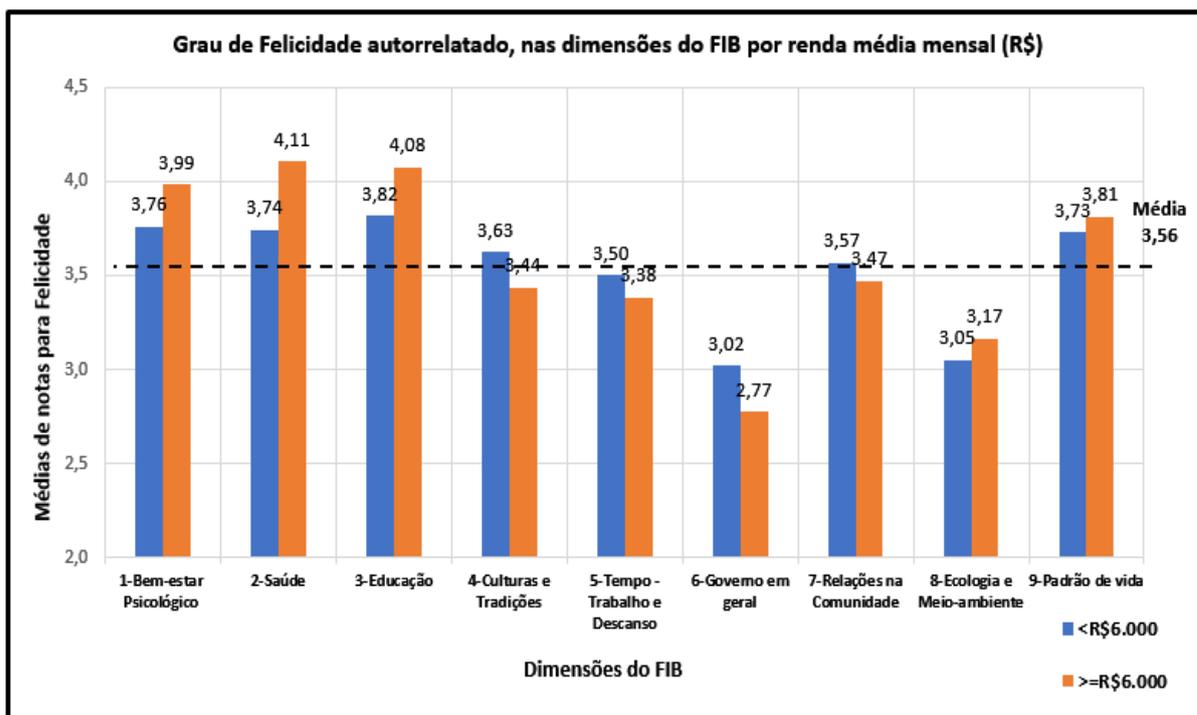
**Figura 14** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por tempo de campo



Fonte: Entrevista, 2022

Conforme estudos de Corbi e Menezes Filho (2006), Aydos, Ferreira Neto e Teixeira 2016), e Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), ocorre uma tendência dos grupos com maior idade autorrelatarem graus mais altos de felicidade; por outro lado, em determinadas condições, os grupos dos mais jovens também apresentam tendência parecida, embora ainda menor do que os primeiros, restando aos grupos com idade mediana, a percepção menor grau de felicidade.

Como visto na Figura 15, constatou-se que, segmentados pela renda familiar mensal, os agricultores sentem-se mais felizes nas dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 9 (Padrão de vida), com destaque para o grupo que auferir renda maior. Por outro lado, nas dimensões 5 (Tempo de trabalho descanso), 6 (Governo), 7 (Relações com a comunidade), e 8 (Ecologia e ambiente), este sentimento é menor, e o mesmo grupo descreve uma infelicidade maior.

**Figura 15** – Grau de Felicidade autorrelatada nas dimensões do FIB por renda familiar

Fonte: Entrevista, 2022

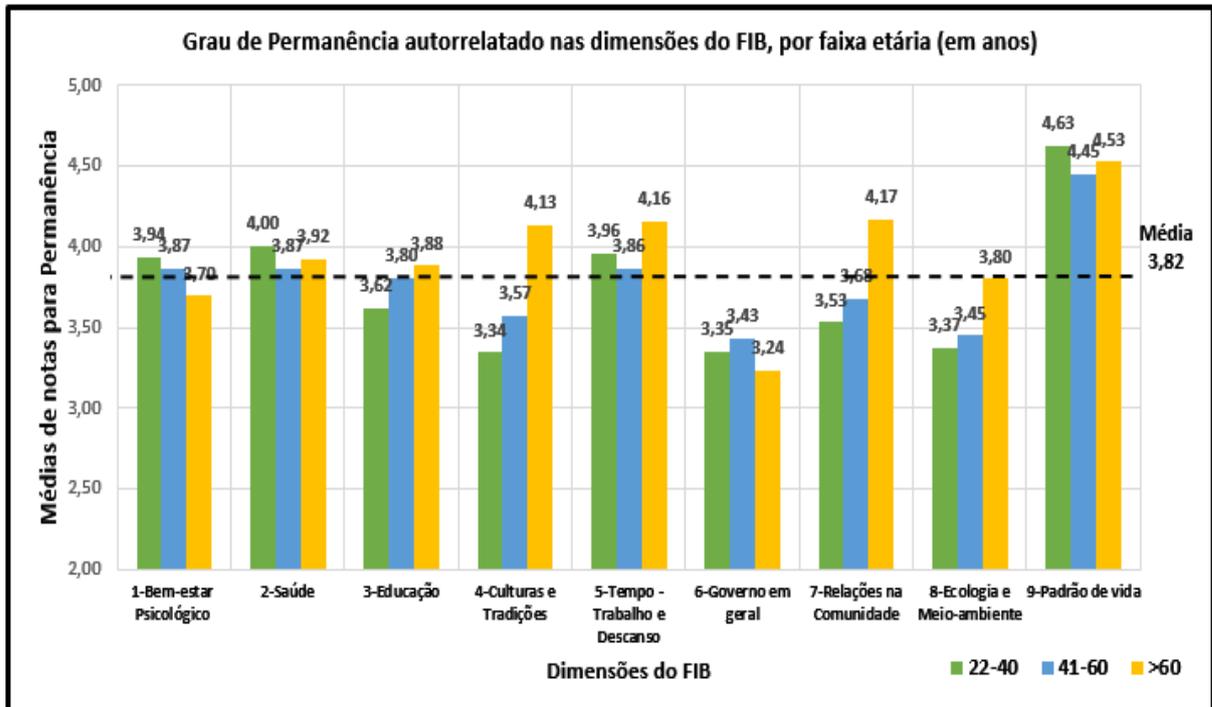
Em estudo sobre a relação de renda e felicidade, é praticamente unânime entre os pesquisadores, a opinião de que, apesar de não se tratar de uma situação única e essencial para a felicidade, mas há a necessidade de que condições mínimas de sobrevivência e segurança sejam alcançadas para garantir o sentimento mínimo de felicidade. Dentre estes pesquisadores, destacam-se os estudos de Haring-Hidore et al (1985), Diener e Mayers (1996), Watson (2000), Diener e Biswas-Diener (2002), Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) e Freire Filho (2010a).

#### 4.2.2 Análise da Permanência Declarada nas Dimensões do FIB

Questionados sobre os principais fatores que contribuem para a permanência na propriedade rural, os agricultores, segmentados por faixa etária (Figura 16), atribuíram mais importância para a dimensão 9 (Padrão de vida), seguida de 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 5 (Tempo de trabalho descanso). Por outro lado, as dimensões 6 (Governo), e 8 (Ecologia e ambiente), impactam pouco na decisão de permanecer no campo. Destaca-se, nesta análise, algumas dimensões como a 4 (Culturas e tradições) e 7 (Relações com a comunidade) em que ocorre

grande diferença de opinião, notadamente no grupo com mais de 60 anos de idade, fato também descrito por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) e Cuervo (2015).

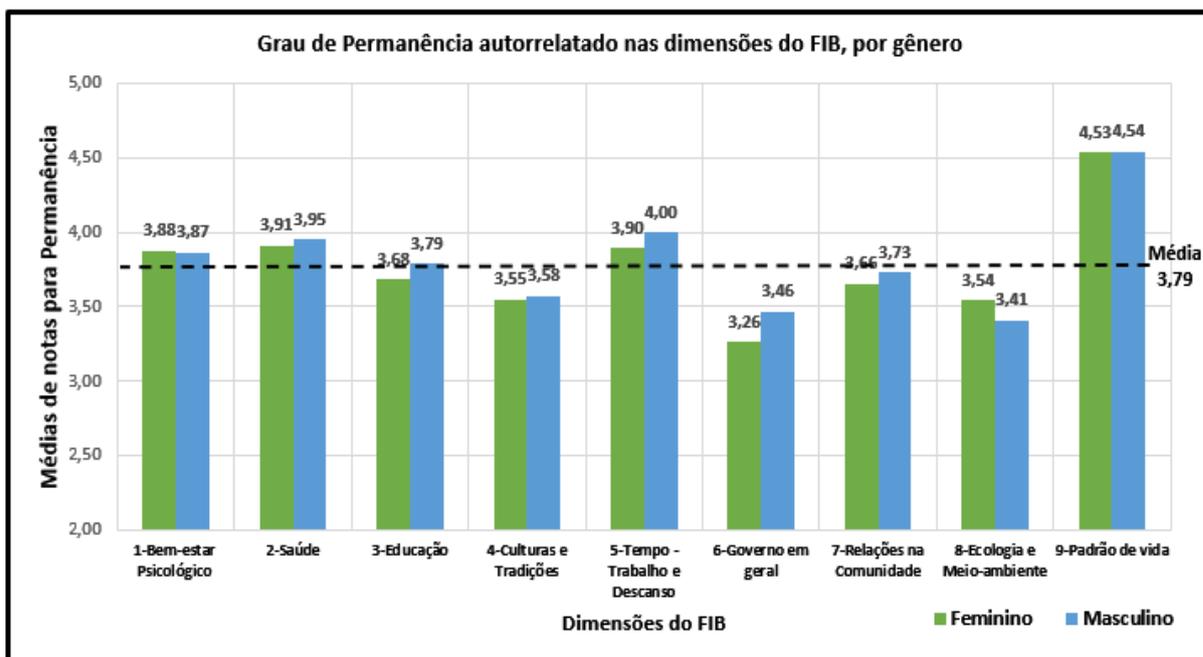
**Figura 16** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por faixa etária



Fonte: Entrevista, 2022

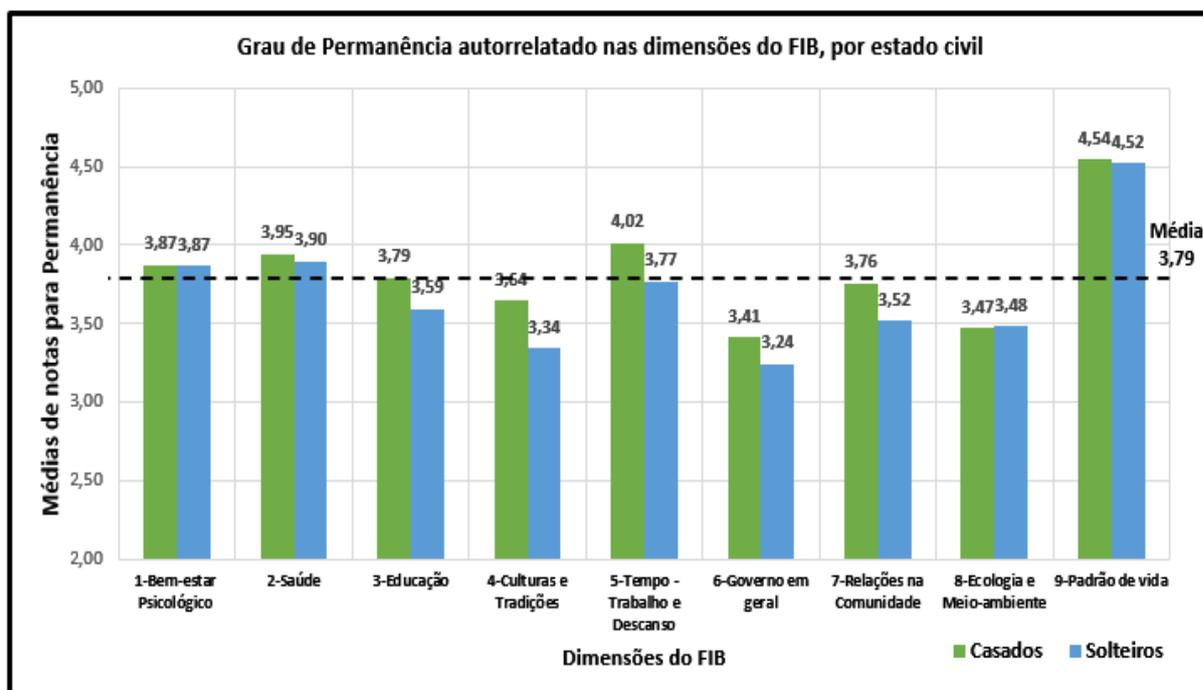
Segmentados, agora, pelo estado civil, (Figura 17), ficou evidenciado um comportamento similar ao descrito anteriormente, ou seja, a dimensão 9 (Padrão de vida), formada pela renda, moradia e bens que os pesquisados possuem, destaca-se como o item que mais contribui para a permanência no campo. Segue-se, então as dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 5 (Tempo de trabalho descanso), com ambos os grupos do segmento, concordando em notas. Entretanto, as dimensões 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo) e 8 (Ecologia) figuram como de menor impacto na permanência ao campo.

**Figura 17** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por gênero



Fonte: Entrevista, 2022

**Figura 18** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por estado civil

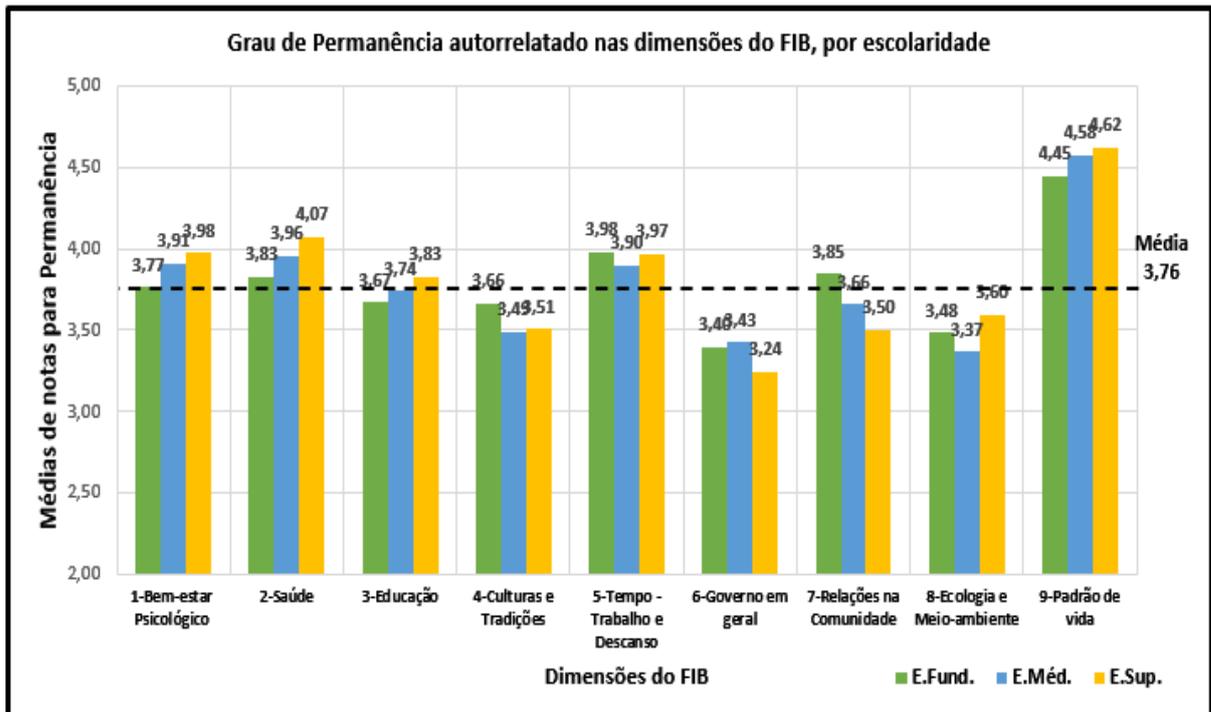


Fonte: Entrevista, 2022

Com a aplicação da pesquisa, constatou-se que, segmentado por estado civil (Figura 18), a dimensão 9 (Padrão de vida) mais uma vez se destaca como fator motivador da permanência do agricultor ao campo. Dentre as demais dimensões

ocorre certa igualdade de notas, com exceção das de número 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo) e 8 (Ecologia) que recebem notas menores tanto pelos casados quanto pelos solteiros. Neste caso, ocorreu pouca variação de notas entre ambos os grupos do segmento, sendo este fato também relatado por Pressman e Cohen (2005).

**Figura 19** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por escolaridade



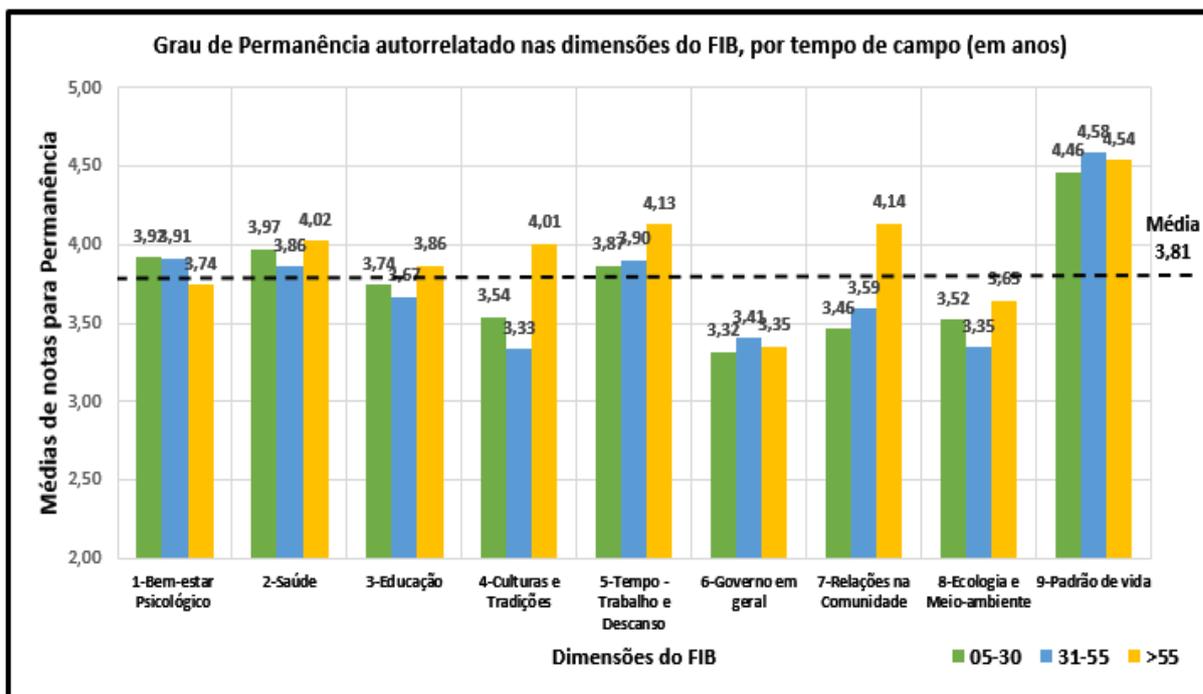
Fonte: Entrevista, 2022

Sobre fatores que mais contribuem para a permanência na propriedade, segmentados por nível de escolaridade (Figura 19), também, a dimensão 9 (Padrão de vida) diferencia-se das demais, nos três grupos, seguido da dimensão 5 (Tempo de trabalho e descanso) e 2 (Saúde), por outro lado, as dimensões 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo) e 8 (Ecologia) são apontadas como as que menos contribuem para tanto.

Constatou-se que a dimensão 9 (Padrão de vida) se sobressai das demais como fator interveniente na permanência do agricultor ao campo (Figura 20), havendo, em seguida, um equilíbrio de notas nas dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 5 (Tempo de trabalho descanso), próximos da média calculada. As menores notas foram atribuídas às dimensões 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo) e 8 (Ecologia). Um detalhe a ser comentado refere-se às notas dadas pelo grupo dos agricultores com mais de 55 anos de campo, nas dimensões 4

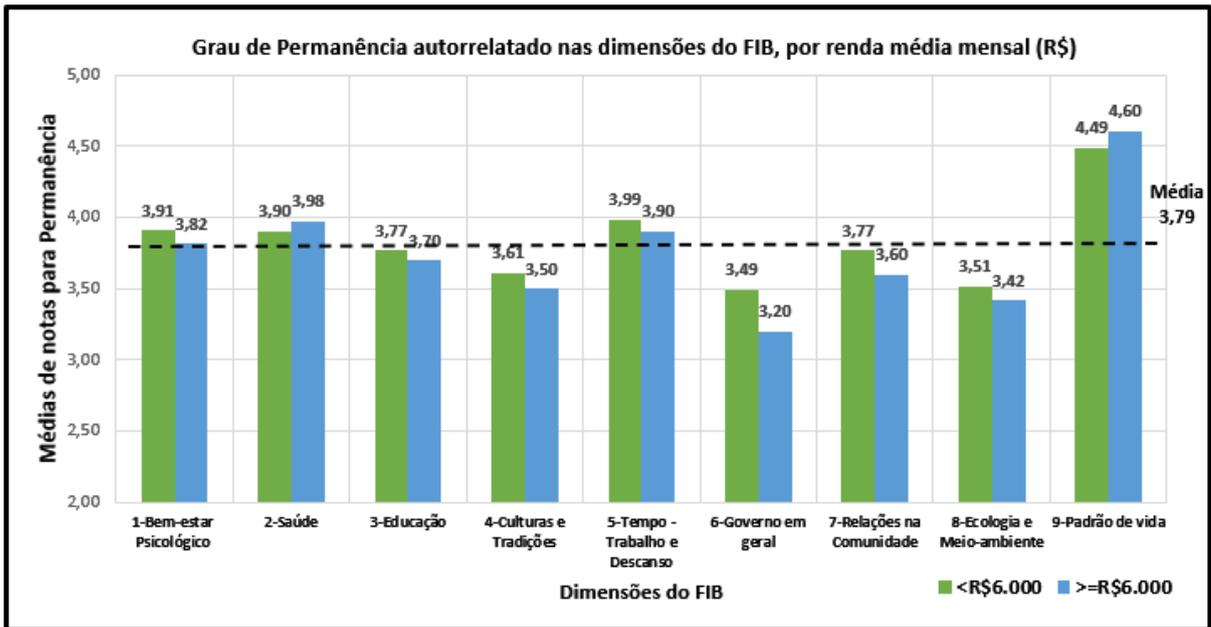
(Culturas e tradições), 5 (Tempo de trabalho descanso) e 7 (Relações na comunidade), que destoa das notas dadas pelos demais grupos, demonstrando que aqueles que estão no campo há mais tempo defendem valores sociais, menos percebido pelos mais jovens.

**Figura 20** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por tempo de campo



Fonte: Entrevista, 2022

Quando a segmentação ocorre por renda média mensal da família (Figura 21), novamente a dimensão 9 se fez mais presente entre os pesquisados, diferenciando-se das demais que ficaram muito parecidas e próximas da média calculada. As exceções ficam com as dimensões 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo) e 8 (Ecologia), mantendo-se entre as que menos impactam na decisão de permanecer no campo, pela ótica dos agricultores entrevistados. Nesse caso também se percebeu pouca diferença de opinião entre os dois grupos do segmento, ou seja, entre aqueles que ganham mais e os que recebem menos.

**Figura 21** – Grau de Permanência atribuído nas dimensões do FIB por renda familiar

Fonte: Entrevista, 2022

Estudos que buscam levantar fatores intervenientes na decisão do agricultor em permanecer no campo são menos divulgados do que aqueles sobre mensuração da felicidade descritos na seção anterior. Entretanto, pesquisas que identificam os aspectos causadores do abandono destes atores de suas propriedades podem ser citadas como meio para validar as notas atribuídas quando questionados sobre o que contribui para a sua permanência no campo. Publicações tais como Troian, Dalcin e Oliveira (2011), Cuervo (2015), Cook e Cuervo (2018), Markussen et al (2018), Kusniewski, Seganfredo e Borba (2019) e Oliveira, Mendes e Vasconcelos (2021) descrevem sobre a decisão do agricultor em não abandonar a propriedade em que vivem, considerando as condições de bem-estar.

#### 4.2.3 Análise das médias das notas atribuídas ao grau de Felicidade

Ao se analisar as médias das notas atribuídas pelos agricultores familiares aos 33 itens que formam as 9 dimensões do FIB, tem-se na Tabela 1 ao lado de cada nota a representação “↑” para valores altos, “↔” para valores médios e “↓” para os baixos, em uma escala que considerou o menor e o maior valor e dividida em três faixas.

Com base na Tabela 1, constatou-se que, para o grau de Felicidade, nas dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 9 (Padrão de vida), as médias das notas são mais altas (↑) demonstrando uma intensidade maior no sentimento de felicidade se comparado com os demais casos. Nas dimensões 4 (Culturas e tradições), 5 (Tempo de trabalho descanso) e 7 (Relações na comunidade) despontam mais a incidência de notas médias (↔), na dimensão 8 (Ecologia e meio ambiente) houve a presença de notas médias e baixas, mas na dimensão 6 (Governo de forma geral) todos os 15 grupos pesquisados responderam atribuindo notas baixas (↓). Lembrando que se trata da análise das respostas sobre o sentimento de felicidade nas respectivas dimensões, para todos os valores considerados, a maior nota (4,25 ↑, em destaque) ficou para a dimensão 9 (Padrão de vida) e a menor de todas as notas (2,53 ↓, também destacado) pode ser vista na coluna da dimensão 6 (Governo em geral).

**Tabela 1** – Distribuição das notas de grau de Felicidade agrupadas por dimensão e elementos do perfil dos pesquisados

Segmentos do Perfil dos agricultores pesquisados	Dimensões do FIB									
	1 Bem-estar Psicológico	2 Saúde	3 Educação	4 Culturas e Tradições	5 Tempo Trabalho Descanso	6 Governo em geral	7 Relações na Comunidade	8 Ecologia e Meio-ambiente	9 Padrão de vida	
Faixa Etária	22-40	3,70 ↑	3,81 ↑	3,83 ↑	3,64 ↔	3,40 ↔	3,06 ↓	3,60 ↔	3,10 ↓	3,88 ↑
	41-60	4,13 ↑	3,59 ↔	3,99 ↑	4,09 ↑	3,42 ↔	3,07 ↓	3,77 ↑	3,57 ↔	<b>4,25 ↑</b>
	>61 anos	3,92 ↑	4,10 ↑	4,01 ↑	3,25 ↔	3,51 ↔	2,71 ↓	3,36 ↔	2,93 ↓	3,48 ↔
Gênero	Fem.	3,89 ↑	3,87 ↑	3,93 ↑	3,50 ↔	3,48 ↔	2,76 ↓	3,49 ↔	3,11 ↔	3,72 ↑
	Masc.	3,83 ↑	3,92 ↑	3,93 ↑	3,58 ↔	3,42 ↔	3,06 ↓	3,56 ↔	3,09 ↓	3,80 ↑
Estado Civil	Cas.	3,85 ↑	3,84 ↑	3,91 ↑	3,67 ↔	3,47 ↔	3,05 ↓	3,60 ↔	3,17 ↔	3,89 ↑
	Solt.	3,89 ↑	4,07 ↑	3,98 ↑	3,20 ↔	3,39 ↔	<b>2,53 ↓</b>	3,31 ↔	2,90 ↓	3,42 ↔
	E.Fund.	3,74 ↑	3,59 ↔	3,67 ↔	3,73 ↑	3,42 ↔	3,03 ↓	3,64 ↔	3,17 ↔	3,83 ↑
Nível Escolar	E.Méd.	3,88 ↑	4,05 ↑	4,05 ↑	3,55 ↔	3,46 ↔	2,95 ↓	3,42 ↔	3,01 ↓	3,73 ↑
	E.Sup.	4,02 ↑	4,18 ↑	4,18 ↑	3,24 ↔	3,48 ↔	2,68 ↓	3,49 ↔	3,12 ↔	3,71 ↑
Tempo de Campo	de 5 a 30	3,87 ↑	4,06 ↑	3,99 ↑	3,33 ↔	3,37 ↔	2,76 ↓	3,38 ↔	3,06 ↓	3,65 ↔
	de 31 a 55	3,80 ↑	3,83 ↑	3,91 ↑	3,43 ↔	3,44 ↔	2,89 ↓	3,47 ↔	2,96 ↓	3,67 ↔
	>55 anos	3,95 ↑	3,85 ↑	3,91 ↑	3,98 ↑	3,56 ↔	3,12 ↔	3,80 ↑	3,40 ↔	4,06 ↑
Renda Familiar	<R\$6.000	3,76 ↑	3,74 ↑	3,82 ↑	3,63 ↔	3,50 ↔	3,02 ↓	3,57 ↔	3,05 ↓	3,73 ↑
	>=R\$6.000	3,99 ↑	4,11 ↑	4,08 ↑	3,44 ↔	3,38 ↔	2,77 ↓	3,47 ↔	3,17 ↔	3,81 ↑
Maior Valor na Dimensão		4,13	4,18	4,18	4,09	3,56	3,12	3,80	3,57	4,25
Menor Valor na Dimensão		3,70	3,59	3,67	3,20	3,37	2,53	3,31	2,90	3,42
Diferença		0,44	0,59	0,51	<b>0,90 ↑</b>	<b>0,20 ↓</b>	0,59	0,48	0,67	0,83

Fonte: Entrevista, 2022

Ao analisar as diferenças de notas dadas pelos pesquisados considerando-se uma mesma dimensão, obteve-se a parte inferior da Tabela 1, nela tem-se a constatação de que, na dimensão 4 (Culturas e tradições) encontra-se a maior discrepância entre valores (0,90 ↑), demonstrando opiniões divergentes e na

dimensão 5 (Tempo de trabalho descanso), encontra-se a menor das diferenças (0,20 ↓) entre valores atribuídos ao grau de felicidade.

#### 4.2.4 Análise das médias das notas atribuídas ao grau de Permanência

Considerando-se a contribuição que cada item apresentado representa para a permanência do agricultor ao campo, tem-se agora na Tabela 2, uma análise do comportamento destes atores.

**Tabela 2** – Distribuição das notas de grau de Permanência agrupadas por dimensão e elementos do perfil dos pesquisados

Segmentos do Perfil dos agricultores pesquisados		Dimensões do FIB								
		1 Bem-estar Psicológico	2 Saúde	3 Educação	4 Culturas e Tradições	5 Tempo Trabalho Descanso	6 Governo em geral	7 Relações na Comunidade	8 Ecologia e Meio-ambiente	9 Padrão de vida
Faixa Etária	22-40	3,87 ⇔	3,87 ⇔	3,80 ⇔	3,57 ↓	3,86 ⇔	3,43 ↓	3,68 ↓	3,45 ↓	4,45 ↑
	41-60	3,70 ⇔	3,92 ⇔	3,88 ⇔	4,13 ⇔	4,16 ↑	3,24 ↓	4,17 ↑	3,80 ⇔	4,53 ↑
	>61 anos	3,94 ⇔	4,00 ⇔	3,62 ↓	3,34 ↓	3,96 ⇔	3,35 ↓	3,53 ↓	3,37 ↓	4,63 ↑
Gênero	Fem.	3,88 ⇔	3,91 ⇔	3,68 ⇔	3,55 ↓	3,90 ⇔	3,26 ↓	3,66 ↓	3,54 ↓	4,53 ↑
	Masc.	3,87 ⇔	3,95 ⇔	3,79 ⇔	3,58 ↓	4,00 ⇔	3,46 ↓	3,73 ⇔	3,41 ↓	4,54 ↑
Estado Civil	Cas.	3,87 ⇔	3,95 ⇔	3,79 ⇔	3,64 ↓	4,02 ⇔	3,41 ↓	3,76 ⇔	3,47 ↓	4,54 ↑
	Solt.	3,87 ⇔	3,90 ⇔	3,59 ↓	3,34 ↓	3,77 ⇔	3,24 ↓	3,52 ↓	3,48 ↓	4,52 ↑
Nível Escolar	E.Fund.	3,77 ⇔	3,83 ⇔	3,67 ↓	3,66 ↓	3,98 ⇔	3,40 ↓	3,85 ⇔	3,48 ↓	4,45 ↑
	E.Méd.	3,91 ⇔	3,96 ⇔	3,74 ⇔	3,49 ↓	3,90 ⇔	3,43 ↓	3,66 ↓	3,37 ↓	4,58 ↑
	E.Sup.	3,98 ⇔	4,07 ⇔	3,83 ⇔	3,51 ↓	3,97 ⇔	3,24 ↓	3,50 ↓	3,60 ↓	4,62 ↑
Tempo de Campo	de 5 a 30	3,92 ⇔	3,97 ⇔	3,74 ⇔	3,54 ↓	3,87 ⇔	3,32 ↓	3,46 ↓	3,52 ↓	4,46 ↑
	de 31 a 55	3,91 ⇔	3,86 ⇔	3,67 ↓	3,33 ↓	3,90 ⇔	3,41 ↓	3,59 ↓	3,35 ↓	4,58 ↑
Renda Familiar	<R\$6.000	3,91 ⇔	3,90 ⇔	3,77 ⇔	3,61 ↓	3,99 ⇔	3,49 ↓	3,77 ⇔	3,51 ↓	4,49 ↑
	>=R\$6.000	3,82 ⇔	3,98 ⇔	3,70 ⇔	3,50 ↓	3,90 ⇔	3,20 ↓	3,60 ↓	3,42 ↓	4,60 ↑
Maior Valor na Dimensão		3,98	4,07	3,88	4,13	4,16	3,49	4,17	3,80	4,63
Menor Valor na Dimensão		3,70	3,83	3,59	3,33	3,77	3,20	3,46	3,35	4,45
Diferença		0,28	0,25	0,29	0,80 ↑	0,39	0,29	0,71	0,45	0,18 ↓

Fonte: Entrevista, 2022

Constatou-se, agora, que a contribuição para a permanência do agricultor ao campo está primeiramente ligada à dimensão 9 (Padrão de vida), constituída pelos seus bens físicos e financeiros, moradia e renda familiar, tendo recebido as maiores notas (↑). As dimensões 1 (Bem-estar psicológico), 2 (Saúde), 3 (Educação) e 5 (Tempo de trabalho descanso) obtiveram, quase totalmente, notas médias (⇔), enquanto na dimensão 7 (Relações comunitárias) as notas das respostas ficaram entre médias e baixas. As menores notas foram atribuídas a três dimensões, demonstrando uma visão compartilhada por boa parte do pesquisados, trata-se das de número 4 (Culturas e tradições), 6 (Governo de forma geral) e 8 (Ecologia e meio

ambiente). Segundo visão dos pesquisados, a contribuição que tais itens representam para a permanência ao campo, é menos intensa do que os demais. Da mesma forma que apresentado no subitem anterior, analisou-se as discrepâncias de notas ocorridas em cada uma das dimensões, (parte inferior da Tabela 2) de onde constatou-se que, novamente a de número 4 (Culturas e tradições) tem destaque com a maior das diferenças (0,80 ↑), enquanto a menor delas (0,18 ↓) está na dimensão 9. Este fato comprova a unanimidade nas opiniões dos pesquisados acerca da contribuição que esta dimensão representa para a sua permanência no campo.

#### 4.3 RESULTADOS QUANTO À DISTRIBUIÇÃO DAS NOTAS NA ESCALA

Outro fator a ser analisado diz respeito à frequência com a qual as notas de felicidade e de permanência foram dadas para cada um dos itens propostos pelo FIB. Nas tabelas a seguir estão dispostas as médias com as quais estas notas foram atribuídas, constatando-se um perfil de preferência do respondente para ambas as variáveis testadas.

Neste sentido, estudos publicados por pesquisadores como Meddin e Vaux (1988), Peterson (2000), Pressman e Cohen (2005), Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), Tov e Diener (2007), Seligman (2011), Zhou et al (2015) e Chen e Chen (2021), e descrevem comportamentos similares ao constatado nesta etapa do estudo.

##### 4.3.1 Análise da distribuição das respostas para o grau de Felicidade

Na Tabela 3, da mesma forma que a análise anterior, convencionou-se atribuir 3 graus de intensidade (↑ para alta; ↔ para média, e ↓ para baixa) na quantidade média com que estas notas foram atribuídas.

**Tabela 3** – Distribuição das médias das notas pela escala de grau de Felicidade

					
	1 Estou Muito Infeliz	2 Estou Infeliz	3 Nem Feliz Nem Infeliz	4 Estou Feliz	5 Estou Muito Feliz
Dimensões do FIB	Grau 1	Grau 2	Grau 3	Grau 4	Grau 5
1-Bem-estar psicológico	2,50 ↓	10,00 ↓	25,25 ↔	47,75 ↑	35,50 ↔
2-Saúde	3,75 ↓	10,00 ↓	21,50 ↔	45,25 ↑	40,50 ↑
3-Educação	3,25 ↓	6,00 ↓	22,25 ↔	54,00 ↑	35,50 ↔
4-Culturas e tradições	1,25 ↓	10,75 ↓	48,50 ↑	41,75 ↑	18,75 ↓
5-Uso do tempo de trabalho e descanso	4,00 ↓	10,50 ↓	49,50 ↑	41,00 ↑	16,00 ↓
6-Governo em geral	9,25 ↓	41,25 ↑	33,50 ↔	24,75 ↔	12,25 ↓
7-Relações na comunidade	2,25 ↓	15,50 ↓	34,00 ↔	40,75 ↑	28,50 ↔
8-Ecologia e meio ambiente	6,25 ↓	26,25 ↔	48,00 ↑	31,50 ↔	9,00 ↓
9-Padrão de vida	1,33 ↓	4,00 ↓	44,33 ↑	43,33 ↔	28,00 ↔

Fonte: Entrevista, 2022

Constatou-se que há uma grande preferência para o respondente atribuir notas mais altas (3, 4 ou 5) para o grau felicidade nas dimensões 1, 2, 3, 7 e 9 em comparação com as demais. Para as dimensões 4, 5, 6 e 8, a média de notas 5 para felicidade, por exemplo, cai de forma significativa; no tocante ao comportamento dos entrevistados, constatou-se que as referidas dimensões são preteridas, se comparadas com as outras. Por outro lado, as notas 1 e 2 são muito pouco atribuídas a quase todas as dimensões (em especial a 4, 7 e 9), exceto as de número 6 (governo em geral) e 8 (questões ecológicas e ambientais), demonstrando haver uma forte polarização de opiniões dos agricultores na avaliação solicitada.

#### 4.3.2 Análise da distribuição das respostas para o grau de Permanência

Na Tabela 4, constatou-se que, para a variável permanência, as notas 4 e 5 estiveram presentes na maioria das respostas dos agricultores, com destaque para as dimensões 1, 2, 5, 7 e 9, chegando à maior média de todas (76 na dimensão 5). Desta forma, constatou-se uma forte opinião dos entrevistados quanto ao principal fator que contribui para a permanência ao campo. Da mesma forma do descrito no item anterior, as notas 1 e 2 foram pouco atribuídas para praticamente todas as dimensões (com

destaque para a de número 9, em que apresentam as menores médias de todas), exceto as de número 6 e 8 que mais uma vez apresentam destaque confrontadas com as demais.

**Tabela 4** – Distribuição das notas pela escala de grau de Permanência

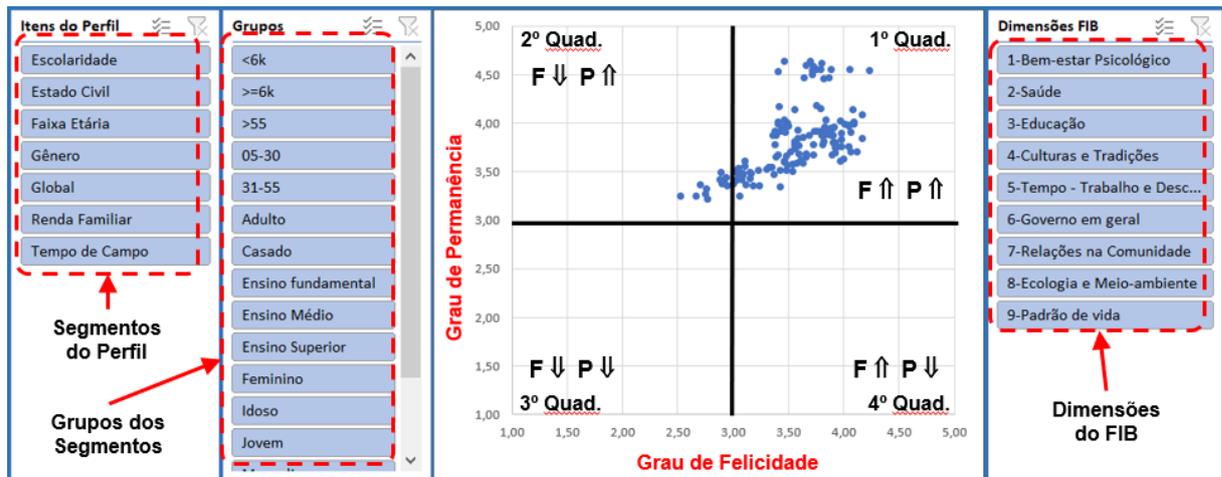
					
	<b>1</b> Contribui Muito pouco	<b>2</b> Contribui pouco	<b>3</b> Indiferente	<b>4</b> Contribui	<b>5</b> Contribui Muito
<b>Dimensões do FIB</b>	<b>Grau 1</b>	<b>Grau 2</b>	<b>Grau 3</b>	<b>Grau 4</b>	<b>Grau 5</b>
<b>1-Bem-estar psicológico</b>	4,25 ↓	10,00 ↓	23,75 ↔	42,25 ↑	40,75 ↑
<b>2-Saúde</b>	4,00 ↓	6,50 ↓	27,75 ↔	38,00 ↔	44,75 ↑
<b>3-Educação</b>	4,00 ↓	5,25 ↓	40,25 ↑	40,50 ↑	31,00 ↔
<b>4-Culturas e tradições</b>	2,00 ↓	15,50 ↓	41,75 ↑	35,75 ↔	26,00 ↔
<b>5-Use do tempo de trabalho e descanso</b>	2,50 ↓	4,00 ↓	27,00 ↔	51,00 ↑	36,50 ↔
<b>6-Governo em geral</b>	6,50 ↓	17,25 ↓	46,00 ↑	27,75 ↔	23,50 ↓
<b>7-Relações na comunidade</b>	3,00 ↓	15,00 ↓	35,75 ↔	29,50 ↔	37,75 ↔
<b>8-Ecologia e meio ambiente</b>	4,00 ↓	21,25 ↓	39,00 ↔	27,00 ↔	29,75 ↔
<b>9-Padrão de vida</b>	1,33 ↓	1,00 ↓	5,00 ↓	37,67 ↔	76,00 ↑

Fonte: Entrevista, 2022

#### 4.4 RESULTADOS QUANTO À RELAÇÃO FELICIDADE X PERMANÊNCIA

Para melhor compreender a relação entre a felicidade e a permanência do agricultor ao campo, considerando o instrumento aplicado com notas de 1 a 5, elaborou-se um plano cartesiano em que a primeira variável fica no eixo das abcissas e a segunda nas ordenadas. Com base nas médias das notas obtidas, foi elaborado um aplicativo utilizando macros do MsExcel® (Figura 22) para facilitar as análises dos padrões de opinião dos pesquisados. Combinando-se as seleções (item de perfil, grupos e dimensões) é possível constatar os resultados plotados no gráfico ao centro. Esta representação tem similaridade com uma matriz importância x impacto, sendo considerada uma condição ideal (positiva) quanto maiores forem as médias atribuídas tanto para felicidade quanto para permanência, cujos pontos estariam no primeiro quadrante do gráfico.

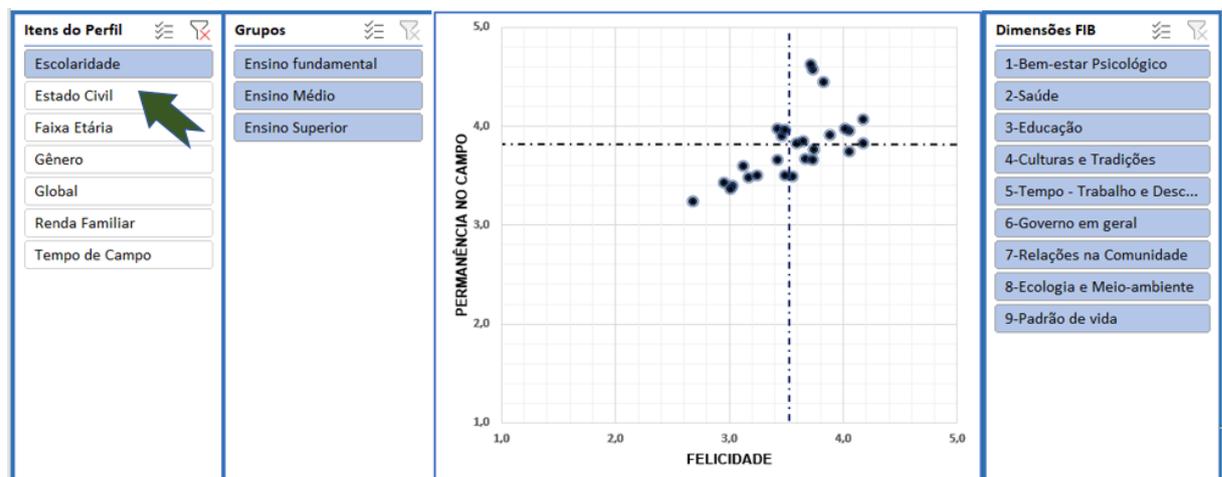
**Figura 22** – Gráfico Felicidade x Permanência com seus comandos e opções para análises



Fonte: Entrevista, 2022

Felicidade e permanência bem avaliados significam condições satisfatórias de bem-estar subjetivo. Tratando-se de notas menores para felicidade, e altas para permanência, os pontos ficarão no segundo quadrante, o que representa a necessidade de priorizar ações para melhorar o grau de felicidade. No terceiro quadrante do plano, representa-se as notas baixas tanto para felicidade quanto para permanência; combinações localizadas neste espaço demandam atenção, entretanto não prioritárias. Para o quarto quadrante ficam situadas as notas altas para felicidade, porém baixas para a permanência, os itens ligados a estas notas, apesar de estarem promovendo um bem-estar ao agricultor, não contribuem muito para que se mantenha na propriedade.

**Figura 23** – Exemplo da tela demonstrando a relação felicidade x permanência segmentado por escolaridade para as 9 dimensões do FIB



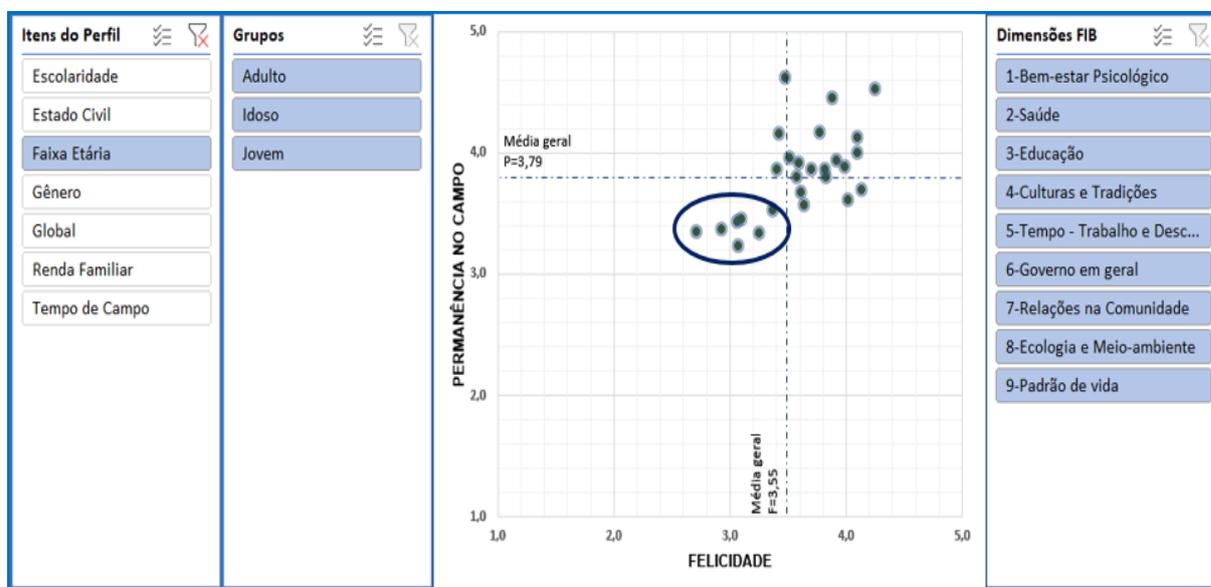
Fonte: Entrevista, 2022

Na Figura 23 as notas de felicidade e permanência conforme os critérios de análise, no caso da imagem, está selecionado o perfil escolaridade, bem como seus três grupos (Ensino Fundamental, Médio e Superior) e todas as 9 dimensões do FIB, e, ao centro a disposição das médias das notas atribuídas pelos agricultores.

#### 4.4.1 Relação felicidade x permanência pela ótica do perfil dos entrevistados

A seguir são apresentadas as relações felicidade x permanência segmentadas pelos aspectos que formam o perfil dos pesquisados para todas as 9 dimensões do FIB. A ferramenta de apresentação do plano cartesiano permite a filtragem individual, entretanto, optou-se por apresentar os itens agrupados por tornar mais prática a análise. Neste caso, a ideia é apresentar como pensam cada um dos grupos do perfil acerca de todas as dimensões do FIB.

**Figura 24** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por faixa etária

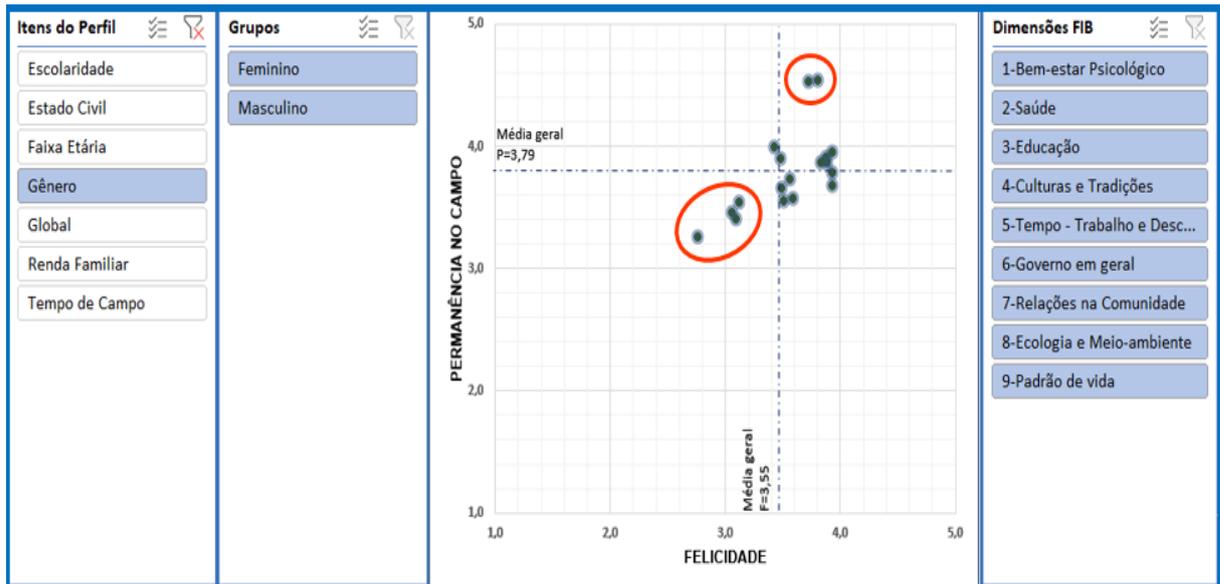


Fonte: Entrevista, 2022

Na Figura 24 constatou-se que, segmentados pela faixa etária, grande parte dos pontos estão dispersos no primeiro quadrante (relação positiva entre felicidade e permanência), com uma pequena quantidade adentrando ao segundo quadrante (em destaque), apesar de ser em pequeno valor, posição corroborada por Brumer (2014) em estudo com jovens agricultores no sul do país.

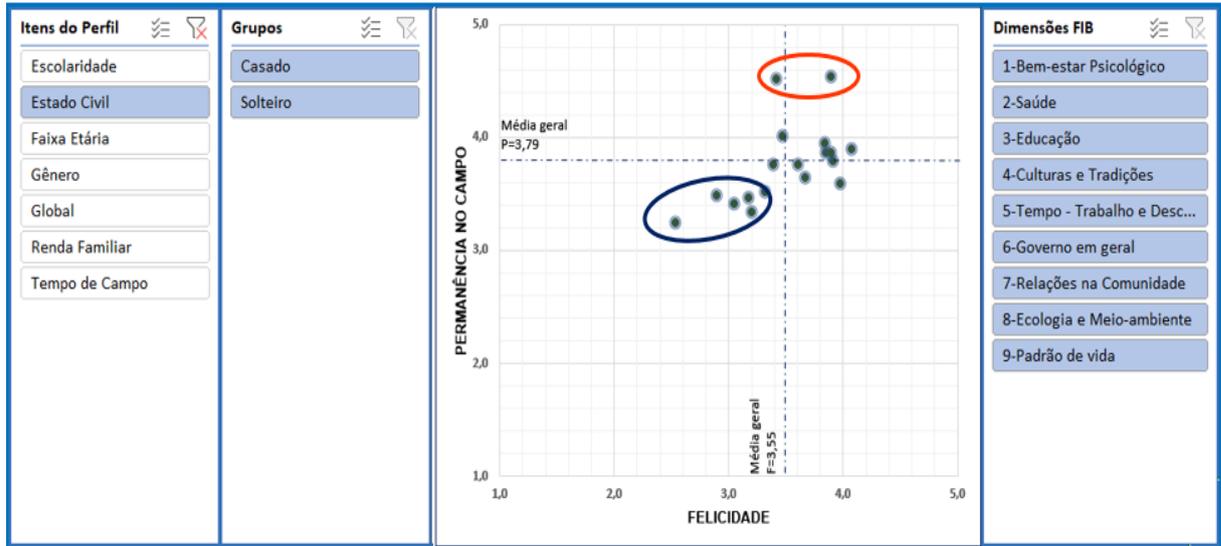
Para facilitar a seleção dos grupos, denominou-se jovem ao grupo entre 22 a 40 anos, adulto, os de 41 a 60 e idosos os agricultores com acima de 61 anos. A mesma condição de dispersão pode ser constatada quando a segmentação ocorre por gênero, como visto na Figura 25. Neste caso, o destaque se dá para os altos valores de felicidade e permanência no primeiro quadrante.

**Figura 25** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por gênero



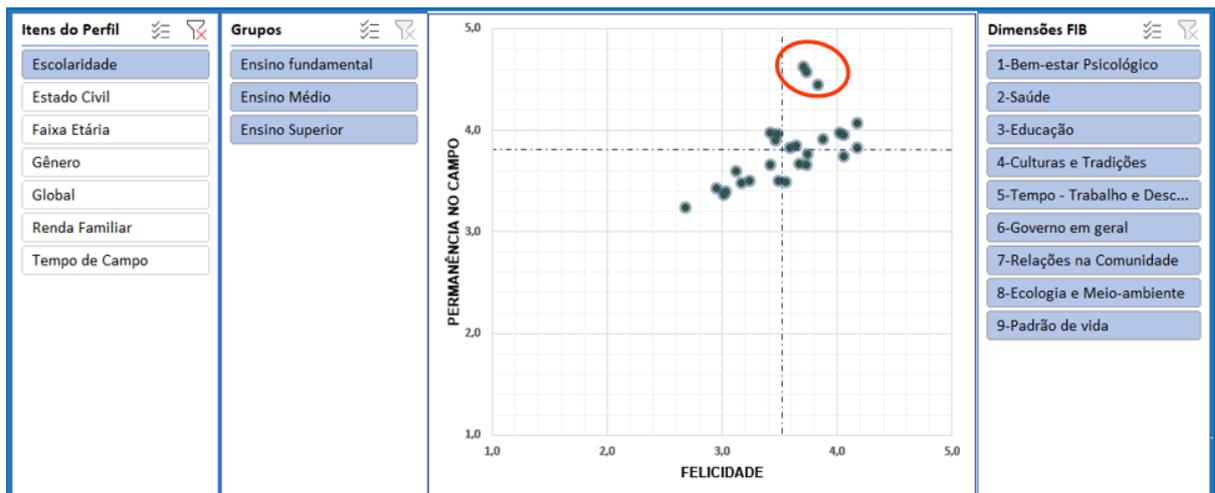
Fonte: Entrevista, 2022

Analisando a relação felicidade x permanência sob a visão agrupada por estado civil, evidenciou-se, na Figura 26, avaliações bastante positivas (destaque em vermelho) visto estarem na parte superior do primeiro quadrante, em comparação com a área destacada em azul em que há valores baixos para ambas as variáveis. Estudos desenvolvidos por Cook e Cuervo (2018) e Chen e Chen (2021) descrevem também esta mesma realidade.

**Figura 26** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por estado civil

Fonte: Entrevista, 2022

No caso do segmento escolaridade, representado pela Figura 27, ainda há a ocorrência de três valores que se destacam dos demais para uma boa relação felicidade x permanência, destoando dos demais valores, e a manutenção de algumas avaliações no segundo quadrante, com as variáveis auferindo médias baixas. Pesquisas de Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) e Zhou et al (2015) também descrevem percepções como estas.

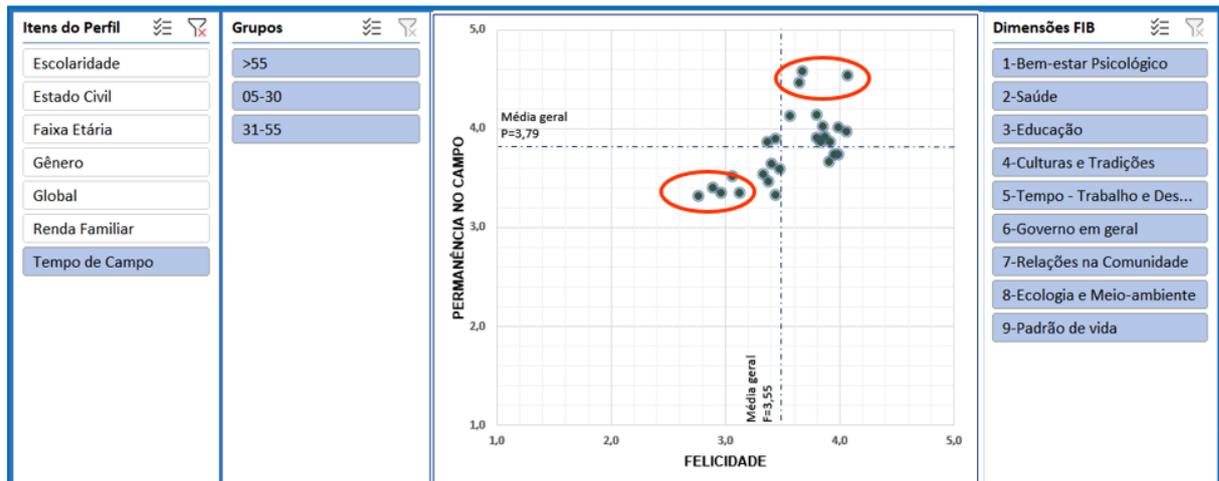
**Figura 27** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por escolaridade

Fonte: Entrevista, 2022

Para o critério tempo de campo, como fator interveniente na relação felicidade x permanência, na Figura 28, constatou-se três ocorrências destacadas das demais,

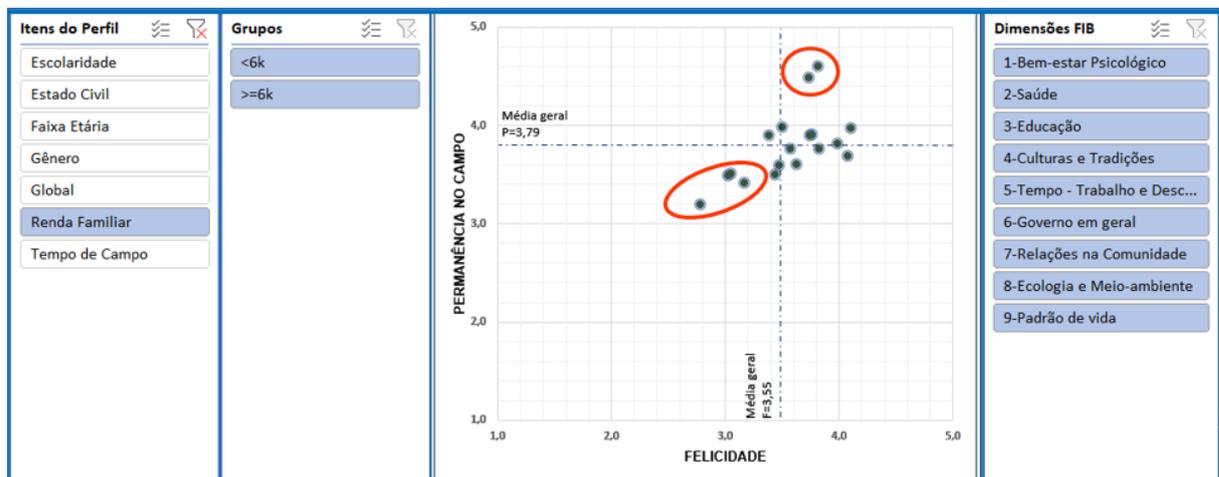
que estão mais dispersas, no primeiro quadrante, havendo ainda, valores mais baixos localizados no segundo quadrante. Como último critério de análise pelo perfil, tem-se a renda média mensal da família (Figura 29), para na evidenciou-se dois pontos destacados no primeiro quadrante, com valores acima dos demais e apenas um localizado no segundo quadrante.

**Figura 28** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 3 grupos por tempo de campo



Fonte: Entrevista, 2022

**Figura 29** – Relação felicidade x permanência analisado pelos 2 grupos por renda familiar mensal



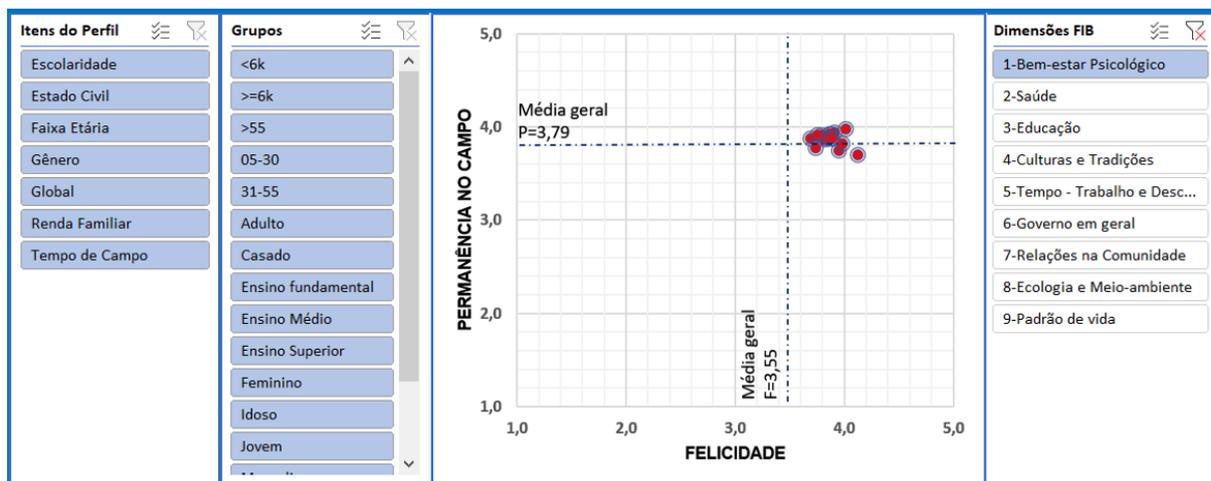
Fonte: Entrevista, 2022

Constatações similares às relatadas aqui, podem ser vistas na literatura, também em pesquisas de Diener e Diener (1986), Ferraz, Tavares e Zilberman ((2007), Tov e Diener (2007), Inglehart et al (2008), Troian et al (2011) e Cuervo (2015).

#### 4.4.2 Relação felicidade x permanência pela ótica das dimensões do FIB

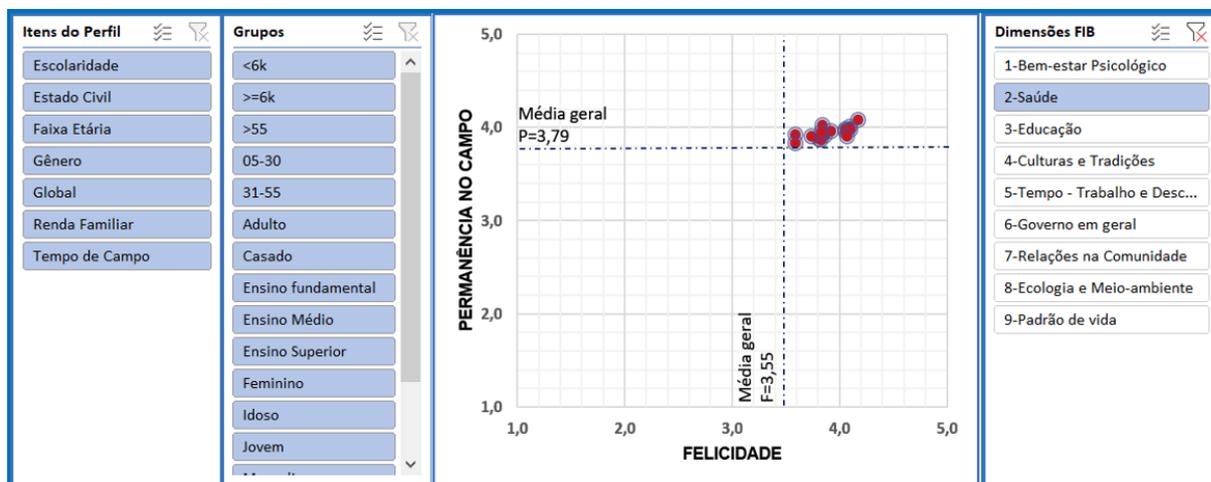
Para a segunda etapa da análise da relação entre felicidade e permanência, adotou-se as 9 dimensões do FIB como critério, e os resultados são apresentados a seguir. A proposta, agora, é apresentar como pensam todos os grupos do perfil, acerca de cada uma das dimensões do FIB. Neste caso, os comportamentos das respostas apontaram para uma concentração de notas para algumas das dimensões. Este padrão pode ser visto nas Figura 30 (bem-estar psicológico), 31 (saúde) e 32 (educação), em que as notas tanto para felicidade quanto para permanência mantiveram-se altas e no primeiro quadrante.

**Figura 30** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão bem-estar psicológico



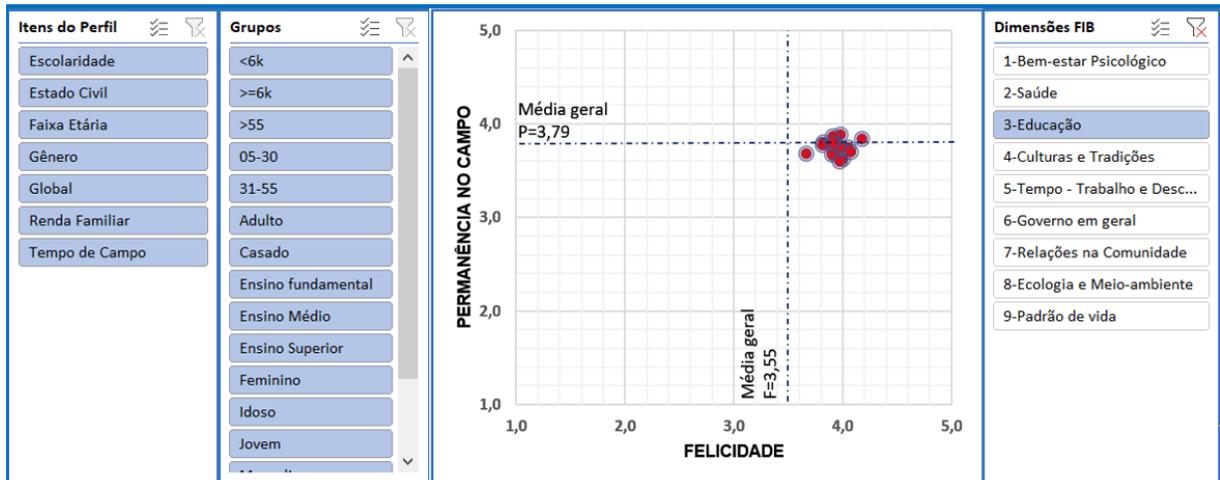
Fonte: Entrevista, 2022

**Figura 31** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão saúde



Fonte: Entrevista, 2022

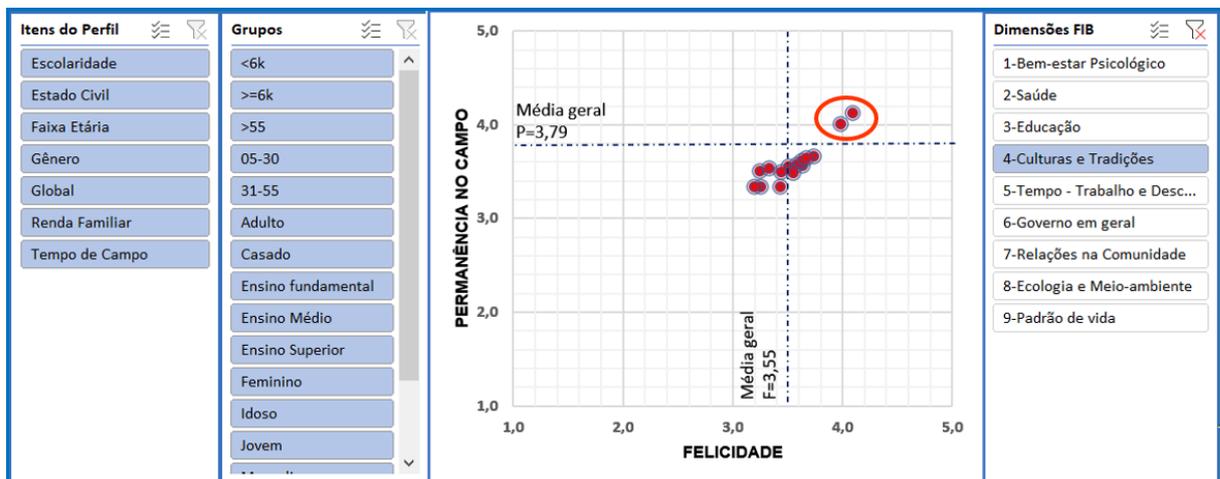
**Figura 32** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão educação



Fonte: Entrevista, 2022

Para a dimensão culturas e tradições todas as notas mantiveram-se no primeiro quadrante; porém duas médias atribuídas destoaram das demais, sendo destacadas na Figura 33, por demonstrarem uma melhor relação entre felicidade e permanência. Estudos de Meddin e Vaux (1988), Peterson (2000) e Pressman e Cohen (2005), corroboram com as evidências aqui levantadas.

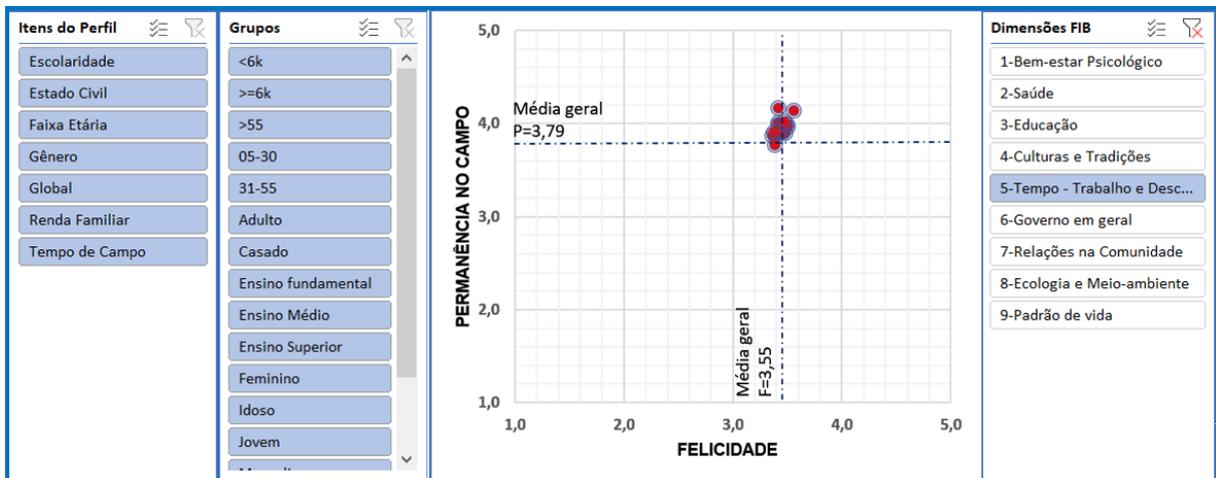
**Figura 33** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão culturas e tradições



Fonte: Entrevista, 2022

Constatou-se que, considerando a dimensão tempo de trabalho e de descanso, novamente ocorre uma concentração de médias atribuídas pelos pesquisados, entretanto, diferenciando-se das análises anteriores, na Figura 34, pode-se ver que o sentimento de felicidade é próximo a 3,5 e o de permanência se mantêm em torno de 4,0 ou maior.

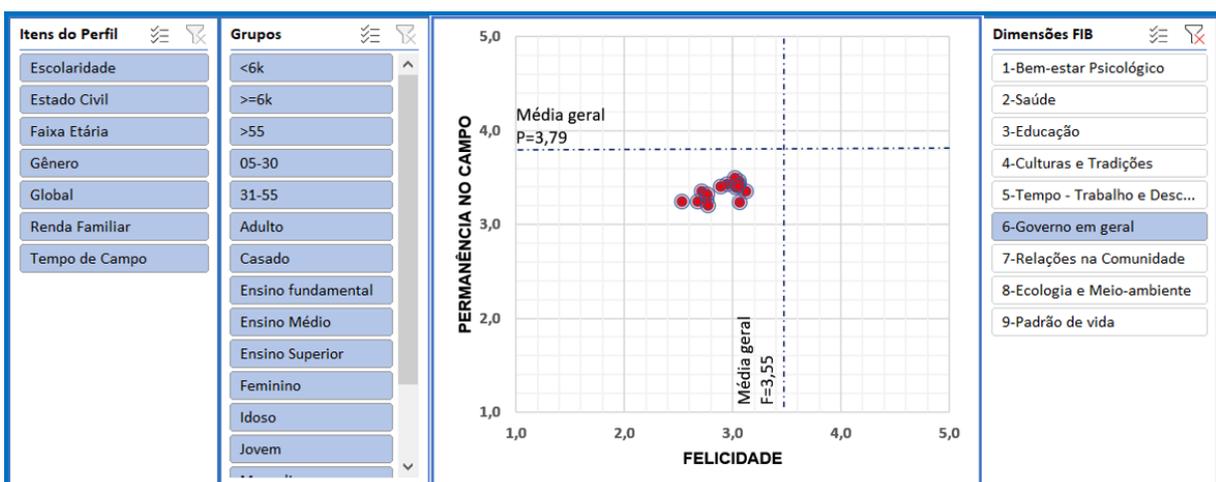
**Figura 34** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão tempo de trabalho e descanso



Fonte: Entrevista, 2022

Questionados quanto à felicidade que sentiam com o desempenho do governo (sem especificar a esfera) e a permanência no campo que isto causava, os pesquisados retornaram com notas muito baixas onde boa parte delas se deslocou para o segundo quadrante, como visto na Figura 35. Este fato demonstra uma opinião crítica para a dimensão, e, em todas as análises feitas até então, as menores avaliações comparadas com as demais.

**Figura 35** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão governo em geral

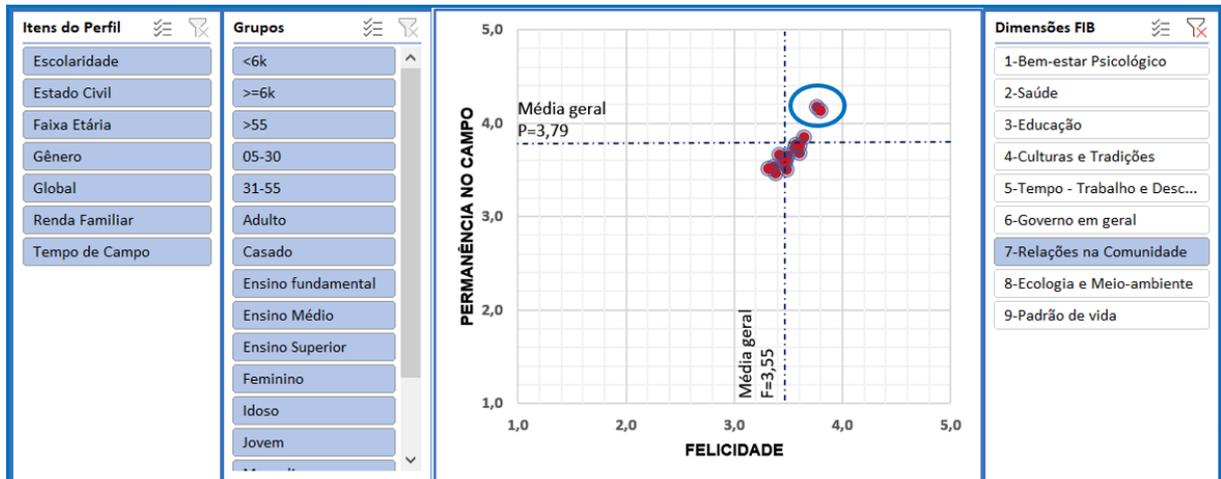


Fonte: Entrevista, 2022

Para a dimensão relações na comunidade, constatou-se uma dispersão de opiniões, mesmo assim, mantiveram-se no primeiro quadrante, o que apresenta um

aspecto positivo; em destaque, na Figura 36, estão duas médias maiores para o sentimento de permanência, que também são descritas por Levin e Chatters (1998) e Levin, Chatters e Taylor (2005).

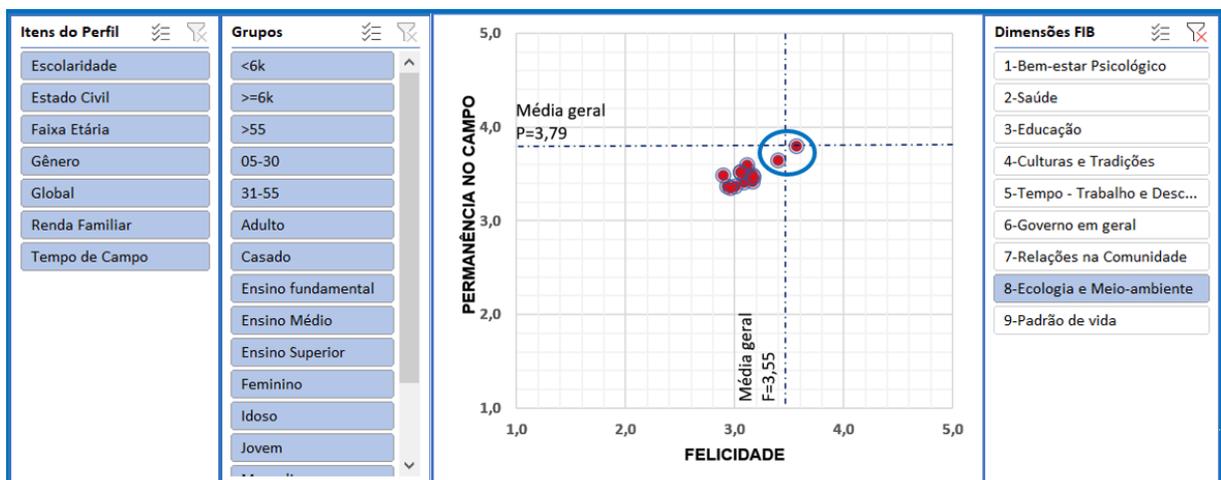
**Figura 36** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão relações na comunidade



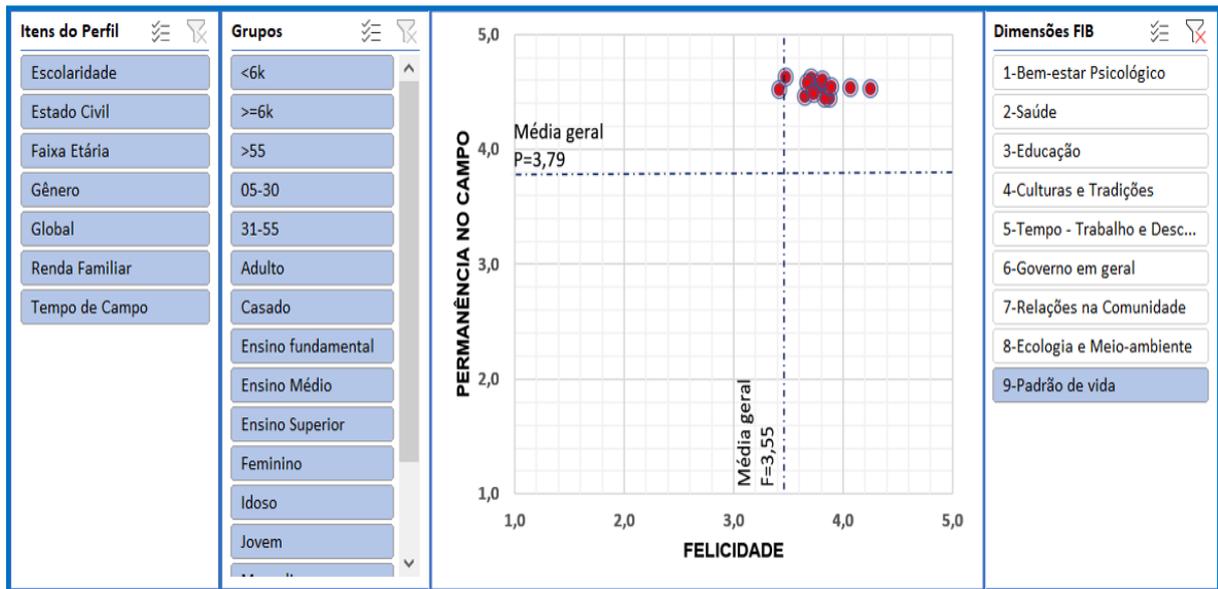
Fonte: Entrevista, 2022

A Figura 37, que considera a dimensão aspectos de ecologia e meio-ambiente, as notas também foram baixas tanto para felicidade quanto para permanência inclusive algumas delas passando para o segundo quadrante. Em destaque, duas avaliações dispersas das demais, demonstrando algumas diferenças e opiniões entre os pesquisados.

**Figura 37** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão ecologia e meio-ambiente



Fonte: Entrevista, 2022

**Figura 38** – Relação felicidade x permanência analisado quanto à dimensão padrão de vida

Fonte: Entrevista, 2022

A última dimensão avaliada pelos agricultores pesquisados referia-se ao padrão de vida, que compreende bens físicos e financeiros, condições de moradia e renda familiar. Para esta dimensão, na Figura 38, constatou-se que as notas, tanto para felicidade quanto para a permanência foram as maiores até então, concentrando-se na parte superior do primeiro quadrante. Também se evidenciou que as notas dadas para permanência são maiores que as para o sentimento de felicidade, mas que ambas se destacam daquelas dadas para as demais dimensões.

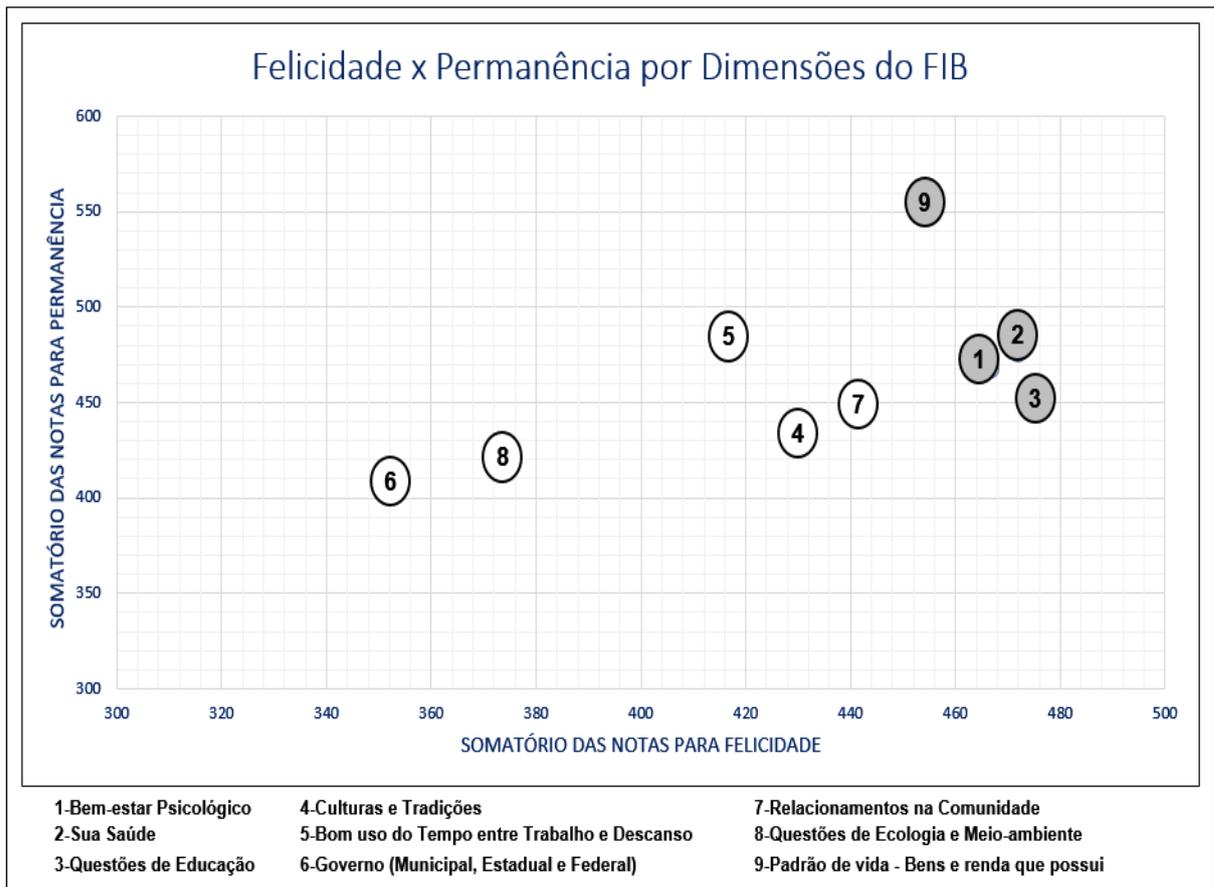
Estudos publicados por Diener e Diener (1986), Seligman (2006), Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), Tov e Diener (2007), Inglehart et al (2008), Troian et al (2011) e Cuervo (2015) contribuem para confirmar estas constatações.

#### 4.5 ANÁLISE CONSOLIDADA DA RELAÇÃO FELICIDADE X PERMANÊNCIA

Como última etapa da análise das respostas dos agricultores da parte 2 da entrevista, todos os dados foram consolidados para permitir uma visão global da contribuição da felicidade para a sua permanência no campo, representado na Figura 39. Contribuem com os resultados aqui descritos, os estudos publicados por Chen e Chen (2021), Albuquerque e Trócoli (2004), Alves et al (2010), Tov e Diener (2007), e Lynn e Steel (2006).

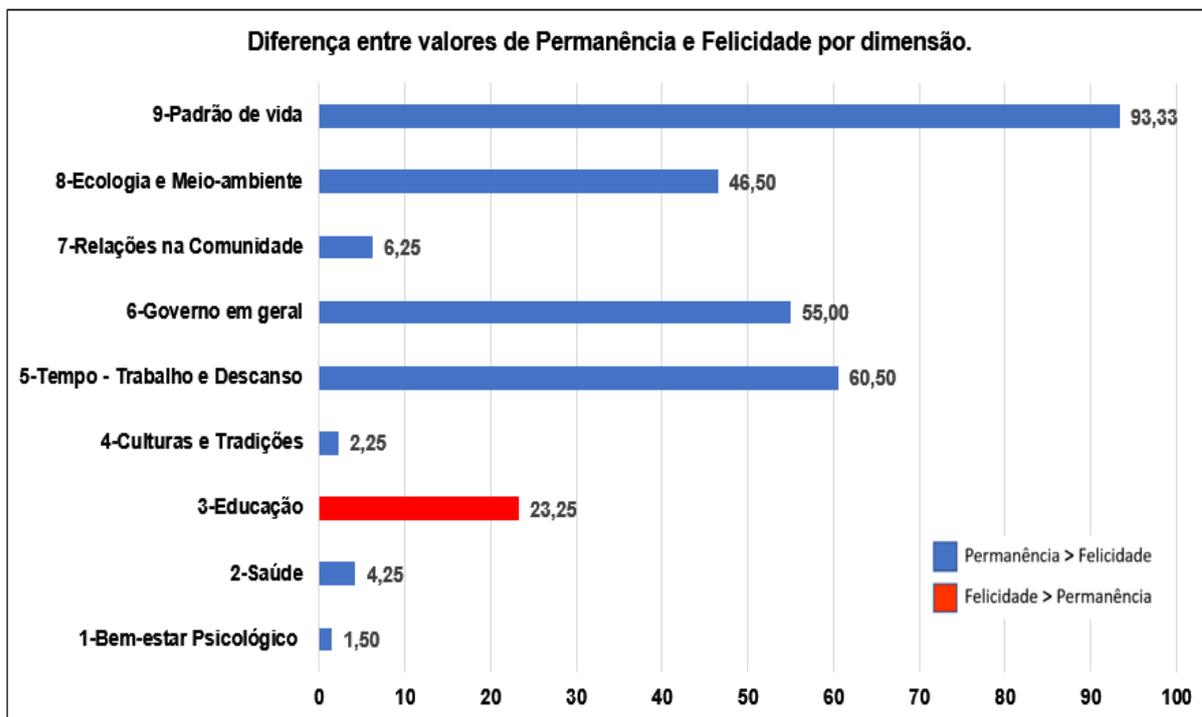
Neste caso, calculou-se a média da soma das notas, agrupadas segundo as 9 dimensões do FIB, e comparadas. Constatou-se, portanto que, para as dimensões 1 (bem-estar psicológico), 2 (saúde), 3 (educação) e 9 (padrão de vida), ocorrem as maiores contribuições da felicidade para a permanência. Por outro lado, as dimensões 6 (governo em geral) e 8 (questões ecológicas e ambientais) destacam-se como as que menos impactam.

**Figura 39** – Relação felicidade x permanência, por dimensões do FIB, valores consolidados



Fonte: Entrevista, 2022

Também se verificou a diferença da média da soma das notas atribuídas para cada item das dimensões do FIB (Figura 40), como uma forma de identificar em que aspectos havia concordância de opinião entre os pesquisados e, por outro lado, onde ocorreram as discordâncias.

**Figura 40** – Diferenças entre permanência e felicidade agrupadas por dimensões do FIB

Fonte: Entrevista, 2022

Evidenciou-se que a única dimensão em que as notas dadas para o sentimento de felicidade são maiores do que a permanência é a de número 3 (educação). No caso da dimensão 9 (padrão de vida) ocorreu a maior diferença entre a média da soma das notas dadas para permanência (549) e para felicidade (455,67) resultando em 93,33. Seguiram-se a este valor, as dimensões 5 (tempo de trabalho e descanso), 6 (governo em geral) e 8 (ecologia e meio ambiente). Dimensões como 1 (bem-estar psicológico), 2 (saúde), 4 (culturas e tradições) e 7 (relações com a comunidade) apresentaram pequenas diferenças entre notas, representando opiniões alinhadas entre o sentimento de felicidade e a contribuição para a permanência no campo. Pesquisadores como Meddin e Vaux (1988), Peterson (2000), Tov e Diener (2007), Pressman e Cohen (2005), Seligman (2011) e Chen e Chen (2021), descrevem comportamentos similares ao constatado nesta etapa do estudo.

#### 4.6 VISÃO GERAL DOS FATORES DE FELICIDADE E PERMANÊNCIA

Considerando-se as nove dimensões preconizadas pelo FIB, os seis grupos de perfil dos agricultores pesquisados, bem como as médias calculadas para cada um dos itens avaliados, pode-se ver, no Quadro 2, uma síntese de toda a segunda parte

da entrevista. Nele, constatou-se as dimensões que mais contribuem para felicidade e a permanência, indicadas pelo símbolo “↑”, e as que menos influenciam nestas variáveis, representadas por “↓”; as dimensões em que não há indicação são as que a influência foi considerada mediana para os valores encontrados.

**Quadro 2** – Dimensões de maior e de menor contribuição na felicidade e permanência no campo

PERFIL DO RESPONDENTE	VARIÁVEL AVALIADA	DIMENSÕES DO FIB								
		1 Bem-estar Psicológico	2 Saúde	3 Educação	4 Culturas e Tradições	5 Tempo - Trabalho e Descanso	6 Governo em geral	7 Relações na Comunidade	8 Ecologia e Meio-ambiente	9 Padrão de Vida
Faixa Etária	Felicidade	↑	↑	↑			↓		↓	↑
	Permanência	↑	↑		↓	↑	↓		↓	↑
Gênero	Felicidade	↑	↑	↑	↑		↓	↑	↓	↑
	Permanência	↑	↑		↓	↑	↓		↓	↑
Estado Civil	Felicidade	↑	↑	↑	↑		↓	↑	↓	↑
	Permanência	↑	↑		↓	↑	↓		↓	↑
Nível Escolar	Felicidade	↑	↑	↑	↑		↓	↑	↓	↑
	Permanência		↑			↑	↓		↓	↑
Tempo de Campo	Felicidade	↑	↑	↑			↓		↓	↑
	Permanência	↑	↑		↓	↑	↓		↓	↑
Renda Familiar	Felicidade	↑	↑	↑			↓		↓	↑
	Permanência	↑	↑			↑	↓		↓	↑

↑ Valores acima da média		↓ Valores abaixo da média
-----------------------------	--	------------------------------

Fonte: Entrevista, 2022

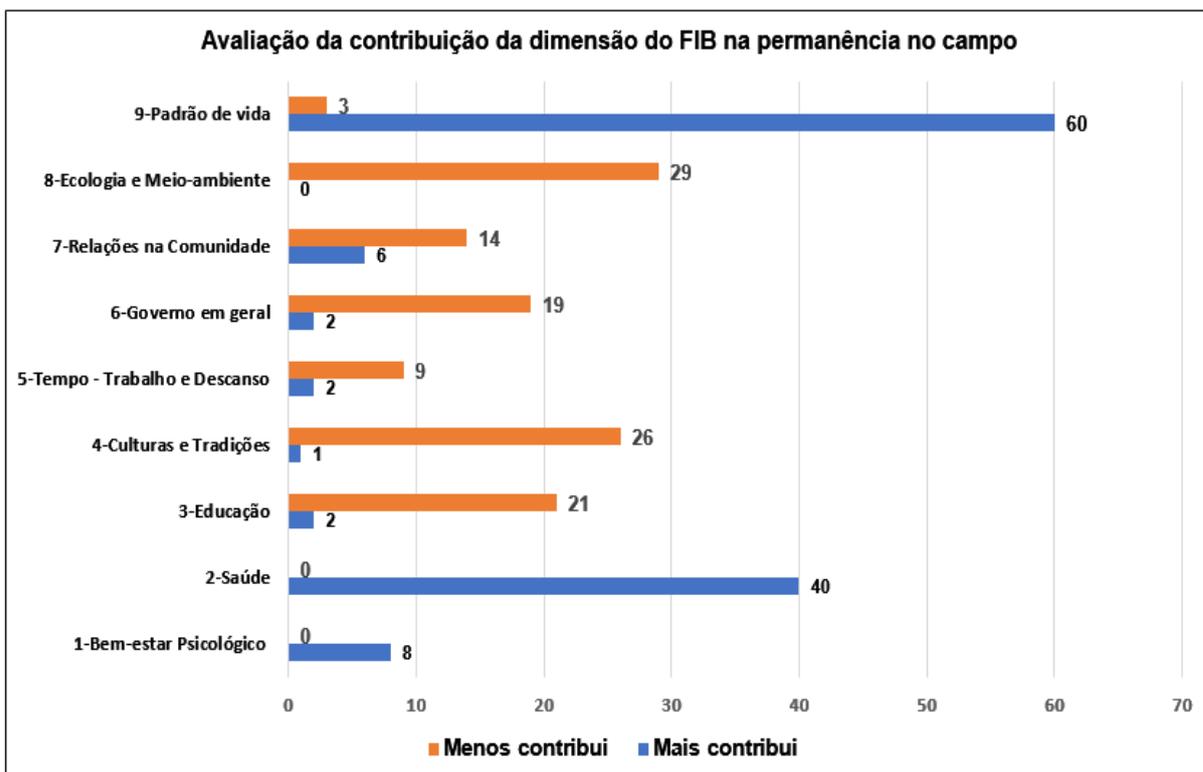
#### 4.7 CONTRIBUIÇÃO DAS DIMENSÕES NA PERMANÊNCIA NO CAMPO

Na parte 3 do instrumento de pesquisa, procurou-se levantar a visão dos agricultores acerca das dimensões do FIB que mais, e que menos contribuem para a sua permanência no campo. Diferentemente da etapa anterior, em que havia 33 aspectos disponíveis para a pontuação daqueles atores, neste caso, as opções apresentadas foram apenas as 9 dimensões do FIB. Por meio da Figura 41 se constatou que, dentre os itens que mais contribuem para a permanência, destacam-se as dimensões 2 (saúde, com 40 respostas) e 9 (padrão de vida, com 60) totalizando 100 das 121 entrevistas realizadas, ou seja, 82,64% do total.

Quanto às dimensões que menos contribuem, estão, em ordem decrescente, 8 (ecologia e meio-ambiente - 29), 4 (culturas e tradições - 26), 3 (educação - 21) e 6 (governo em geral - 19). As avaliações dadas a estas quatro dimensões equivalem a 78,51% (95 das 121 entrevistas aplicadas).

Esta constatação, verificada com parte 3 da entrevista, concorda com os dados levantados por meio das notas obtidas na segunda etapa, o que permite inferir pela validação do instrumento de pesquisa e seus resultados.

**Figura 41** – Dimensões que mais e que menos contribuem para a permanência no campo



Fonte: Entrevista, 2022

Portanto em resposta à questão de pesquisa: Quanto à contribuição na permanência dos agricultores no campo, constatou-se, em ordem crescente, a influência mais presentes das seguintes dimensões: 5 (uso do tempo) formado tanto para o trabalho quanto descanso e sono; 1 (bem-estar psicológico); 2 (saúde); e 9 (padrão de vida), este último com maior destaque para todos os grupos pesquisados. As outras dimensões do FIB também se mostraram influenciadoras tanto na felicidade quanto na decisão por permanecer no campo, porém em intensidades mais brandas. Outro detalhe a ser comentado é que as pontuações dadas para a permanência foram, em média, maiores do que as dadas para felicidade. Isto pode ser comprovado quando se levantou as diferenças entre as variáveis para todas as dimensões, exceto a de número 3 (educação). Os agricultores demonstram opiniões alinhadas quanto aos aspectos que promovem a sua decisão em se manter na propriedade, sendo eles basicamente ligados a condições físicas (bens e saúde) e psicológicas. Entretanto, as

demais dimensões, mesmo não obtendo pontuações altas, não deixaram de ser citadas na entrevista. Publicações feitas por Peterson (2000), Pressman e Cohen (2005), Samdup et al (2010), Sutawi, Karmiyati e Iswatiningsih (2020) e Chen e Chen (2021), podem ser usadas para corroborar com os fatos aqui levantados.

Com relação às hipóteses apresentadas para serem testadas com esta tese, tem-se que H0: Alto grau de felicidade não contribui para a permanência do agricultor familiar no campo – foi refutada pelos resultados apresentados.

Quanto à hipótese complementar, H1: Alto grau de felicidade contribui para a permanência do agricultor familiar no campo – foi aceita, considerando os valores obtidos nas entrevistas. Como exemplo para esta aceitação, tem-se a dimensão 9 (padrão de vida), que obteve altas notas para a felicidade e, a permanência também foi positivamente avaliada. Mesmo no caso mais crítico de avaliação, na dimensão 6 (governo em geral), em que a pontuação para felicidade ficou entre as menores de toda a pesquisa, a permanência desta dimensão manteve-se entre média e alta.

Constatou-se também que há alguns fatores comuns tanto para felicidade quanto para permanência, a saber: 1 (bem-estar psicológico), representado pelas emoções positivas bem como a própria fé; 2 (saúde), nas formas mental e física; e 9 (padrão de vida), constituída pelo patrimônio físico e financeiro e pela renda familiar. Estas três dimensões receberam as maiores pontuações por parte da maioria dos agricultores priorizando-as em detrimento das demais. Trabalhos publicados por Diener e Diener (1986), Albuquerque e Trócoli (2004), Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), Tov e Diener (2007), Inglehart et al (2008), Samdup et al (2010), Troian et al (2011) e Chen e Chen (2021) corroboram com estas constatações.

## **5 CONCLUSÃO**

O tema felicidade tem sido amplamente discutido e estudado pelas mais variadas áreas do conhecimento, tratando-a como o principal objetivo de todo ser humano. Autores como Martin Seligman, Mihaly Csikszentmihalyi, Ed Diener, Nancy Etcoff, Dan Gilbert, Amartya Sen e outros concordam que a chave para o desenvolvimento de uma população passa necessariamente pelo estar feliz. E, a complexidade deste sentimento, precisa ser mais bem conhecida, para permitir que a

felicidade se torne acessível e presente na maior parte possível das pessoas, justificando, portanto, que novos estudos precisam ser desenvolvidos para o enriquecimento da ciência.

Os ensinamentos da Psicologia Positiva descrevem uma inversão de sentido, comparando com os pensamentos clássicos sobre a felicidade. Se antes se pensava tratar de um objetivo ao final da vida, atualmente, defende-se que ela é um estado possível de ser alcançado, partindo de determinadas condições (psicológicas, sociais, econômicas, espirituais, emocionais) ao longo da vida. São elas que ajudam as pessoas a desenvolver uma sensação de bem-estar, ou seja, de se sentirem felizes, sendo esta, a chave para uma vida melhor e mais plena. A adoção e adaptação do modelo de avaliação da felicidade pelo FIB, nesta pesquisa, deu-se pela atualidade e abrangência que as suas dimensões representam, sendo um instrumento reconhecido e aplicado em diversos países e sugerido pela ONU, como comentado anteriormente.

Partindo deste pressuposto, a ideia de relacionar a felicidade com a permanência do agricultor familiar ao campo, surge como um possível caminho para melhorar as condições de bem-estar destes atores, identificando aspectos que podem ser desenvolvidos para neles, promover um sentimento de felicidade mais pleno e completo. A quantidade de entrevistas aplicada fornece subsídios para garantir validade ao fenômeno aqui estudado, entretanto, existem características regionais, culturais, sociais, e econômicas que podem distinguir entre grupos de territórios diferentes.

Sob o ponto de vista da contribuição desta pesquisa para o Desenvolvimento Rural Sustentável, compreende-se que a escolha dos atores pesquisados, representados pelos agricultores familiares, gerou resultados que poderão subsidiar políticas públicas que promovam a melhoria das condições de bem-estar daqueles atores, e, por consequência, prolonguem a sua permanência ao campo. Entende-se, portanto, que os resultados encontrados com a presente pesquisa contribuem para o esclarecimento de uma lacuna acadêmica, a partir do momento em que refletem acerca da decisão do agricultor por permanecer em sua propriedade, ao ver atendidas algumas condições que o deixem mais feliz, ou com um melhor bem-estar.

Elegeu-se como os principais fatores limitadores deste estudo, basicamente aqueles ligados a aplicação da pesquisa junto aos agricultores familiares. As dificuldades encontradas, deram-se por conta dos efeitos da pandemia da COVID-19 que, apesar de haver superado as fases mais críticas, ainda exigiam cuidados com os

contatos pessoais. Outra barreira percebida relacionou-se ao fato de, à época da aplicação da pesquisa, tratar-se de um período próximo às eleições estaduais e federais, fato que gerou certa rejeição pelo fato de as pessoas acharem que se tratava de pesquisa eleitoral. Ambas as limitações foram superadas com o diálogo e a explicação para os agricultores sobre os reais interesses da pesquisa.

Os olhares acerca dos fatores que proporcionam a felicidade e, por consequência, a permanência do agricultor ao campo, podem diferir entre grupos sociais. Portanto, entende-se que este estudo atingiu seu objetivo geral ao propor a existência de uma dinâmica no pensamento do agricultor, por meio da qual a felicidade se instala e se mantém ao longo de sua vida, e, mesmo diante das adversidades, comuns ao cotidiano da atividade rural, decide por permanecer em sua propriedade.

Constatou-se, nesta tese que a felicidade no ambiente rural pode ser influenciada por diversos fatores, físicos, psicológicos, econômicos e outros tais como a proximidade com a natureza, a sensação de comunidade e o senso de propósito e significado na vida. Entretanto, é importante salientar que, na concepção da Psicologia Positiva, a felicidade também é uma experiência pessoal e subjetiva, e o que pode promovê-la para uma pessoa, pode não ser o mesmo para outra. É essencial, portanto, que as pessoas encontrem um ambiente que as faça sentir felizes e plenamente realizadas.

Como sugestão para pesquisas futuras, aponta-se a aplicação do mesmo instrumento a outros atores de distintas regiões do Estado ou do país, além de um estudo qualitativo de profundidade para uma amostra representativa do universo aqui pesquisado, procurando, levantar individualmente as percepções acerca da felicidade e a permanência no campo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e Agricultura Familiar**. Brasília: Edições da Unesco, 1998.
- ABRAMOVAY, R.; CAMARANO, A. A. Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos. Textos para Discussão n. 621. **IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- ACHOR, S., **O Jeito Harward de Ser Feliz**: o curso mais concorrido da melhor universidade do mundo. São Paulo: Saraiva. 2012.
- AGOSTINHO, Sto. Confissões. Trad J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo, Abril Cultural, 2a. ed. (**Coleção "Os Pensadores"**), 1980.
- AGUIAR, V. V. P., O Trabalho das Mulheres nos Espaços Rurais: Algumas Reflexões. **Raízes**, v.37, n. 2, jul-dez/2017.
- AGUIAR, V.; STROPASOLAS, V., As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**, Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 157-181.
- ALA-MANTILA, S., HEINONEN, J., JUNNILA, S., SAARSALMI, P. Spatial nature of urban well-being, 2018, **Regional Studies**, v. 52, n. 7, 959-973, DOI: 10.1080/00343404.2017.1360485.
- ALBUQUERQUE, A. S., TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 20 n. 2, Mai/Ago. 2004, pp. 153-164. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>. 2004.
- ALVES, E. SOUZA, G. da S. e; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**. Embrapa. Ano XX, N. 2, – abril/maio/junho 2011. p. 80-88. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/910778/1/Exodoesuacontribuicao.pdf>>, acesso em: 02/12/2021.
- ALVES, E., MARRA, R. A persistente migração rural–urbana. **Revista de Política Agrícola**, Ano XVII, nº 4, out./nov./dez, 2009.
- ALVES, F.D., VALE, A.R. A Relação Campo-cidade e suas leituras de espaço. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Agrária, 2013. p. 33-4.
- AMES, M. C. F. D. C., SERAFIM, M. C., MARTINS, F. F. Análise de escalas e medidas de virtudes morais: Uma revisão sistemática. (2022) **Revista de Administração Contemporânea**, 26(6), e190379. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022190379>.por
- ANDREWS, S. **Stress a seu favor**: como gerenciar sua vida em tempos de crise. São Paulo: Ed. Ágora, 2003.

ANDREWS, S. A **Ciência de ser feliz**: conheça os caminhos práticos que trazem o bem-estar e alegria. São Paulo: Ed. Ágora, 2011.

ANDREWS, F. M., WITHEY, S. B. **Social indicators of Well-being**: America's perception of life quality. 1976. New York: Plenum Press. 1976.

ARGENT, N. WALMSLEY, J. Rural Youth Migration Trends in Australia - As Overview of Recent Trends and Two Inland Case Studies. **Geographical Research**, 2008. 46(2): 139–152.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cultural, (Coleção "Os Pensadores"), 1979.

ARMITAGE, D. **Declaração de Independência**: Uma história global. Trad. Angela Pessoa. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

AYDOS, L. R., FIGUEIREDO NETO, L. F., TEIXEIRA, W. M. Análise dos determinantes do nível de felicidade subjetiva: uma abordagem local. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 137-150, jan./mar. 2017.

BALASUBRAMANIAN, S., CASHIN, P. Gross National Happiness and Macroeconomic Indicators in the Kingdom of Bhutan. **IMF Working Papers**. 2019. DOI: 19. 1. 10.5089/9781484389713.001, acesso em 19/fev/2022

BALDANZA, R. F.; ABREU, N. R. Capital Social: compreensão e possibilidades de mensuração em um conceito múltiplo. 2013. **Ciências & Cognição**; V.18(2), Rio de Janeiro, 2013.

BALSADI, O. V. Mudanças no Meio Rural e Desafios para o Desenvolvimento Sustentável. **São Paulo em Perspectiva**. 2001, v. 15, n. 1, pp. 155-165. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000100017>>, acessado em 10/jan/2022.

BATISTA, H. R. e MOLLO, M. de L. R. A questão da desigualdade multidimensional: discutindo a construção de um indicador. **Revista de Economia Contemporânea** [online]. 2021, v. 25, n. 1, Epub 19/Abr/2021. ISSN 1980-5527. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/198055272516>>. Acessado em 23/out/2021.

BEYTÍA, P.; CALVO, E. ¿Cómo Medir La Felicidad? (How to Measure Happiness?), 2011. **Claves de Políticas Públicas #4**, Public Policy Institute at Universidad Diego Portales, Santiago, Chile. Disponível em <<https://ssrn.com/abstract=2302809>>, acesso em 18/out/2021.

BEYTÍA, Pablo. ¿Cómo explicar la prosperidad de los países. três teorias en disputa y un esbozo de convergencia. 2016. **Revista CIS**. n. 21, Dez/2016. pp. 94-117.

BEYTÍA, Pablo. The Efficiency of Subjective Well-Being: A Key of Latin American Development. 2017. Chapter of: Bula, G. & Masaheli, M. **Latin American perspectives on global development**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.

BITTENCOURT, V. S., CAMPELO JR, A., GOMES, J. R. L., O que faz a vida ser melhor? Os determinantes do bem-estar subjetivo: Evidências da sondagem do bem-estar no Brasil. 2017. **Rede de Pesquisa e Conhecimento Aplicado**. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10438/24883>>, acesso em 15/jan/2022.

BOESSIO, A. T.; DOULA, S. M. Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. **Interações**. v.17, n.3, jul/set – 2016, Campo Grande, MS. p. 370-383.

BOESSIO, A. T.; DOULA, S. M. Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário: perspectivas de famílias cooperadas em um estudo de caso no Triângulo Mineiro. **Desenvolvimento em Questão**. Ano 15, n.40, jul/set – 2017. Editora Unijuí, p. 433-458.

BOFF, L. **Sustentabilidade: O que é e o que não é**. 5. ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 2016.

BRADBURN, N. M. **The structure of psychological Well-being**. Chicago: Aldine. 1969.

BREITENBACH, R., CORAZZA G. Perspectiva de permanência no campo - Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. 2017. **Espacios**. v. 38, n. 29, 2017. pp. 9-21.

BREITENBACH, R., TROIAN, A. Permanência e sucessão no meio rural: o caso dos jovens de Santana do Livramento/RS. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 56, núm. 1, pp. 26-37, 2020. <https://doi.org/10.4013/csu.2020.56.1.03>

BRICKMAN, P., COATES, D., & JANOFF-BULMAN, R. (1978). Lottery winners and accident victims: Is happiness relative? **Journal of Personality and Social Psychology**, **36**, 917-927.

BRUMER, A. As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI. In: RENCK, A.; DORIGON, C. (Org.). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó, SC: Unochapecó, 2014. p. 115-138

BRUNON-ERNST, A. The Felicific Calculus: Jeremy Bentham's Definition of Happiness. 2017. In **Welfare**, Catherine Coron et Louise Dalingwater, Paris: PSN, 2017, pp. 21-36. Disponível em <[https://www.academia.edu/35152807/The\\_Felicific\\_Calculus\\_Jeremy\\_Bentham\\_s\\_Definition\\_of\\_Happiness](https://www.academia.edu/35152807/The_Felicific_Calculus_Jeremy_Bentham_s_Definition_of_Happiness)>, acesso em 25/nov/2022.

BUCZENKO, G. L., ROSA, M. A. A Permanência do Jovem no Campo - Contribuições da Educação do/no Campo. 2018. Revista **Ensaio Pedagógicos**, v.8, n.1, Jul 2018.

CAMERON, P. Mood as an indicant of happiness: Age, sex, social class, and situational differences. 1975. **Journal of Gerontology**, v. 30, n. 2, 216-224. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/geronj/30.2.216>>, acessado em 25/jan/2022.

CAMPBELL, Angus. Subjective Measures of Well-Being. 1976, **American Psychologist**, 31(2), 117–124. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.31.2.117>., acessado em 24/fev/2022.

CAMPBELL, A., CONVERSE, P. E., RODGERS, W. L. **The quality of American life**. New York: Russell Sage Foundation. 1976.

CAMPOS, P. P. T. V. Z., FUENTES-ROJAS, M. A Produção Científica sobre Felicidade em Periódicos Brasileiros. **Revista Ensaios Pioneiros**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 86–101, 2017. DOI: 10.24933/rep.v1i1.19. Disponível em: <https://ensaiospioneiros.usf.edu.br/ensaios/article/view/19>. Acesso em: 20/dez/2022.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAPRA, F. **Conexões ocultas**: ciências para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, D. M. de; PREVÓT, F.; MACHADO, J. A. D. O uso da teoria da visão baseada em recursos em propriedades rurais: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Administração USP**. Universidade de São Paulo. V.49, n.3, jul/ago/set. 2014: 506-518. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/82156815.pdf>>, acesso em 26/jan/2021.

CASTILHO, A. F. de. **Felicidade pela Agricultura**. Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, Portugal: Typographia da Rua das Artes. 1849.

CHEN, H. An Analysis of bhutan’s gross national happiness. **Seven Pillars Institute Moral Cents**, v. 4, n. 2, p. 66-74, 2015. Disponível em <<http://mail.7pillarsinstitute.org/wp-content/uploads/2017/11/Bhutan-GNH-EDITED-1.pdf>>, acesso em 10/fev/2021.

CHEN, N., CHEN, HC. Religion, Marriage and Happiness – Evidence from Taiwan. **Applied Research Quality Life** 16, 259–299 (2021). <https://doi.org/10.1007/s11482-019-09765-6>. 2021.

CHOI, J. H., MIYAMOTO, Y., RYFF, C. D. A Cultural Perspective on Functional Limitations and Well-Being. **Personality and Social Psychology Bulletin**. 1–14. 2020. The Society for Personality and Social Psychology. DOI: 10.1177/0146167220905712.

CLOKE, P. Conceptualizing rurality. In P. ClokeT. Marsden, & P. Mooney. **The handbook of rural studies** (pp. 18-28). (2006). SAGE Publications Ltd. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.4135/9781848608016.n2>>, acesso em 29/ago/2021.

CLONINGER, C. R. Feeling good: **The science of well-being**. New York: Oxford University Press. 2004.

CLONINGER, C.R. - The science of well-being: an integrated approach to mental health and its disorders. **World Psychiatry** v. 5: 71-76, 2006. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1525119/>>, acesso em 21/jan/2022.

CONTRERAS, F., ESGUERRA, G. Psicología positiva: una nueva perspectiva en psicología. 2006. **Revista Diversitas** - Perspectivas en Psicología. v. 2, n.2, 2006.

COOK J., CUERVO H. Staying, leaving, and returning: Rurality and the development of reflexivity and motility. 2018. **Current Sociology**. 2020;68(1): 60-76.

CORBI, R. B., MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. 2006. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 518-536, out. 2006.

CORREA, Monica. The History of Gross National Happiness: Modern Origins of Happiness and Well-being Economics in Public Policy, Universidad de Buenos Aires. 2017. Disponível em <[https://www.academia.edu/33199038/The\\_History\\_of\\_Gross\\_National\\_Happiness](https://www.academia.edu/33199038/The_History_of_Gross_National_Happiness)>, acesso em 21/nov/2021.

COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. In: Vela, Hugo. (org.). **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul**. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, 2003. P. 157-194.

COSTANZA, R.; ERICKSON, J.; FLIGGER, K. ADAMS, A.; ADAMS, C.; ALTSCHULER, B.; BALTER, S.; FISHER, B.; HIKE, J.; KELLY, J.; KERR, T.; MCCAULEY, M.; MONTONE, K.; RAUCH, M.; SCHMIEDESKAMP, K.; SAXTON, D.; SPARACINO, L.; TUSINSKI, W.; WILLIAMS, L. Estimates of the Genuine Progress Indicator (GPI) for Vermont, Chittenden County and Burlington, from 1950 to 2000, **Ecological Economics**, 2004. Vol. 51, Issues 1–2, 2004, pp. 139-155, ISSN 0921-8009, disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2004.04.009>>.

COSTANZA, R., HART, M., POSNER, S., TALBERTH, J. Beyond GDP: The Need for New Measures of Progress. 2009. **The Pardee Papers**. No. 4, Boston: Pardee Center for the Study of the Longer-Range Future.

COULTER, R., HAM, M. van, & FINDLAY, A. M. Re-thinking residential mobility: Linking lives through time and space. 2016. **Progress in Human Geography**, 40(3), 352–374. <https://doi.org/10.1177/0309132515575417>.

CUERVO, H. Rethinking social exclusion and young people in rural places: Toward a spatial and relational approach in youth and education studies. 2015. In: Worth N and Dwyer C (eds) **Handbook of Geographies of Children and Young People: Identities and Subjectivities**, Vol. 4. Singapore: Springer, pp. 333–350

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity**: flow and the psychology of discover and invention. New York: Harper Collins Books. 2013.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Finding Flow**: The Psychology of Engagement with Everyday Life. New York: Basic Books, 1997.

DA CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DELSIGNORE, G., AGUILAR-LATORRE, A. OLIVÁN-BLÁSQUEZ, B. Measuring Happiness in the Social Sciences: An overview. **Journal of Sociology**, Vol. 57, Issue 4, Feb. 2021.

DELA COLETA J.A., DELA COLETA M.F. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. 2006. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez.

DI TELLA, R., MACCULLOCH, R. Happiness adaptation beyond basic needs. *In* E. Diener, D. Kahneman, & J. F. Helliwell (Eds.), **International differences in well-being** (pp. 217–246). 2010. New York, NY: Oxford University Press.

DI TELLA, Rafael; MACCULLOCH, Robert J.; OSWALD, Andrew J. Preferences over inflation and unemployment: Evidence from surveys of happiness. **The American Economic Review**, v. 91, n. 1, p. 335-341, 2001.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, 95(3), 542–575. 1984. Disponível em <<https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>>, acesso em 12/mar/2022.

DIENER E., SELIGMAN M. E. Beyond Money: Toward an Economy of Well-Being. **Psychol Sci Public Interest**. 2004 Jul;5(1):1-31. doi: 10.1111/j.0963-7214.2004.00501001.x. Epub 2004, jul,01. PMID: 26158992.

DIENER, E., BISWAS-DIENER, R. Will Money Increase Subjective Well-Being?. **Social Indicators Research**, v. 57, n. 2, p. 119-169, 2002. Disponível em <<https://doi.org/10.1023/A:1014411319119>>, acesso em 12/out/2021.

DIENER, E., DIENER, C. Most People are Happy. 1986. Research Report. **Psychological Science**, 1996, v. 7, n. 3. maio, 1996, pp. 181-185. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/40062938>>, acessado em 21/nov/2022.

DIENER, E. MYERS, D. G. The Pursuit of Happiness. **Scientific American**, v. 274, n. 5, maio, 1996, pp. 70-72. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/24989527>>, acessado em 18/dez/2022.

DOLAN, P., WHITE, M. P. How Can Measures of Subjective Well-Being Be Used to Inform Public Policy?, 2007. **Perspectives on Psychological Science: a Journal of the Association for Psychological Science**, 2(1), 71–85. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2007.00030.x>.

DOS ANJOS, Flávio Sacco. **A Agricultura Familiar em transformação**: O caso dos colonos-operários de Massaranduba (SC), Pelotas: UFPEL – Editora Universitária, 1995.

DOTTO, F. **Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no Estado de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. Programa

de Mestrado em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2011.

DUARTE, J., ALVES, E. O Elemento Invisível no Progresso Tecnológico. **Revista de Política Agrícola** (Embrapa). Ano XXV – nº 1 – jan/fev/mar. 2016. pp.122-124.

EASTERLIN, R. A., Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. **Nations and Households in Economic Growth**, Academic Press, 1974, 89-125, ISBN 9780122050503. Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780122050503500087>>, acessado em 10/dez/2021.

ELLIS, Frank; BIGS, Stephen. Evolving Themes in Rural Development 1950s-2000s. **Development Policy Review**. V. 19, nº. 4. Oxford: Blackwell Publishers. p. 437:448, 2001.

FAVARETO, A. Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial. 2006. **Tese** (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.90.2006.tde-24042008-113514.

FERRAZ, R. TAVARES, H. ZILBERMAN, M. L. Felicidade: uma revisão. **Revista da Psicologia Clínica**, n. 34; v. 5, 234-242, 2007.

FERREIRA, Cassiano de Andrade. O nível de felicidade de uma população pelos olhos da Gestão Pública: um estudo no município de Lavras – MG. **Dissertação de mestrado** Programa de Pós-graduação em Administração. Universidade Federal de Lavras. Lavras, GM, UFLA, 2016.

FRANCO, G., Índices de Felicidade e Desenvolvimento Econômico. 2011. Texto apresentado na Conferência **O Próximo Futuro: as grandes lições**, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, 16 de novembro de 2011. Portugal. Disponível em <<http://www.gustavofranco.com.br/uploads/files/Economia%20e%20felicidade%20-%20o%20ensaio.pdf>>, acessado em 18/nov/2021.

FREIRE FILHO, J. A felicidade na era da sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas cronicamente felizes. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010a. p.49-82.

FREIRE FILHO, J. Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos. In: **ENCONTRO DA COMPÓS**, 19., 2010b, Rio de Janeiro. Anais [...]. Belo Horizonte: Compós, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2plrO8h>, acessado em 12/nov/2022.

FREY, B. S., STUTZER, A. The Use of happiness research for public policy. **Social Choice and Welfare**, v. 38, 658-674, 2012. <https://doi.org/10.1007/s00355-011-0629-z>, disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/s00355-011-0629-z#citeas>>, acessado em 12/jun/2021.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, C. Os Desafios da Nova Geração. **Revista de Economia Política**, [s. l.], v. 24, n. 96, p. 483–486, 2004.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar Subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto. v. 12, n.1, jun/2004. p.43-50. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100005&lng=pt&nrm=iso)>, acesso em 5/ago/2021.

GIKOVATE, F. **Em busca da felicidade**. 5. ed. São Paulo: M. G. Ed. Associados, 1981.

GNH CENTRE BHUTAN. - A Vision for Peace, Prosperity, and Happiness. Part I. **Bhutan Planning Commission**. 2020a. Disponível em <<https://www.greengrowthknowledge.org/sites/default/files/downloads/policy-database//Bhutan%20Vision%202020%20I.pdf>>, acesso em 21/dez/2021.

GNH CENTRE BHUTAN. - A Vision for Peace, Prosperity, and Happiness. Part II. **Bhutan Planning Commission**. 2020b. Disponível em <<https://www.greengrowthknowledge.org/sites/default/files/downloads/policy-database//Bhutan%20Vision%202020%20II.pdf>>, acesso em 21/dez/2021.

GNH CENTRE BHUTAN. Survey Report 2015 - A Compass Towards a Just and Harmonious Society. **Centre for Bhutan Studies & GNH Research**, 2016.

GOMES, L. B., ANDRADE, C.M., FALAVIGNA, F. B. O discurso da felicidade no contexto das organizações - considerações introdutórias. **Revista Novos Olhares**. V. 8, n. 2. 2019. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2019.160861

GRAZIANO DA SILVA, J. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 37-50, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M.; CAMPANHOLA, C. O que há de realmente novo no rural brasileiro. **Caderno de Ciência e Tecnologia**. Brasília: Embrapa, v. 19, n. 1, p. 37-67, 2002.

GRAZIANO, L. D. A Felicidade Revisitada: Um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva. **Tese de Doutorado** não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP. 2005.

GRENVILLE-CLEAVE, B., **Positive Psychology: A Toolkit for Happiness, Purpose, and Well-Being**. London: Iconbooks, 2016.

GUBERT, Flávia Piccinin Paz; FABRINI, João Edmilson; DA SILVA, Emerson Ferreira. Movimentos Sociais, Reforma Agrária e Resistência no Campo: uma análise crítica das discussões realizadas no GT 4. **In Interdisciplinaridade sem Fronteiras: águas, alimentos, saberes, inclusão social e produtiva nos territórios da América Latina**. Curitiba: Editora CRV. 2020.

HALFACREE, K. A utopian imagination in migration's terra incognita? Acknowledging the non-economic worlds of migration decision-making. 2004, **Population, Space and Place** 10(3): 239–253.

HARING, M.J.; STOCK, W.A.; OKUN, M.A. - A research synthesis of gender and social class as correlates of subjective well-being. **Human Relation**, v. 37, n. 8: 645-657, 1984. <https://doi.org/10.1177/001872678403700805>.

HARING-HIDORE, M.; STOCK, W.A.; OKUN, M.A.; WITTER, R.A. - Marital status and subjective well-being: a research synthesis. **Journal of Marriage and Family**, v.47: 482-501, 1985.

HENN, A. F. Elaboração de uma Metodologia para Avaliação do Desenvolvimento Rural Sustentável na Agricultura Familiar. Tese de Doutorado. Unioeste. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. **PPGDRS**. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável. Marechal Cândido Rondon. 2019.

HERÓDOTO. **Histórias. Livro I – Clio**. Tradução, J. Brito Broca. Introdução e Notas de Teotônio Simões. São Paulo: eBooksBrasil, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss conciso**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Moderna, 2011.

HUPPERT, F.A.; WHITTINGTON, J.E. - Evidence for the independence of positive and negative well-being: implications for quality of life assessment. **British Journal of Health Psychology**, v.8: 107-122, 2003.  
[ps://doi.org/10.1348/135910703762879246open\\_in\\_new](https://doi.org/10.1348/135910703762879246open_in_new).

HUTZ, C. S. (organizador). **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

HUTZ, C. S. (organizador). **Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas**. São Paulo: CETEPP, 2016.

INGLEHART, R., FOA, R., PETERSON, C., WELZEL, C. Development, Freedom, and Rising Happiness: A Global Perspective (1981-2007). **Perspectives on Psychological Science**, v. 3, n. 4, 264–285, 2008.  
<http://www.jstor.org/stable/40212250>.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Agenda 2030 - ODS – Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Proposta de Adequação**. 2018. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>>, acessado em 15/mar/2022.

IVLEVS, A., NIKOLOVA, M., GRAHAM, C. Emigration, remittances, and the subjective well-being of those staying behind. **Journal of Population Economics**, 2019, v. 32: 113–151. <https://doi.org/10.1007/s00148-018-0718-8>.

KAHNEMAN, D.; KRUEGER, A.B.; SCHKADE, D.; SCHWARZ, N.; STONE, A.A. - Would you be happier if you were richer? A foccusing illusion. *Science* 30; 312 (5782): 1908-1910, **CEPS Working Paper** n. 125, maio, 2006.

KIELING, R. I., SILVEIRA, R. L. L. da. O Rural, o Urbano e o Continuum Urbano-Rural no contexto do Desenvolvimento Regional. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 39, n.148, p. 133-143, dezembro/2015.

KLEFTARAS, G. PSARRA, E. Meaning in Life, Psychological Well-Being and Depressive Symptomatology: A Comparative Study. **Psychology**. 2012. v.3, n.4, 337-345. April - 2012. **Scientific Research online Journal**.  
<http://dx.doi.org/10.4236/psych.2012.34048>.

KUBISZEWSKI, I.; COSTANZA, R.; FRANCO, C.; LAWN, P.; TALBERTH, J.; JACKSON, T.; AYLNER, C. Beyond GDP: Measuring and achieving global genuine progress, **Ecological Economics**, 2013. Vol. 93, Pages 57-68, ISSN 0921-8009. Disponível em  
<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800913001584>>, acesso em 14/nov/2021.

KÜHN, D. D. Desenvolvimento Rural: Afinal, sobre o que estamos falando? **Redes (St. Cruz Sul, Online)**, v.20, no 2, p.11-30, maio/ago. 2015.

KUMMER, Rodrigo. COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude Rural no Brasil - Entre ficar e partir. 2003. **Tempo e Ciência**. V. 20. N. 39. 1.semestre 2013.

KUSNIEWSKI, F. P. P.; SEGANFREDO, K. A.; BORBA, M. R. de. Agroecologia e educação do campo: meios de promover a permanência do jovem no campo? **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 23, p. e2, 2019. DOI: 10.5902/2236499431991. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/31991>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LEÃO, D. F. Sólon e Crespo: fases da evolução de um paradigma. 2000. **Hvmanitas**. Vol. LII, 27-52. Disponível em  
<[https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas52/02\\_Lea\\_o.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas52/02_Lea_o.pdf)>, acesso em 15/jan/2021.

LYNN, M., STEEL, P. National Differences in Subjective Well-Being: The Interactive Effects of Extraversion and Neuroticism. **Journal of Happiness Studies**. N.7, 155–165. <https://doi.org/10.1007/s10902-005-1917-z>. 2006.

LEVIN, J. S. **Religion in Aging and Health: Theoretical Foundations and Methodological Frontiers**. Thousand Oaks: Sage; 1994.

LEVIN, J. S.; CHATTERS, L. M. - Religion, health, and psychological wellbeing in older adults: findings from three national surveys. *J Aging Health* 10(4): 504-531, 1998.

LEVIN, J.S.; CHATTERS, L.M.; TAYLOR, R.J. - Religion, health and medicine in African Americans: implications for physicians. *J Natl Med Assoc* 97(2): 237-249, 2005.

LUSTOSA, A. E., MELO, L. F., **Felicidade Interna Bruta (FIB) – Índice de Desenvolvimento Sustentável**. SocioEco. 2010. Disponível em <<https://base.socioeco.org/docs/artigo05.pdf>>, acesso em 24/nov/2021.

LYUBOMIRSKI, S. **Os Mitos da Felicidade**: O que deveria fazer você feliz, mas não o faz; o que não deveria fazer você feliz, mas faz. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H.S. - A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**. 46: 137-155, 1999.

MARKUSSEN, T., FIBÆK, M., TARP, F., TUAN N. A. The Happy Farmer: Self-Employment and Subjective Well-Being in Rural Vietnam. 2018. **Journal of Happiness Studies**, V. 19:1613–1636 <https://doi.org/10.1007/s10902-017-9858-x>.

MAYNARD, A.S. C. Variações culturais do conceito de Felicidade. 2013. **Revista de História e Estudos Culturais. Fênix**. v. 10, a. X, n.1. jan/jun. 2013.

MC MAHON, D. M. **Uma História da Felicidade**. Lisboa: Edições70, 2009.

MEDDIN J, VAUX A. Subjective Well-Being among the Rural Elderly Population. **The International Journal of Aging and Human Development**. 1988; v. 27, n.3:193-206. doi:10.2190/NQ0J-FWHT-CF8M-P17X.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/felicidade>>, acessado em 21/jun/2021.

MINOIS, G. **A idade de ouro: história da busca da felicidade**. Tradução Christiane Fonseca Gradvohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 466p.

MOON, B. Paradigms in migration research: exploring “moorings” as a schema. 1995. **Progress in Human Geography**, 19(4), 504–524. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/030913259501900404>>, acesso em 21/jun/2020.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H.G. - Religiousness and mental health: a review. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v.28, n.3: 242-250., 2006.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento Rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos Avançados**, v. 15, n.43, 2001. 83-100.

NAVARRO, Z., ALVES, E. O Brasil rural, do agrário ao agrícola. **O Estado de São Paulo**. Opinião. 24/jan/2016. Disponível em <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-brasil-rural--do-agrario-ao-agricola,10000013181>>, acesso em 10/jun/2020.

NERY, P. F. Economia da Felicidade: Implicações para Políticas Públicas. Brasília: **Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado**, outubro/2014 (Texto para Discussão nº 156). Disponível em: <[www.senado.leg.br/estudos](http://www.senado.leg.br/estudos)>, acesso em 12/jul/2021.

NORDHAUS, W., TOBIN, J. Is growth obsolete? In Economic Growth, 5th Anniversary Series, **National Bureau of Economic Research**, pp 1-80. New York: Columbia University Press, 1982.

OECD. OECD Guidelines on Measuring Subjective Well-being, **OECD Publishing**. 2013. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264191655-en>>, acesso em 27/jul/2021.

OISHI, S., KESEBIR, S. Income inequality explains why economic growth does not always translate to an increase in happiness. 2015. **Psychological Science**. v.26, n. 10, 1630-1638. Disponível em <<http://pss.sagepub.com/content/by/supplemental-data>>, acesso em 21/out/2021.

OISHI, S., KESEBIR, S., DIENER, E. Income inequality and happiness. 2011. **Psychological Science**, v. 22, n. 9, 1095–1100. doi:10.1177/0956797611417262.

OKAWA, R. **O Ponto de Partida da Felicidade**: Um guia prático e intuitivo para a descoberta do amor da sabedoria e da fé. São Paulo: Cultrix, 2006.

OLIVEIRA, M. F., MENDES, L., VASCONCELOS, A. C. van H.. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. 2021. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, e222727. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>.

ONU - ASSEMBLEIA GERAL. Resolução 65/309. A/67/697. Organização das Nações Unidas. **Happiness**: towards a holistic approach to development. Nota do Secretário Geral. 19 de julho de 2011.

PASSARELI, P. M., SILVA, J. A. da. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. 2007. **Estudos de Psicologia**. Campinas, São Paulo, v. 24, n.4, 513-517 | out/dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a10.pdf>> Acesso em: 10/set/2021.

PEREIRA, D.; ARAUJO, U. F. de. Uma reflexão sobre a busca e o significado da Felicidade. 2018. **Revista Educação e Linguagens**. Campo Morão, PR. v. 7, n.12, jan/jun. 2018.

PETERSON, C. - The future of optimism. **American Psychologist**, v. 55, n. 1: 44-55, 2000. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.44>.

PIKETTY, T. **A Economia da Desigualdade**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2015.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad. J. C. de Souza, J. Paleikat e J. C. Souza. São Paulo. Abril Cultural, 2a. ed. (Coleção "Os Pensadores"), 1974.

PLEIN, C. Os Mercados da Pobreza ou a Pobreza dos Mercados?: as instituições no processo de mercantilização da agricultura familiar na Microrregião de Pitanga, Paraná. Tese (**Doutorado em Desenvolvimento Rural**). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2012.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2009. Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e

desenvolvimento humanos. 2009. **ONU**. Disponível em:  
<<http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2009/>>. Acesso em 20/jun/2021.

PRESSMAN, S.D.; COHEN, S. - Does positive affect influence health? **Psychological Bulletin**, v.131, n. 6: 925-971, 2005. DOI: 10.1037/0033-2909.131.6.925.

RABELLO, D. OLIVEIRA, L. B. de. FELICIANO, C. A. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. Mundo do Trabalho. **Revista Pegada Eletrônica**. V. 15, n.1, jul/2014. Disponível em  
<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3032>>, acessado em 6/jan/2022.

RAMOS, C. A. **Economia da Felicidade**: rumo a uma nova medição da prosperidade das nações. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2021. 9786555202755. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555202755/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

RIBEIRO, S. C., SANTOS, A. D. The economics of happiness: An approach to Portuguese economy. **Economics and Sociology**, v.12, n.4, 197-212. doi:10.14254/2071-789X.2019/12-4/12. 2019.

RICH, G. J., Positive Psychology: An Introduction. **Journal of Humanistic Psychology**, V. 41, n. 1, pp. 8–12. 2001, disponível em  
<<https://doi.org/10.1177/0022167801411002>>, acesso em 12/jan/2022.

RICHARDSON, R. J.; PFEIFFER, D. K. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. 4.ed. 16. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, A. Bem-estar Subjetivo de comerciantes e comerciários de Ribeirão Preto e região. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação. Ribeirão Preto, SP, 2007.

RODRIGUES, O. A.; SHIKIDA, P. F. A. Economia e felicidade: elementos teóricos e evidências empíricas. **Pesquisa & Debate**, São Paulo (SP), v.16, n.1(27), p.80-120, 2005.

ROSE, Deidre. A Modern History of Happiness as Economic Policy. 2017. **Project: Social Well-being and economic policy**. University of Guelph, Canada. Disponível em  
<[https://www.researchgate.net/publication/316091499\\_A\\_Modern\\_History\\_of\\_Happiness\\_as\\_Economic\\_Policy](https://www.researchgate.net/publication/316091499_A_Modern_History_of_Happiness_as_Economic_Policy)>, acesso em 13/nov/2021.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

SACHS, J. Happiness, and Sustainable Development: Concepts and Evidence. *In*. HELLIWELL, J., LAYARD, R., SACHS, J. 2016. **World Happiness Report 2016**, Update (Vol. I). New York: Sustainable Development Solutions Network.

SAMDUP, Tashi; UDO, H.M.J.; IBRAHIM, M.N.M.; ZIJPP, A.J. van der. A Conceptual Framework to Assess Development of Smallholder Crop-cattle Farming Systems in Bhutan: Sustainable Development or Gross National Happiness? **Journal of the Faculty of Agriculture Shinshu University**. v.46, n.1-2, 123-137. <http://hdl.handle.net/10091/10078>. 2010.

SANTAGADA, S. Indicadores sociais: uma primeira abordagem social e histórica. **Pensamento Plural**, n. 1, p. 113-142, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/01/06.pdf>>. Acesso em: 20/set/2018.

SHARVADZE, I. The Relationship Between Assimilation and Difference Motives With Health and Well-Being in a Sample of Japanese Adults. **Master Thesis**. Universidade de Konstanz, Alemanha. Konstanzer Online-Publikations-System (KOPS). URL: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bsz:352-2-1xc2tyiyjr7ov1>.

SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. A Contribuição de Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. 2011. **Sociologias**, ano 13, nº 27, maio/ago., p.180-2019. Porto Alegre, 2011.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e industrialização**: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre; Ed. Universidade UFRGS. 1999.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Psicologia positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. **Psicologia Reflexiva e Crítica** [online]. 2010, vol.23, n.3, pp.440-448.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. O estudo científico da felicidade e a promoção da saúde: revisão integrativa da literatura. **Rev. Latino-Am Enfermagem** mai-jun, 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/TvRZgKWyptwx6YMYsLMkRZG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso 13/nov/2022.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. A Medida Positiva dos Afetos: Bem-Estar Subjetivo em Pessoas Casadas. **Psicologia Reflexiva e Crítica** [online]. 2012, vol.25, n.1, pp.11-20,

SEGOV. Secretaria do Governo Federal. Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2017. **Curadoria Enap**, 2018. Disponível em <<https://exposicao.enap.gov.br/items/show/562>>, acesso em 17/jan/2022.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer**: uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva. 2011.

SELIGMAN, M. E. P. **La Auténtica Felicidad**: la nueva Psicología Positiva revoluciona el concepto de felicidad y señala el camino para conseguirla. Barcelona: Vergara. 2006.

SELIGMAN, M. E. P., CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. (2000). Positive Psychology: An Introduction. **American Psychologist**. 55. 5-14. 2000.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SEN, A. K. Well-Being, Agency and Freedom - The Dewey Lectures 1984. **The Journal of Philosophy**, Vo. 82, No. 4 - Apr/1985, 169-221.

SEN, A. K. **Collective Choice and Social Welfare**. San Francisco: Holden-Day. 1970.

SEWAYBRICKER, L.E. A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, SP, 2012.

SEWAYBRICKER, L.E. Felicidade: utopia, pluralidade e política. A delimitação da felicidade enquanto objeto para a ciência. **Tese** (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, SP, 2017.

SHAHAR, T. B. **Happier**. Learn the Secrets to Daily Joy and Lasting Fulfillment. New York, USA. Mc Graw Hill. 2007.

SHIKIDA, P. F. A. A gente não quer só dinheiro... a gente quer dinheiro e felicidade: notas e reflexões no contexto da ciência econômica. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 47, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/3150>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SHIKIDA, P. F. A. RODRIGUES, O. A., BRAUN, M. B. S. Economia e Felicidade: uma análise dos agricultores participantes do Show Rural - Cascavel - PR. 2004. **A Economia em Revista - AERE**. Dez/2004.

SILVER, R.L., WORTMAN, C.B. Coping with Undesirable Life Events. In: Garber, J. and Seligman, M.E.P., Eds., **Human Helplessness**: Theory and Application, Academic Press, New York. 1980.

SOARES, C. A morte: Critério de Felicidade nas histórias de Heródoto. 2002. **Humanitas**. Vol. LIV, 117-164. Disponível em <[https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas54/06\\_Soares.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas54/06_Soares.pdf)>, acesso em 12/jan/2021.

SOUZA, M. A. de. Felicidade: Como os grandes pensadores podem nos ajudar a viver melhor. **Biblioteca Scribd**. 2018. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/374642065/Felicidade>>, acesso em 21/nov/2021.

SOUZA, N. de J. de. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

SPANEVERELLO, R.M. A dinâmica sucessória na agricultura familiar. 2008. 223f. Tese (Doutor em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, **UFRGS**, Rio Grande do Sul.

STIGLITZ, J. E.; SEN, A.; FITOUSSI, J. P. Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress. 2009. **OCDE**. Disponível em: <[www.stiglitz-sen-fitoussi.fr](http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr)> Acesso em: 10/set/2021.

STIGLITZ, J.E. Inequality and Economic Growth. In **The Political Quarterly**, v. 86, p.134-155. 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.1111/1467-923X.12237>>, acesso em 10/set/2021.

STIGLITZ, J. **The Stiglitz Report**. Reforming the International Monetary and Financial Systems in the Wake of the Global Crisis. New York. EUA. The New Press, 2010.

STOCK, W. A., OKUN, M. A., HARING, M. J., WITTER, R. A. (1984). Health and subjective well-being: a meta-analysis. **International Journal of Aging & Human Development**, v. 19, n. 2, 111–132. <https://doi.org/10.2190/QGJN-0N81-5957-HAQD>.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 346 p., 2006. v.8, n.1, março, 2011a.

STROPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Agriculturas**, v. 8, p. 26-29, 2011b.

SUTAWI, S. D., KARMIYATI, D., ISWATININGSIH, D. The Happiness of Smallholder Layer-chicken Farmers in Rural East Java. **Tropical Animal Science Journal**. v.43, n.3, 282-290. <https://doi.org/10.5398/tasj.2020.43.3.282>. <http://journal.ipb.ac.id/index.php/tasj>, 2020.

TOMÁS DE AQUINO, Sto. **Compêndio de Teologia**. Trad. Luiz J. Baraúna, São Paulo, Abril Cultural (Coleção "Os Pensadores"), 1973.

TOV, W., DIENER, E. Culture and subjective well-being. In S. Kitayama & D. Cohen (Eds.), **Handbook of cultural psychology** (pp. 691-713). 2007. New York: Guilford.

TROIAN, A., OLIVEIRA, S. V. de. DALCIN, D., TROIAN, A. Jovens e a tomada de decisão entre permanecer ou sair do meio rural: Um estudo de caso. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**. v.1, n.2, p.349-374, jul-dez, 2011.

URA, D. K., ALKIRE, S., ZANGMO, T., & WANGDI, K. An extensive analysis of GNH index. **Centre for Bhutan Studies**. 2012. DOI. 10.35648/20.500.12413/11781/ii036.

URA, D. K., ALKIRE, S., ZANGMO, T. GNH and GNH Index - A Short Guide to Gross National Happiness Index. **The Centre for Bhutan Studies**. 2015. Disponível em <[https://ophi.org.uk/wp-content/uploads/GNH\\_and\\_GNH\\_index\\_2012.pdf](https://ophi.org.uk/wp-content/uploads/GNH_and_GNH_index_2012.pdf)>, acesso em 22/nov/2021.

URA, D K. The Experience of Gross National Happiness as development Framework. 2015. Asian Development Bank. **ADB South Asia Working Paper Series**.

Disponível em <<https://www.adb.org/sites/default/files/publication/177790/gnh-development-framework.pdf>>, acesso em 12/fev/2022.

VALENTIM, C. C.; STREY, D. F. e; FERREIRA, E. M.; MACEDO, R. L. de; DESSOTTI, V. Adaptação do Índice de Felicidade Interna Bruta e avaliação entre estudantes da Unicamp. UNICAMP. **Revista Ciências de Ambiente On-line**. Dezembro. Vol. 10; nº 2, Campinas, SP. 2014.

VAN DEN BERG, Jeroen C.J.M. The GDP paradox. 2009. **Journal of Economic Psychology**, Volume 30, Issue 2, 117-135. ISSN 0167-4870, <https://doi.org/10.1016/j.joep.2008.12.001>. Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167487008001141>>, acessado em 8/dez/2021.

VANTROBA, E. A., Necessidades e Perspectivas para a Permanência do Jovem do campo no seu ambiente. 2009. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE - SEED-PR – Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2447-8.pdf>>, acessado em 12/fev/2022.

VEENHOVEN, R. How do we assess how happy we are? Tenets, implications, and tenability of three theories. 2006. **New Directions in the Study of Happiness: United States and International Perspectives**, University of Notre Dame, USA, October 22-24. 2006.

VEENHOVEN, R. Happiness as an aim in public policy: the greatest happiness principle. In: **Positive Psychology in Practice**. Chapter 39. Publisher: John Wiley and Sons, Inc. 2004, Hoboken, N.J., USA. ISBN 0471459062. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/254804724\\_Happiness\\_as\\_an\\_Aim\\_in\\_Public\\_Policy](https://www.researchgate.net/publication/254804724_Happiness_as_an_Aim_in_Public_Policy)>, acesso em: 04/ago/2021.

VEENHOVEN, R. Happiness: Also known as “life-satisfaction” and “subjective well-being”, In LAND, K. C. MICHALOS, A. C., SIRGY, M. J. **Handbook of Social Indicators and Quality of Life Research**. Dordrecht, Netherlands: Springer Publishers, 63-77. doi:10.1007/978-94-007-2421-1\_3.

VEIGA, José Eli. O Prelúdio do Desenvolvimento Sustentável. 2005a. In: CAVC, **Economia Brasileira: Perspectivas do Desenvolvimento**, pp. 243-266. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/253610/mod\\_resource/content/1/Texto%2002%20\\_%20desenvolvimento\\_sustentavel.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/253610/mod_resource/content/1/Texto%2002%20_%20desenvolvimento_sustentavel.pdf)>, acesso em 19/jan/2022.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005b.

VEIGA, J. E., ZATZ, L. **Desenvolvimento Sustentável**, que bicho é este? Campinas: Autores Associados, 2008.

VEIGA, J. E. da. Nem tudo é urbano. In: **Ciência e Cultura**, V. 52, n. 2. São Paulo. Abr/Jun, 2004. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v56n2/a16v56n2.pdf>>, acesso em: 03/12/2019.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – “o rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, n. 15, Out. 2000. p. 87-145.

WANDERLEY, M. de N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Norma Giarracca. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>, acessado em 20/jan/2022.

WANDERLEY, M. de N. B. **O mundo rural como um espaço de vida** – reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

WATSON, D. - **Mood and temperament**. The Guilford Press, New York, 2000.

WHITE, N. **Breve história da Felicidade**. São Paulo: Loyola, 2009.

WOOD, V., WYLIE, M. L., SHEAFOR, B, (1969). An analysis of a short self-report measure of life satisfaction: Correlation with rater judgments. **Journal of Gerontology**, 24, 465-469.

WROSCH, C.; SCHEIER, M.F. - Personality and quality of life: the importance of optimism and goal adjustment. **Quality of Life Resources** 12(1): 59-72, 2003. <https://doi.org/10.1023/A:1023529606137>.

ZANGMO, T., WANGDI, K., PHUNTSO, J. Proposed GNH of Business. 2017. **Centre for Bhutan Studies & GNH**. ISBN 978-99936-14-93-7. Disponível em <<http://www.bhutanstudies.org.bt/wp-content/uploads/2017/11/GNH-of-Business-.pdf>>, acesso em 22/nov/2021.

ZHOU, Y., ZHOU, L., FU, C., WANG, Y., LIU, Q., WU, H., Zhang, R., Zheng, L. Socio-economic factors related with the subjective well-being of the rural elderly people living independently in China. 2015. **International Journal for Equity in Health**, v. 14, n. 1, pp 1-9. DOI 10.1186/s12939-015-0136-4.

ZHU, S., LI, M., ZHONG, R., COYTE, P. C. The Effects of Co-Residence on the Subjective Well-Being of Older Chinese Parents. 2019. **Journal of Sustainability**, 2019, v. 11, 2090; DOI:10.3390/su11072090.

ZONIN, W. J.; NEUKIRCHEN, L. Organizadores. **Interdisciplinaridade sem Fronteiras: águas, alimentos, saberes, inclusão social e produtiva nos territórios da América Latina**. Curitiba: Editora CRV. 2020.

**APÊNDICE**

FORMULÁRIO PARA A ENTREVISTA COM OS  
AGRICULTORES FAMILIARES

## FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS

### PARTE 1 – PERFIL DO RESPONDENTE

- 1) Quantos anos possui? \_\_\_\_\_
- 2) Gênero: (    ) Feminino    (    ) Masculino
- 3) Estado civil: (    ) Solteiro(a)    (    ) Casado(a)    (    ) Viúvo(a) / Divorciado(a)    (    ) Outro
- 4) Qual é o seu grau de escolaridade?
 

(    ) Ensino Fundamental incompleto	(    ) Ensino Fundamental completo
(    ) Ensino Médio (2º grau) incompleto	(    ) Ensino Médio (2º grau) completo
(    ) Ensino Superior incompleto	(    ) Ensino Superior completo
- 5) Há quantos anos reside no campo? \_\_\_\_\_
- 6) Qual é a renda média familiar mensal? R\$ \_\_\_\_\_

### PARTE 2

Esta segunda parte da entrevista é focada para o aspecto da Felicidade. Procura-se identificar até que ponto a pessoa se sente Feliz em relação a alguns itens do dia a dia, e qual a percepção sobre a contribuição do item para a permanência no campo.

<b>ESCALA DE FELICIDADE</b>					<b>CONTRIBUI PARA A PERMANÊNCIA</b>				
									
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Estou Muito Infeliz	Estou Infeliz	Nem Feliz Nem Infeliz	Estou Feliz	Estou Muito Feliz	Contribui Muito pouco	Contribui pouco	Indiferente	Contribui	Contribui Muito



### PARTE 3

Com base nas dimensões propostas pelo Centro de Felicidade Interna Bruta, procura-se nesta entrevista identificar a percepção do agricultor familiar quando ao item que mais contribui para sua permanência no campo e qual o que menos o faz.

Escolher apenas **1 item** para **cada coluna**.

O que **MAIS CONTRIBUI** e

o que **MENOS CONTRIBUI** para a permanência no campo,

<i>Indique, qual dos itens MAIS contribui e qual MENOS contribuiu para que você continue no campo?</i>	<i>Mais contribuiu</i>	<i>Menos contribuiu</i>
Bem-estar Psicológico		
Sua Saúde		
Questões de Educação		
Culturas e Tradições		
Bom uso do Tempo entre Trabalho e Descanso		
Governo (Municipal, Estadual e Federal)		
Relacionamentos na Comunidade		
Questões de Ecologia e Respeito ao Meio-ambiente		
Padrão de vida - Bens que possui e Renda com seu trabalho		